

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

BERNARDO LUÍS TORRES KLIMSA

Estudo descritivo das interjeições da Língua Brasileira de Sinais - Libras

Maceió
2022

BERNARDO LUÍS TORRES KLIMSA

Estudo descritivo das interjeições da Língua Brasileira de Sinais - Libras

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva

Maceió
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

K65e Klimsa, Bernardo Luís Torres.
Estudo descritivo das interjeições da Língua Brasileira de Sinais - Libras /
Bernardo Luís Torres Klimsa. – 2022.
166 f. : il.

Orientador: Jair Barbosa da Silva.
Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió.

Bibliografia. f. 159-166.

1. Interjeição. 2. Discurso. 3. Língua brasileira de sinais. 4. Surdos. I. Título.

CDU: 81'221.24(81)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA




TERMO DE APROVAÇÃO

BERNARDO LUÍS TORRES KLIMS

Título do trabalho: “ESTUDO DESCRITIVO DAS INTERJEIÇÕES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS”

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Documento assinado digitalmente
 JAIR BARBOSA DA SILVA
Data: 23/05/2023 06:38:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGL/Ufal)

Examinadores:



Documento assinado digitalmente
Marianne Rossi Stumpf
Data: 18/05/2023 11:23:21-0300
CPF: ***.042.800-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)



Documento assinado digitalmente
Janine Soares de Oliveira
Data: 18/05/2023 21:51:06-0300
CPF: ***.095.667-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Janine Soares de Oliveira (UFSC)



Documento assinado digitalmente
ADEILSON PINHEIRO SEDRINS
Data: 28/03/2023 10:35:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGL/Ufal)



Documento assinado digitalmente
ALDIR SANTOS DE PAULA
Data: 22/05/2023 17:28:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGL/Ufal)

Maceió, 30 de novembro de 2022.

Para meus pais, **Bernhard Klimsa** (*In memoriam*) e **Maria José Torres Klimsa**, por terem me oportunizado, desde minha infância, todas as condições para a conclusão de meus estudos.

Dedico esta Tese à minha esposa
Sylvia Klimsa, pelo apoio
incondicional, incentivo e
cumplicidade em cada momento nos
últimos 16 anos.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, o Criador Supremo, por ter me dado a condição necessária para concluir este trabalho.

À querida irmã Cristiana, que me deu força e compartilhou comigo, mesmo à distância.

Ao meu sobrinho Otto, pela alegria e esperança.

À torcida das famílias Torres, Maia, Batista de Farias e Klimsa, pelo apoio, encorajamento e motivação constantes.

Ao amigo Roniero Diodato, pela motivação, colaboração e tradução desde o início até o fim.

Ao meu orientador, professor Jair Barbosa, por acreditar, apoiar e incentivar a realização desse projeto.

Aos professores das disciplinas cursadas do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL).

Aos professores doutores, Adeilson Pinheiro Sedrins, Aldir Santos de Paula, Janine Soares de Oliveira, Marianne Rossi Stumpf e Rodrigo Custódio da Silva por aceitarem o convite para compor a Banca Examinadora.

Aos intérpretes de Libras, por traduzirem e interpretarem em Libras durante os meus estudos de doutorado.

Ao tradutor Carlos Eduardo, pela contribuição e tradução.

Aos colegas de doutorado, pelo apoio e interação durante a etapa de formação.

Aos colegas de trabalho, pela vibração.

Aos demais queridos amigos, por terem sempre compartilhado minhas descobertas e frustrações.

À comunidade surda pernambucana, por ter acreditado em nossa luta, militância e convivência.

Às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

RESUMO

As interjeições são encontradas em todas as línguas humanas. Tendem a ser espontâneas, são intencionais e socialmente convencionais e, ao mesmo tempo, requerem ou não a existência de um ou mais destinatários. É um fenômeno linguístico que expressa sentimentos e emoções e se diferenciam de língua para língua por estar imersa em traços culturais. Na ação comunicativa demandam a presença de um interlocutor, no entanto, podem ser expressões isoladas com intuito de traduzir o estado emocional do falante/sinalizante. O objeto de nossa pesquisa são as interjeições da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Desta forma, o objetivo desta tese é descrever as interjeições como um fenômeno linguístico que acontece na interação discursiva de usuários surdos sinalizantes da Libras. Em nível mais específico, pretende-se: analisar como as interjeições se manifestam na Libras; compreender o uso das interjeições na Libras a partir do contexto discursivo entre usuários surdos; e identificar a função das interjeições na Libras. Optou-se por uma pesquisa do tipo qualitativa/descritiva com viés da linguística e como referencial teórico os estudos de Ameka (1992), Wierzbicka (2003), Marcuschi (2007), Rebello (2016), Felipe (1989), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira Brito (2010). Por considerarmos esta pesquisa pioneira na descrição e reconhecimento desse fenômeno linguístico na Libras, escolhemos o gênero textual piada por ser o que melhor representa a produção das interjeições de forma espontânea na Libras. O processo metodológico realizado contou com revisão da literatura, busca contextual, transcrição, análise e definição do material para composição do corpus, constante de 60 (sessenta) sinais de interjeições em Libras assim divididos: 35 (trinta e cinco) dos 4 (quatro) vídeos, 16 (dezesesseis) do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 9 (nove) e de Língua Brasileira de Sinais - Libras (Acessibilidade Brasil). Deste total, foram descritas 35 (trinta e cinco) dos vídeos e analisadas 25 (vinte e cinco) dos dicionários citados aqui. Os resultados comprovam que as interjeições são um fenômeno linguístico por sua natureza espontânea, emotiva e discursiva presente na Libras, presentes na interação entre usuários surdos sinalizantes sendo dependentes e compreendidas de acordo com o contexto em que acontecem.

Palavras-chave: Interjeição, Interação discursiva, Língua de Sinais, Libras, Surdos.

ABSTRACT

Interjections are found in all human languages. They tend to be spontaneous, they are intentional and socially conventional and, at the same time, they either require or not the existence of one or more recipients. It is a linguistic phenomenon that expresses feelings and emotions and differs from language to language because it is immersed in cultural traits. In communicative action, they demand the presence of an interlocutor, however, they can be isolated expressions in order to translate the emotional state of the speaker/signaler. The object of our research are the interjections of the Brazilian Sign Language – Libras. Thus, the objective of this thesis is to describe interjections as a linguistic phenomenon that occurs in the discursive interaction of deaf signers of Libras. On a more specific level, it is intended to: analyze how interjections are manifested in Libras; understand the use of interjections in Libras from the discursive context among deaf users; and identify the function of interjections in Libras. A qualitative/descriptive research was chosen with a linguistic bias and as a theoretical reference the studies of Ameka (1992), Wierzbicka (2003), Marcuschi (2007), Rebello (2016), Felipe (1989), Quadros and Karnopp (2004) and Ferreira Brito (2010). As we consider this research pioneer in the description and recognition of this linguistic phenomenon in Libras, we chose the textual genre joke as it best represents the production of spontaneous interjections in Libras. The methodological process carried out included a literature review, contextual search, transcription, analysis and definition of the material for the composition of the corpus, consisting of 60 (sixty) signs of interjections in Libras, divided as follows: 35 (thirty-five) of the 4 (four) videos, 16 (sixteen) from the Dictionary of Brazilian Sign Language: Libras in your Hands, 9 (nine) and from the Brazilian Sign Language - Libras (Accessibility Brazil). Of this total, we described 35 (thirty-five) of the videos and analyzed 25 (twenty-five) of the dictionaries mentioned here. The results show that interjections are a linguistic phenomenon due to their spontaneous, emotive and discursive nature present in Libras, present in the interaction between deaf signers, being dependent and understood according to the context in which they occur.

Keywords: Interjection, Discursive interaction, Sign Language, Libras, Deaf.

ABSTRAIT

Les interjections se trouvent dans toutes les langues humaines. Ils ont tendance à être spontanés, ils sont intentionnels et socialement conventionnels et, en même temps, ils nécessitent ou non l'existence d'un ou plusieurs destinataires. C'est un phénomène linguistique qui exprime des sentiments et des émotions et diffère d'une langue à l'autre car il est immergé dans des traits culturels. Dans l'action communicative, ils exigent la présence d'un interlocuteur, cependant, ils peuvent être des expressions isolées afin de traduire l'état émotionnel du locuteur/signalateur. L'objet de notre recherche sont les interjections de la langue des signes brésilienne - Libras. Ainsi, l'objectif de cette thèse est de décrire les interjections comme un phénomène linguistique qui se produit dans l'interaction discursive des signataires sourds de Libras. A un niveau plus spécifique, il s'agit de: analyser comment les interjections se manifestent en Libras; comprendre l'utilisation des interjections en Libras à partir du contexte discursif chez les utilisateurs sourds ; et identifier la fonction des interjections en Libras. Une recherche qualitative/descriptive a été choisie avec un biais linguistique et comme référence théorique les études d'Ameka (1992), Wierzbicka (2003), Marcuschi (2007), Rebello (2016), Felipe (1989), Quadros et Karnopp (2004) et Ferreira Brito (2010). Considérant cette recherche pionnière dans la description et la reconnaissance de ce phénomène linguistique en Libras, nous avons choisi le genre textuel blague car il représente le mieux la production d'interjections spontanées en Libras. La démarche méthodologique menée comprenait une revue de la littérature, une recherche contextuelle, une transcription, une analyse et une définition du matériel pour la composition du corpus, composé de 60 (soixante) signes d'interjections en Libras, répartis comme suit: 35 (trente-cinq) des 4 (quatre) vidéos, 16 (seize) du Dictionnaire de la langue des signes brésilienne: Libras dans vos mains, 9 (neuf) et de la langue des signes brésilienne - Libras (Accessibilité Brésil). Sur ce total, nous avons décrit 35 (trente-cinq) des vidéos et analysé 25 (vingt-cinq) des dictionnaires mentionnés ici. Les résultats montrent que les interjections sont un phénomène linguistique en raison de leur nature spontanée, émotive et discursive présente chez les Libras, présente dans l'interaction entre signeurs sourds, étant dépendante et comprise selon le contexte dans lequel elles se produisent.

Mots-clés: Interjection, Interaction discursive, Langue des signes, Libras, Sourd.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 - Interjeições e interrogações
- Figura 02 - Configuração de Mãos de Brito
- Figura 03 - Configuração de Mãos de Pimenta e Quadros
- Figura 04 - Configuração de Mãos de Felipe
- Figura 05 - Oh!
- Figura 06 - Ah!
- Figura 07 - Oh! terror!
- Figura 08 - Praza ao Ceo!
- Figura 09 - Praza ao Ceo!
- Figura 10 - Justo Ceo!
- Figura 11 - Meu Deus! / Praza ao Ceo!
- Figura 12 - Que é isto? / Saúde
- Figura 13 - Olá!
- Figura 14 - Oi
- Figura 15 - Tchau!
- Figura 16 - Dicionário da Língua Brasileira de Sinais
- Figura 17 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos
- Figura 18 - Ah!
- Figura 19 - Cuidado!
- Figura 20 - Fora!
- Figura 21 - Legal!
- Figura 22 - Oba!
- Figura 23 - Obrigado!
- Figura 24 - Tomara!
- Figura 25 - Bem-feito!
- Figura 26 - É mole!
- Figura 27 - Eu desisto!
- Figura 28 - Alívio!
- Figura 29 - Alívio!
- Figura 30 - Uau!
- Figura 31 - Ok!

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 01 - Pensar / Conhecer
- Imagem 02 - Bonito / Bom
- Imagem 03 - Estudar / Eu
- Imagem 04 - Quê / Não
- Imagem 05 - Flor / Palhaço
- Imagem 06 - Trabalhar / Vídeo
- Imagem 07 - Aprender / Sábado
- Imagem 08 - Flor / Férias
- Imagem 09 - Família / Vídeo
- Imagem 10 - Obrigado / Esquecer
- Imagem 11 - Trabalho / Vídeo / Cerâmica
- Imagem 12 - Para esquerda / Para direita
- Imagem 13 - Você / Eu
- Imagem 14 - Bonito / Bonitinho / Bonitíssimo
- Imagem 15 - Aprender / Conhecer / Estudar
- Imagem 16 - Ok
- Imagem 17 - Oh!
- Imagem 18 - Pshaw!
- Imagem 19 - Interjeição negativa enfática
- Imagem 20 - Interjeição negativa defensiva ou apologética
- Imagem 21 - Estado de aborrecimento
- Imagem 22 - Interjeição “naf”
- Imagem 23 - Interjeição “avva”
- Imagem 24 - Interjeição “uuu”
- Imagem 25 - Ah! / Ahá!
- Imagem 26 - Êi!
- Imagem 27 - Minhas pernas quase fugiram!
- Imagem 28 - Quem tomou meu café?
- Imagem 29 - A competição dos sapos
- Imagem 30 - O soldado surdo
- Imagem 31 - Interjeição de compreensão/afirmação

- Imagem 32 - Interjeição exclamativa de dúvida
- Imagem 33 - Interjeição de incredulidade
- Imagem 34 - Interjeição de chamado
- Imagem 35 - Interjeição de espanto/surpresa
- Imagem 36 - Interjeição de surpresa/terror
- Imagem 37 - Interjeição de chamamento
- Imagem 38 - Interjeição de dúvida e ironia
- Imagem 39 - Interjeição de estímulo
- Imagem 40 - Interjeição de desprezo
- Imagem 41 - Interjeição de estímulo
- Imagem 42 - Interjeição de alegria
- Imagem 43 - Interjeição de admiração
- Imagem 44 - Interjeição de satisfação e despedida
- Imagem 45 - Interjeição de alegria
- Imagem 46 - Interjeição de discordância
- Imagem 47 - Interjeição de dúvida/desconfiança
- Imagem 48 - Interjeição de espanto e surpresa
- Imagem 49 - Interjeição de apelo
- Imagem 50 - Interjeição de surpresa
- Imagem 51 - Interjeição de indignação/raiva
- Imagem 52 - Interjeição de impaciência/raiva
- Imagem 53 - Interjeição de chamamento/apelo
- Imagem 54 - Interjeição de alívio
- Imagem 55 - Interjeição de surpresa/espanto
- Imagem 56 - Interjeição de preocupação
- Imagem 57 - Interjeição de surpresa/susto
- Imagem 58 - Interjeição de alívio
- Imagem 59 - Interjeição de dúvida
- Imagem 60 - Olá!
- Imagem 61 - Olá!
- Imagem 62 - Tchau!
- Imagem 63 - Olá!
- Imagem 64 - Hi! (ASL)

Imagem 65 - Salut! (LSF)
Imagem 66 - Oi
Imagem 67 - Bom dia!
Imagem 68 - Boa tarde!
Imagem 69 - Boa noite!
Imagem 70 - Tchau!
Imagem 71 - Tchau!
Imagem 72 - Tchau!
Imagem 73 - Tchau!
Imagem 74 - Bye-Bye!
Imagem 75 - Bye-Bye! (ASL)
Imagem 76 - Adeus!
Imagem 77 - Au revoir! (LSF)
Imagem 78 - Atenção!
Imagem 79 - Obrigado!
Imagem 80 - Tomara!
Imagem 81 - Ufa!
Imagem 82 - Uau!
Imagem 83 - Viva!
Imagem 84 - Ouf! (LSF)
Imagem 85 - Phew! (ASL)
Imagem 86 - Ouah! (LSF)
Imagem 87 - Wow! (ASL)
Imagem 88 - Wow! (ASL)
Imagem 89 - Argh! (ASL)
Imagem 90 - OK! (ASL)
Imagem 91 - OK! (LSF)

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01 - Movimento
- Quadro 02 - ENM - Expressões Não Manuais
- Quadro 03 - Esquema do léxico
- Quadro 04 - Síntese das interjeições do vídeo “O soldado surdo”
- Quadro 05 - Síntese das interjeições do vídeo “A competição dos sapos”
- Quadro 06 - Síntese das interjeições do vídeo “Minhas pernas quase fugiram”
- Quadro 07 - Síntese das interjeições do vídeo “Quem tomou meu café”

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Tipo

Gráfico 02 - Valor

Gráfico 03 - Parâmetro utilizado

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana
CM	Configuração de Mão
DGS	Língua de Sinais Alemã
ELAN	Eudico Language Annotator
ENM	Expressões Não Manuais
GMA	Gesto Manual de Apoio
GU	Gramática Universal
IL	Item Lexical
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
ISG	Língua de Sinais Irlandesa
L	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua de Sinais Italiana
LIU	Língua de Sinais Jordânia
LSA	Língua de Sinais Argentina
LSC	Língua de Sinais Catalã
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSKB	Língua de Sinais Urubu-Kaapor
NGT	Língua de Sinais Holandesa
O	Orientação da Palma da mão
PA	Ponto de Articulação
SEESP	Secretária de Educação Especial
TID	Língua de Sinais Turca
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

Introdução: Olá!	19
CAPÍTULO 1 – Perspectivas teóricas: Nossa!	26
1.1 As línguas humanas	26
1.2 Considerações sobre as línguas de Sinais	32
1.3 A Língua Brasileira de Sinais - Libras	37
1.3.1 Estudos linguísticos da Libras	39
1.3.2 Aspectos fonológicos	40
1.3.3 O léxico da Libras	54
1.4 As interjeições na perspectiva dos estudos gramaticais e linguísticos	58
1.4.1 Percurso Histórico	59
1.4.2 Tipologia das interjeições	68
1.5 Estudos preliminares das interjeições em Línguas de Sinais	75
1.5.1 As interjeições na Língua Brasileira de Sinais – Libras	82
1.5.2 As interjeições em Libras em situação de intenção comunicativa.	85
CAPÍTULO 2 – Metodologia: Ah!	91
2.1 O percurso trilhado	91
2.2 Definindo o corpus	94
2.3 Instrumento de transcrição do corpus	95
2.4 Caracterização dos vídeos selecionados para compor o corpus	95
CAPÍTULO 3 - Descrição das interjeições em Libras: Legal!	98
3.1 Análises e discussões	98
3.1.1 Interjeições no vídeo 01	100
3.1.2 Interjeições do vídeo 02	106
3.1.3 Interjeições no vídeo 03	116
3.1.4 Interjeições no vídeo 04	125
3.1.5 Interjeições para saudações e despedidas	132
3.1.5.1 Saudando - Oi!, Olá! Bom dia!, Boa tarde!, Boa noite!	132
3.1.5.2 Despedida - Tchau! Adeus!	136
3.1.6 As interjeições nos dicionários de Libras	139
3.1.7 Considerações sobre a descrição das interjeições em Libras	151
Considerações Finais: Ufa!	156
Referências	159



Introdução: Olá!

O processo de comunicação entre os seres humanos sempre fez parte de todas as sociedades, seja através da linguagem no sentido mais amplo ou de uma língua específica. Enquanto linguagem, consideramos como toda e qualquer forma de comunicação utilizada pelos seres humanos como linguagem corporal, linguagem da dança, linguagem de trânsito, entre outras.

No que se refere à língua, além de ser um sistema estruturado de comunicação constituído por regras gramaticais, é compartilhada seja de forma oral ou sinalizada, por pessoas surdas ou ouvintes, e constituída através das identidades e culturas envolvidas no seio das comunidades linguísticas. As diversas línguas surgiram como parte da história das sociedades. À medida que surgem novas palavras/sinais vão se constituindo num processo como na história da humanidade devido à pressão evolutiva (JANSON, 2015). A partir desse princípio surge a necessidade de registrar o modo como a língua opera no ato comunicativo entre os indivíduos.

O fenômeno de surgimento das línguas não é objeto de aprofundamento teórico nesta tese, no entanto, é relevante salientar que as línguas partem da necessidade de interação entre os seres humanos, como exemplo, as línguas de sinais no processo de comunicação de pessoas surdas. Gesser (2009) aponta um fato interessante para o surgimento das línguas sinalizadas numa ilha nos Estados Unidos, visto que à medida que nascia uma pessoa surda sentia-se a necessidade de comunicação através da utilização de uma língua. Essa mesma língua requer um registro para se manter viva e conseqüentemente o aprofundamento gramatical e teórico em sua estrutura linguística a partir do seu uso.

Para o registro das línguas, tomando como referência as línguas orais, é relevante que se compreenda o sistema linguístico: sons, letras, palavras e o modo como as frases são constituídas. Para as línguas de sinais, esse sistema também foi reconhecido a partir dos estudos de Stokoe (1960) em que legitimou os sinais enquanto língua, definindo sua estrutura linguística começando pela descoberta dos parâmetros da língua de sinais.

Diante desses registros, tomamos como referência fundamental, enquanto argumento para construção desta tese, a obra *Iconographia dos sinais dos surdos*

mudos de Flausino José da Gama (1875), considerado a primeira obra de registro do léxico de língua de sinais do Brasil, em meados de 1875. A obra foi elaborada com a técnica da litogravura, contendo o registro dos sinais usados pelos surdos, na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, onde se fundou Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). No referido livro encontramos os primeiros registros de sinais em Libras, inclusive de interjeições utilizadas na época e que, de certa maneira, se perpetuaram e se disseminaram na Libras dando origem a outras interjeições.

Nessa perspectiva, a partir dos registros das interjeições baseados em Gama (1874), objeto de pesquisa desta tese, e como referência os estudos linguísticos de Stokoe (1960) que deram origem a outras obras de âmbito mundial, escolhemos três linguistas brasileiras: Ferreira Brito (1995; 2010); Felipe (1998; 2001) e Quadros e Karnopp (2004), que se configuram enquanto pesquisas relevantes para os estudos gramaticais da Libras. Após uma breve análise dessas produções, foi possível perceber que não há um aprofundamento descritivo no campo das interjeições em Libras, no entanto, em todas as obras as expressões faciais, enquanto parâmetro da Libras, corroboram como elemento fulcral para o uso das interjeições e como subsídio para o argumento central desta pesquisa.

Na obra *Libras em Contexto* (Felipe, 1997), a autora apresenta, de uma forma didática, elementos necessários para o ensino da Libras, de modo a contemplar o nível básico, a partir de dois objetivos: formar instrutores de Libras e capacitar professores para o uso desta língua em sala de aula. Embora essa obra com teor didático-metodológico esteja dividida em dois volumes, o primeiro como orientação para o professor, e o segundo para o aluno, não encontramos elementos interjetivos. Dito de outra forma, Felipe (1997), não trata do ensino das interjeições, no entanto, também enfatiza as expressões faciais enquanto componente comunicativo que favorece a compreensão dos enunciados entre os sinalizantes.

No livro *Língua de Sinais Brasileira - Estudos Linguísticos* (Quadros; Karnopp, 2004), prefaciado pela linguista Regina Maria de Souza, em que afirma que na referida obra as autoras nos fazem entrever os contornos de uma língua cujos fios fazem tecer identidades surdas. Dessa forma, embora Quadros e Karnopp tenham se debruçado numa análise sobre as questões gramaticais da Libras, não encontramos elementos que consolidam um estudo aprofundado sobre as interjeições em Libras. Segundo as autoras, as interjeições se apresentam com pouca frequência na Libras,

mas foi possível observar a partir do *corpus* desta tese o quanto as identidades e a cultura surda contribuem para robustecer o uso das interjeições entre os sinalizantes dessa língua de caráter viso-espacial.

A terceira obra analisada, *Por uma gramática de Língua de Sinais* (BRITO, 2010), a autora introduz seus escritos, afirmando que a Libras possui toda uma complexidade semelhante a qualquer sistema linguístico e que esse sistema possui universais linguísticos embora sejam manifestados por outra modalidade, como as mãos, por exemplo, e não de forma oral como na maioria das línguas humanas. No capítulo 9 da referida obra, a autora discorre sobre os atos de fala, porém, considera a questão do ritmo e da entonação (no caso dos sinais, o ritmo do enunciado e as expressões faciais) possivelmente sejam contemplados como parte do que é central à gramática de uma respectiva língua e não apenas como fator paralinguístico ou periférico (BRITO, 2010). Em virtude desse argumento, é possível inferir o quanto as expressões faciais, abordadas também nas duas obras anteriores, podem contribuir para a construção argumentativa da existência, usabilidade e compreensão das interjeições na Libras.

Face aos elementos encontrados mediante uma breve análise das obras citadas, consideramos superficiais, mas não menos importantes, os estudos preliminares das interjeições abordadas pelas autoras, mas isso não nos impossibilita de descrever, analisar e compreender o seu uso a partir da interação dos interlocutores surdos usuários da Libras.

De modo geral os estudos sobre as interjeições não são recentes. Já na Idade Média até a primeira metade do século XX, as reflexões giravam em torno do estatuto léxico-sintático da interjeição e de sua natureza emotiva (GONÇALVES, 2002). A partir de então, as indagações se ampliaram. Nesse período, diferentes abordagens levantaram algumas inquietações para o fenômeno interjetivo. Dentre elas, temos: (a). Se a interjeição é um ato do discurso; (b) se a interjeição é um fenômeno próprio da modalidade oral; (c) Se a interjeição é um marcador conversacional; (d) Se possui *status* morfossintático e/ou textual discursivo.

Essa contextualização refere-se às interjeições estudadas nas línguas orais, mas que nos permite contextualizar o fato de sua existência também em diversas línguas de sinais, assim como na Libras e que conseqüentemente, será registrada, analisada e tratada ao longo dos capítulos desta tese.

A interjeição apresenta-se como um marcador conversacional que se configura como parte da língua (Marcuschi, 2007), tem grande contribuição para compreensão das interjeições no contexto discursivo, pois demanda a presença de um interlocutor na ação comunicativa. Desse modo, as interjeições podem ser expressões isoladas com intuito de traduzir o estado emocional do falante/sinalizante ou no ato da fala em interação com um ou mais sujeitos. O fenômeno interjetivo, por sua natureza espontânea, emotiva, discursiva e léxico-gramatical, deixa, muitas vezes, entender que se trata de um recurso comunicativo simples, seja do ponto de vista da forma, seja de seu aspecto funcional/discursivo.

As interjeições expressam sentimentos, sensações, estados de espírito dos utentes da língua. A compreensão de uma interjeição depende da análise do contexto em que ela aparece. Quando é expressa por mais de um vocábulo, recebe o nome de locução interjetiva, pois esta é representada por frases resumidas formadas por sons vocálicos (Ah! Oh! Ai!), por palavras (Droga! Psiu! Puxa!) ou por um grupo de palavras (Meu Deus! Ora bolas!).

Estudos linguísticos mais atuais têm demonstrado que a interjeição apresenta propriedades complexas tanto na forma quanto no conteúdo / função discursiva. Dentre as propriedades formais, destacam-se: natureza lexical primária ou secundária (neste caso, quando derivadas de outras formas da língua: nossa!) Podem ser simples ou compostas (como ocorre com as locuções: “meu deus!”), de modo geral, são invariáveis. Quanto ao aspecto sintático, as interjeições têm autonomia semântica e podem ocorrer em diferentes posições na sentença: início, meio ou fim. No plano funcional, são comunicativamente autônomas, desempenhando várias funções discursivas (conativa, fática, cognitiva, interacional), além de explicitar afetividade e conteúdo semântico equivalente a orações (WIERZBICKA, 1991:2003, AMEKA, 1992; GONÇALVES, 2002; TEIXEIRA, 2009; CAIXETA, 2015).

Diante dessa problemática, surgiu a inquietação de compreender o fenômeno interjetivo que, sabidamente ocorre nas línguas orais, mas que também se apresenta nas línguas de sinais, especificamente na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Portanto, como problema de pesquisa, indagamos: de que modo as interjeições aparecem na Libras através da interação entre os usuários sinalizantes surdos pertencentes à comunidade surda brasileira? Por isso, objetivamos neste trabalho, *descrever as interjeições como um fenômeno linguístico que acontece na interação discursiva de usuários surdos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais.*

Como objetivos específicos: a) *analisar como as interjeições se manifestam na Libras*; b) *compreender o uso das interjeições na Libras a partir do contexto discursivo entre os sinalizantes*; e c) *identificar a função das interjeições na Libras*.

O motivo da escolha dessa temática vai ao encontro de minha experiência enquanto professor e pesquisador dos aspectos históricos, culturais, gramaticais e linguísticos da Libras. Outra razão que me impulsionou a pesquisar o uso das interjeições na Libras está de acordo com as obras analisadas, dentre elas *Língua de Sinais Brasileira - Estudos Linguísticos*, pois de acordo com Quadros e Karnopp (2004), as interjeições em Libras aparecem com pouca frequência. A partir desse argumento, e pelo fato dessa temática ser pouco estudada por pesquisadores da área no Brasil, contribuiu ainda mais para o nosso interesse pelo assunto.

O interesse em investigar o uso das interjeições na Libras surgiu durante o estudo das disciplinas do doutorado, após o início dos estudos sobre as classes gramaticais, e em uma das apresentações de trabalho numa disciplina. Foi discutido sobre a obra "Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos" (GAMA, 1875), que tratava sobre as categorias gramaticais. Diante disso foi feita uma pesquisa na obra citada, e comecei a refletir se realmente existia, ou não, interjeição em Libras. Numa busca nas redes sociais foi identificado, a partir de diálogos entre pessoas surdas, que num determinado contexto de conversação é possível perceber algumas interjeições que indicam emoções, sentimentos etc.

Investindo em novas buscas, foi possível identificar os sinais que podem ser utilizados como interjeições, como por exemplo: "Uau"! "Olá"! "Nossa"! Essas interjeições fazem sentido durante uma conversação, no entanto, Nas minhas pesquisas não foi possível encontrar qualquer obra que tratasse sobre esse conteúdo de forma aprofundada. Percebi o uso das interjeições durante o diálogo. Também que alguns sinais estão associados ao contexto da conversa e que vários representem as emoções e os sentimentos. Isso levou a uma compreensão do que foi discutido.

Devido ao uso das interjeições nas línguas orais para expressar emoções e sentimentos, muitas vezes utilizam sons, gestos vocais e físicos. Diferentemente das línguas orais, as línguas de sinais estão diretamente relacionadas com as expressões não manuais e intensificação do sinal. Essa afirmação se justifica por exemplo, a partir do uso da palavra "não" que nas línguas orais está atrelada aos sons e à articulação orofacial complementada com o uso de gestos. Paradoxo à forma que a

interjeição é utilizada na língua portuguesa, na Libras o sinal “não” pode ser acompanhado das expressões não manuais e gestuais.

Enquanto hipótese sobre as interjeições na Libras, levantamos o questionamento se são metáforas ou expressões idiomáticas, pois são categorias distintas por apresentarem sentidos diferentes a depender do contexto da conversação. A *metáfora*, por exemplo, de acordo com o dicionário Houaiss (2001, p. 2850), é a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. No caso das *expressões idiomáticas*, se constituem a partir de duas ou mais palavras que representam o sentido literal de uma ação, conforme Urbano (2008, p. 38) “aparecem com certa frequência no texto escrito, de modo esporádico ou mais planejado e estrutural, com maior ou menor fidelidade às formas originais ou retextualizadas”.

A partir da base teórica escolhida para elaboração desta tese e como subsídios para análises, foi possível perceber a gama de teorias que elencam as classes de palavras, bem como as categorias em que cada interjeição está inserida e que, de alguma forma, estão distribuídas nas diversas classes de sinais da Libras.

Outro ponto relevante que destacamos neste estudo diz respeito aos gêneros textuais orais, pois se referem ao uso da língua como ela acontece de fato na interação comunicativa entre seus usuários. Conforme observa Marcuschi, ao falarmos (e aqui incluímos quando sinalizamos), há o envolvimento de uma série de recursos expressivos como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. Ou seja, quando usamos recursos expressivos ao falarmos (ou sinalizamos), eles fazem parte da elaboração dos gêneros orais. Sendo assim, a fala não se realiza apenas na realidade sonora, dela fazem parte fatores linguísticos e extralinguísticos que juntos constituem os diversos gêneros existentes (MARCUSCHI, 2005).

Dito isto, é possível inferir a relevância desta pesquisa, pois, por investigar uma língua viva, é pertinente que as interjeições sejam identificadas, catalogadas e que possam, de alguma maneira, se enquadrar a uma das categorias gramaticais. Consideramos, portanto, que as interjeições podem ser encontradas em qualquer nível de análise linguística da gramática da Libras, no entanto, nossa investigação se debruçará sobre os aspectos lexicais e fonológicos que carregam em si os valores interjetivos. Sendo assim, contribuirá para a produção de novos conhecimentos especificamente na área da linguística descritiva da Libras.

Estruturamos a tese em três capítulos: No capítulo 1, apresentamos algumas perspectivas teóricas com uma discussão sobre as línguas humanas e as línguas de sinais, a Libras - Língua Brasileira de Sinais, e os aspectos linguísticos, abordando os estudos lexicais e fonológicos, tecendo considerações sobre importantes conceitos subjacentes às diferenças e especificidades das línguas orais e de sinais, com base em estudiosos da área e em estudos preliminares das interjeições em Línguas de Sinais. No capítulo 2, apresentamos o percurso metodológico, traçando detalhadamente as etapas para a realização desta pesquisa, desde o percurso trilhado, escolha, organização e os instrumentos de transcrição do *corpus* e caracterização dos vídeos selecionados. Já no capítulo 3, temos como foco o estudo das interjeições em línguas de sinais e é dedicado às análises e discussão dos resultados encontrados a partir da metodologia adotada. No último capítulo apresentamos as considerações finais.

Defendemos com nossa pesquisa sua relevância social, pois esta tese contribuirá para que a Libras, enquanto língua oficial da comunidade surda, se fortaleça à medida que possa subsidiar novas pesquisas que porventura sejam realizadas. Dessa maneira, será possível contribuir com a área com intuito de levantar elementos que permitam que a língua se perpetue, de geração a geração, e possamos coadjuvar de modo a evitar seu desaparecimento a partir dos registros, fruto de nossas análises.

CAPÍTULO 1 – Perspectivas teóricas: Nossa!

Neste capítulo, marcamos nossa base teórica com discussões sobre as línguas humanas, em que tecemos considerações sobre importantes conceitos subjacentes às diferenças e especificidades das línguas orais e de sinais com base em estudiosos da área. Avançamos as discussões sobre as línguas de sinais, e a Libras em especial, abordando os estudos linguísticos da Libras no nível fonológico e lexical. No final do capítulo nos debruçamos sobre o fenômeno das interjeições com base nos estudos de linguistas e gramáticos para fundamentar os objetivos de nossa tese sobre o fenômeno das interjeições em Libras.

1.1 As línguas humanas

A existência das primeiras línguas humanas é uma incógnita. O sumério e o egípcio, usados na escrita, até hoje possuem as mesmas características, o que nos faz crer que as primeiras línguas humanas datam de pelo menos cinco mil anos, idade aproximada dos primeiros textos escritos sobreviventes.

Por ser uma língua de um grupo minoritário linguístico, na literatura encontramos como um dos primeiros registros da existência de língua de sinais os trabalhos do Abade Charles Michel de L'Épée, em 1755, quando o religioso se interessa pela comunicação advinda de pessoas surdas que perambulavam pelos arredores de Paris, iniciando posteriormente um trabalho educacional com esses sujeitos.

Segundo Janson (2015), as línguas humanas são sistemas de comunicação altamente flexíveis e desenvolvidos. Pesquisas com bases ancestrais e estudos sobre as formas de comunicação dos primatas, especialmente de nossos ancestrais mais próximos – os chimpanzés e os bonobos -, parecem não usar sons para a comunicação em sistemas muito mais avançados do que diversos outros macacos. É importante ressaltar que a fala humana difere dos sons emitidos por outras espécies, visto que para todos os outros animais, o princípio geral da comunicação é um som específico para uma mensagem. A cada nova mensagem um novo som específico deve ser incluído, o que torna difícil a memorização de novos sons distintivos e de quando são necessários seus usos.

A fala humana se constrói a partir do princípio da combinação de um número restrito de sons em um número infinito de mensagens. Assim, uma língua pode

carregar cerca de trinta a quarenta sons de fala distintos que podem se combinar em cadeia formando um número ilimitado de palavras, permitindo-se, também, que as palavras sejam combinadas numa frase. (JANSON, 2015).

Por outro lado, quando pensamos nas línguas de sinais, pertencentes a comunidades de surdos de diferentes sociedades, por não utilizar sons da fala, o instrumento para transmissão de mensagens se constrói a partir da combinação dos movimentos das mãos, das expressões faciais e corporais em um determinado ponto que pode ser no espaço ou no toque de partes do corpo.

Segundo Pollich e De Wall (2007), notadamente, tanto humanos como animais, utilizam sons, bem como gestos na comunicação, buscando exprimir atitudes, intenções, informações, estados físicos e emocionais, de forma clara ou sutil, aos outros membros da espécie. Os gestos utilizam-se de expressões corporais e faciais tão vastas quanto o repertório das vocalizações.

Em todas as línguas, faladas ou sinalizadas, a fala às vezes é acompanhada, simultânea ou sequencialmente, por gestos que podem ser articulados manualmente ou não. Nas línguas faladas, os gestos manuais e não-manuais são, em sua maioria, mas não exclusivamente, articulados simultaneamente com o enunciado vocal (por exemplo, gesto de palma para cima ou encolher de ombros). Em contraste, em línguas de sinais, apenas gestos não-manuais comumente ocorrem simultaneamente com uma sequência de signos. Os signos e gestos manuais empregam os mesmos articuladores. Muitos desses gestos são transculturais, mas alguns são específicos da linguagem (KITA, 2009).

Chen, Gottesman e Krauss (2002 p. 272) argumentam que os “[...] gestos podem conter informações que não fazem parte da intenção comunicativa expressa no discurso [...]” deste modo, vemos que a gesticulação não apenas acompanha a fala, não sendo apenas um elemento redundante no discurso, mas pelo contrário, pode ser sim um complemento e revelar características e especificidades não comunicadas pela fala. Podemos mesmo pensar que os gestos então podem exercer influência sobre a própria fala.

De acordo com Butcher e Goldin-Meadow (2002 p. 236), “quando as pessoas falam, elas produzem uma variedade de tipos de gestos, e cada tipo tem uma característica concordante com o discurso em que ele ocorre”. E citando McNeill (1992), estes gestos podem ser: icônicos, metafóricos, marcações, coesivos ou dêiticos.

Os estudos de Cienki (2017) apresentam que os gestos podem ser metafóricos representados pela fala. Sendo espontâneos, têm seu conteúdo representado por meio de uma ideia abstrata; gestos rítmicos marcam palavras ou frases do discurso ou conteúdo pragmático; gestos dêiticos, caracterizados pelo apontamento para uma entidade concreta ou para espaços específicos; gestos icônicos, definidos pela representação da forma ou do movimento de entidades físicas, ou da relação entre essas entidades.

Para Butcher e Goldin-Meadow (2002), os gestos icônicos podem ser facilmente identificados tanto pela forma quanto pelo uso. Os gestos metafóricos são representações abstratas baseadas em aspectos culturais ou linguísticos. Além, destes dois grupos de gestos, temos: as marcações que indicam principalmente posicionamentos (locações), e os gestos dêiticos, usados para indicar pessoas, objetos ou mesmo locais. Completam as autoras que os gestos dêiticos ou coesivos também servem para conectar partes do discurso.

Uma distinção importante na classificação dos gestos diz respeito à origem dos gestos: os gestos podem ser específicos da língua ou da cultura, ou podem pertencer ao conjunto de gestos compartilhado por (quase) todos os idiomas, independentemente da modalidade. Fundamentalmente, ambos podem assumir funções lexicais e/ou gramaticais em uma língua de sinais.

Nas línguas de sinais, os gestos podem ser separados dos sinais que pertencem ao léxico dessas línguas. Os sinais possuem características linguísticas tais como: morfologia, sintaxe, entre outras e têm de seguir as normas gramaticais, o que não acontece com os gestos.

Na utilização dos gestos, um elemento importante não deve ser esquecido: o uso do espaço, o que McNeill (1992 p.155) chama de “utilização metafórica do espaço”. O espaço é usado tanto na gesticulação, quanto nas línguas de sinais, nas quais é um elemento gramatical.

Para Quadros (1997, p.50), a importância do espaço em Libras está no fato de que, “[...] a língua se processa espacialmente, em especial o estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal. Com isso locação espacial não pode ser considerada elemento secundário do discurso em uma língua de sinais.

Partindo desse princípio, podemos concluir que as Línguas de Sinais utilizadas pelas pessoas surdas ao redor do mundo não são invenções desse grupo minoritário. Atualmente são consideradas o modo natural mais eficiente para a comunicação dos

surdos, estando, antes de tudo, baseado na capacidade linguística primordial de todos os seres humanos.

Uma questão que não podemos deixar de refletir é sobre o que é uma língua. Sejam línguas orais ou de sinais, uma língua pode ser considerada um modo de falar ou de sinalizar, um sistema de comunicação usado por pessoas entre si. As línguas podem ser diferentes, em sons, vocabulário e gramática, mas também podem ser diferentes em modalidade – línguas orais/auditivas (por exemplo: o português e o inglês) e línguas viso/gestuais (como é o caso da Língua Brasileira de Sinais – Libras e a Língua de Sinais Americana – ASL).

Muitas línguas podem ter sistemas sonoros bastante semelhantes, como é o caso do português e do espanhol. Essas línguas compartilham boa parte do léxico, e a gramática de ambas não é muito diferente. Com as línguas de sinais, os itens lexicais também podem ser semelhantes, porém os estudos linguísticos dessas línguas são recentes e datam da década de 1960 a partir dos estudos do linguista americano William Stokoe, ponto que trataremos mais adiante.

Ao revisarmos a literatura, encontramos inúmeros conceitos de língua e linguagem, visto que esses temas foram estudados por diferentes correntes teóricas sobre diversas perspectivas, fazendo interfaces, também, com outras ciências. Sendo assim, é difícil encontrar, ou não há, um conceito fechado similar sobre língua e linguagem nas diferentes áreas do conhecimento.

Para Saussure (1975), a língua não se confunde com a linguagem, é apenas uma parte determinada, essencial dela. Ao mesmo tempo, considera também, a língua como um produto social da faculdade da linguagem (capacidade biológica do ser humano de usar a linguagem), um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo grupo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos, diferente da “Fala” que é individual.

“A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”. Sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designam respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1995, p.96).

Para o autor, a faculdade de constituir uma língua seria natural ao homem, embora seja ela própria uma convenção (Saussure, 1970, p.18). Para Saussure, a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união

do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (op. cit, p.23).

A assimilação da língua pelos grupos sociais é explicada pelo autor:

A língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1970, p.18).

Considerando essas afirmações, é possível entender por que Saussure afirma que os sujeitos, individualmente, não podem criar uma língua, ou mesmo modificar uma já existente. A língua é um fato social. “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem a criar nem a modificar; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (op. cit., p. 22).

Quadros & Karnopp (2004, p. 29-30) apontam que Saussure ([1916] 1995) e Chomsky (1995) reconhecem as investigações quando discutem sobre a interface “articulatório-perceptual” após estudos de Stokoe (1960) que demonstrou em seus estudos pontos importantes semelhantes entre as línguas orais e as línguas visoespaciais.

Saussure ([1916] 1995, p. 17) *apud* Quadros & Karnopp (2004, p. 30) ao discutir sobre a questão articulatório-perceptual, citando Whitney, o autor se refere:

(...) para Whitney, que considerava a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas.

Assim como Saussure, Chomsky (1995a, p. 434) *apud* Quadros & Karnopp (2004, p. 30) reconhece que:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvam a mesma interface (representação fonética) é controversa, e os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) são ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema output, mantendo o caso das línguas faladas.

Chomsky (1986) considera que a língua pode ser conceituada a partir de duas vertentes: (1) a língua-E (externa), definida como um conjunto possível de sentenças, associando som à palavra ao seu significado. Trata-se de um conceito técnico, pois considera a língua como instância da linguagem externalizada, ou seja, eventos de fala atuais ou potenciais; (2) Língua-I (interna), é um conjunto de regras e princípios que estão na cabeça dos falantes, ou seja, um elemento da mente da pessoa que conhece a língua que foi adquirida e é usada sistematicamente.

Chomsky (1998) argumenta que:

“Se todos os seres humanos estão aptos a adquirirem uma língua, a experiência vivida pelos sujeitos seria um “dado de entrada” no sistema (permitindo a assimilação de palavras e seus significados) e a língua propriamente dita, um “dado de saída”. Assim, para Chomsky, “cada língua em particular é uma manifestação específica do estado inicial uniforme” (p. 24).

O autor propõe uma teoria por ele intitulada de Gramática Universal - GU que pressupõe a existência de mecanismos inatos de uma matriz biológica que é transmitida geneticamente e fornece uma estrutura dentro da qual se dá o desenvolvimento da linguagem. Essa hipótese encontrou muita resistência durante anos e entre os estudiosos da área. Chomsky acredita que devemos pressupor uma matriz biológica, com características que possam ser especificadas e que determinem o resultado de qualquer processo ao qual o organismo seja submetido, embora estejamos muito longe de conseguir estabelecer correspondências entre entidades biológicas e entidades linguísticas.

Poderíamos definir “Língua” baseados em diferentes autores e correntes teóricas, porém esses estudos nos fazem perceber que as línguas não são apenas sistemas de comunicação. A comunicação é uma necessidade humana, e as linguagens oral e escrita são as formas mais comuns de comunicação. Por isso, pode-se dizer que: (a) a linguagem é natural do ser humano; (b) através da linguagem, o ser humano estrutura seu pensamento, traduz o que sente e o que quer, registra o que conhece, se comunica com os outros, produz significação e sentido; (c) o ser humano cria novas linguagens para expressar o que pensa, sente, deseja e para comunicar-se com seus semelhantes. A língua utilizada por um indivíduo para comunicação depende do grupo em que está inserido e retrata aspectos da sociedade em que a língua é usada, o que implica afinidade social e/ou política e uma cultura comum.

Para as pessoas surdas a comunicação se estabelece através das línguas de sinais em termos gestual-visual, em que gestual significa o conjunto de elementos linguísticos manuais, corporais e faciais necessários para a articulação e a significação visual e cultural do sinal. Nas línguas de sinais, enquanto o emissor constrói uma sentença a partir desses elementos, o receptor utiliza os olhos para entender o que está sendo comunicado. Desta forma, já que a informação linguística é percebida pelos olhos, os sinais são construídos de acordo com as possibilidades perceptíveis do sistema visual humano.

Depois dessas palavras iniciais sobre as línguas humanas, trataremos agora das questões relacionadas às línguas de sinais em um breve retrospecto histórico para, posteriormente, nos determos aos estudos linguísticos das línguas de sinais e da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

1.2 Considerações sobre as línguas de Sinais

As línguas de sinais, por muitos anos, não foram reconhecidas como línguas naturais porque acreditava-se que se tratava de variações das línguas orais ou mesmo que eram códigos simplificados apreendidos e transmitidos aos surdos, de forma geral.

Para Quadros e Karnopp (2004), o fato de se pensar que as línguas de sinais são meras traduções das palavras das línguas orais acontece pelo uso do alfabeto manual dessas línguas (datilologia) porque cada letra é representada por uma forma de mão diferente, ou seja, um sinal.

Como as línguas orais, as línguas de sinais surgem pela necessidade de comunicação e pelas relações sociais marcadas pelas condições culturais, sociais e econômicas de determinados grupos sociais (compostos de pessoas surdas) em diferentes países, sendo tão antigas quanto a própria humanidade.

No mundo todo utiliza-se diferentes línguas orais e de sinais. Esse fato desconstrói a crença de que as línguas são universais. Mesmo quando se apontam possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas humanas, alguns fatores favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma

comunidade linguística, como sua extensão e a descontinuidade territorial, além dos contatos com outras línguas.

As línguas de sinais, segundo Sacks (1998 p, 75), são uma forma natural e rica de comunicação, podendo expressar toda a gama de fatos, sejam abstratos, formais ou sentimentais, pois é “[...] continuamente modulada por dispositivos gramaticais e sintáticos de todos os tipos[...].” (p.75).

Para Sacks (1998 p.75) essa riqueza de dispositivos modulantes, bem como o uso dos espaços, fazem dessa forma de comunicação algo extremamente complexo e criativo, algo que não encontramos nas línguas orais. Para o autor: os recursos espaciais e gramaticais das línguas de sinais atribuem a estas “[...] uma qualidade divertida [...] seus usuários tendem a improvisar, brincar com os sinais [...]” (Ibidem p.103), permitem variações ou mesmo flexões aos radicais do sinal “[...]”. Para Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2007) essas flexões morfológicas são ditas classificadores, marcadores de localização e de intensidade.

Santarosa (2000) afirma que “língua” designa um sistema específico de signos que é utilizado por uma comunidade para comunicação. Portanto, as línguas de sinais são línguas naturais surgidas espontaneamente da interação entre os surdos com o propósito de atender às necessidades comunicativas de sua comunidade e podem expressar qualquer tipo de conceito, desde o descritivo, concreto, abstrato e emocional.

Karnopp & Quadros (2004) conceituam língua natural como

(...) uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários (KARNOPP & QUADROS, 2004, p.30).

Brito (1998, p.19) faz a seguinte afirmação sobre considerar-se línguas de sinais como naturais:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

Ao observar as características dos sinais, alguns estudiosos na década de 1960 começaram a ter interesse em pesquisar as línguas de sinais, mas os estudos

de William Stokoe (1978) foram pioneiros na área quando ele registrou a estrutura da Língua de Sinais Americana, o que reconheceu seu *status* de língua.

Em 1957, impulsionado pelas ideias de Saussure, Stokoe, na época professor do *Gallaudet College* em Washington/USA, levantou como hipótese que as línguas de sinais dos surdos poderiam ser consideradas "naturais" e, portanto, instrumento linguístico propriamente dito no sentido mais geral dado por Saussure (Behares, 1993; Rée, 1999). Desta forma, em 1960, ele concluiu a descrição de uma língua de sinais, como pioneira, da *American Sign Language* (ASL).

Stokoe focando seu trabalho na descrição dos sinais e na função que eles exercem na ASL, concluiu que "a atividade comunicativa das pessoas que usam esta língua é verdadeiramente linguística e suscetível a análise micro linguística do tipo mais rigoroso" (Stokoe, 1978, p. 67).

A partir dos estudos de Stokoe, diversas línguas de sinais passaram a ser descritas posteriormente seguindo, a maioria delas, a mesma classificação proposta por este autor, nos níveis linguísticos fonológico, morfológico e sintático.

Tais estudos influenciaram a educação dos surdos em diferentes partes do mundo e tornaram-se a base para que outras pesquisas em diversos países fossem desenvolvidas. E assim, as línguas de sinais deixaram de ser tratadas como um conjunto de símbolos visuais-manuais desarticulados e passaram a ser concebidas como "uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua" (Behares, 1993, p. 43). Além disso, comprovou-se que ao utilizá-la, são satisfeitas as mesmas funções e obtidos "os mesmos rendimentos processuais que se podem alcançar na utilização das línguas orais, mais antigamente conhecidas e reconhecidas" (Behares, 1993, p. 43).

Com base no modelo de descrição proposto por Stokoe (1978), diversas pesquisas buscaram aspectos diferenciais e específicos dessa nova língua complementando e aprofundando o conhecimento gramatical sobre ela. Nos anos 70, Battison citado por (Souza, 1998), identificou outro parâmetro fonológico – orientação da palma da mão – complementando os três descritos por Stokoe: à descrição de parâmetros secundários na organização fonológica dos sinais, como a disposição da mão (articulação realizada pela mão dominante ou pelas duas mãos), a orientação da(s) mão(s) e a região de contato (Klima & Bellugi, 1979) e, no nível sintático da língua, as relações pronominais e verbais desenvolvidas no espaço de enunciação

(Klima & Bellugi, 1979; Poizner, Klima & Bellugi, 1987; Emmorey, Bellugi & Klima, 1993; Amaral, Coutinho & Martins, 1994; Ferreira-Brito, 1995; Quadros, 1997; Quadros & Karnopp, 2004).

Segundo Brito (1995, p.29) “As pesquisas sobre as línguas de sinais têm demonstrado quão complexa, completa e rica pode ser uma modalidade gestual-visual de língua”. Apesar disso, as línguas de sinais só foram certificadas após comprovação da existência de todos os elementos formais necessários à comunicação e à elaboração do pensamento. (LACERDA, 2019, p. 24)

Ainda de acordo com Brito (1998, p. 19), as línguas de sinais são diferentes das línguas orais porque apresentam modalidades distintas. As línguas orais utilizam o canal oral auditivo, enquanto as Língua de Sinais (LS) utilizam o canal visual-espacial, articulando-se espacialmente e sendo percebidas visualmente. Ou seja, utilizam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos para transmitir significados que são percebidos por seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais.

As línguas de sinais são dotadas de toda a complexidade e utilidade encontradas nas línguas orais. E, assim como elas, possuem gramáticas próprias, com regras específicas em seus níveis linguísticos – fonológico, morfológico e sintático. Outro fator que as diferenciam é a estrutura sequencial no tempo. Enquanto as línguas orais são caracterizadas pela linearidade, pois os fonemas se sucedem sequencialmente, as línguas de sinais apresentam-se simultaneamente, já que os sinais possuem uma estrutura paralela, podendo também emitir sinais, envolvendo simultaneamente diversas partes do corpo do sinalizador.

Hoje já se sabe, como aponta Moura, (1993); Brito (1995); Quadros (1997a); Quadros & Karnopp (op.cit.); Fernandes (1998), que as línguas de sinais são estruturadas de todos os componentes pertinentes às línguas orais como, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada língua. Podem ser comparadas em complexidade e expressividade às línguas orais, pois expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários são capazes de discutir qualquer assunto: filosofia, literatura, política, esportes, trabalho, moda e utilizá-las com função estética para fazer poesias, contar histórias, criar peças de teatro e humor. Além de possuir

todos os elementos característicos de uma língua, demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra.

Mais recentemente, os estudos de Woodward (1996) apresentam uma caracterização interessante da distribuição das línguas de sinais no mundo identificando-as como locais e nacionais. As línguas de sinais locais são aquelas utilizadas por pessoas surdas de comunidades situadas em espaços geográficos específicos dentro de um mesmo país, incluindo-se nessa categoria as línguas de sinais indígenas e de comunidades isoladas que utilizam algum tipo de língua de sinais, por vezes tida como uma língua emergente. As línguas de sinais consideradas nacionais são aquelas utilizadas por várias comunidades de surdos de um mesmo país (QUADROS, 2019, p. 29).

Os estudos de Petitto (1994) revelaram que as línguas de sinais exibem padrões sociolinguísticos iguais aos das línguas faladas, ou seja, são percebidas mudanças linguísticas relacionadas ao tempo e expansão de léxico como empréstimos linguísticos e composição de sinais. Também foi observado que as línguas de sinais apresentam “sotaques” regionais na sinalização e na variação lexical (PETITTO, 1994). Da mesma forma que as línguas faladas, essas variações ocorrem de acordo com o *status* social, idade, sexo e formação educacional do usuário dessas línguas. Ademais, foi percebido que usuários das línguas de sinais também seguem as regras do discurso conversacional como polidez e alternância de turno (HALL, 1983; WILBUR e PETITTO, 1981, 1983).

Embora tenhamos diversos estudos sobre línguas de sinais em diferentes países, e apesar de existirem de forma natural em comunidades linguísticas de pessoas surdas, só recentemente foram reconhecidas política e socialmente (Karnopp, 2004). A Língua Brasileira de Sinais, por exemplo, só foi reconhecida em 24 de abril de 2002 pela Lei nº 10.436, após anos de luta dos surdos brasileiros por esse reconhecimento.

1.3 A Língua Brasileira de Sinais - Libras

O Brasil é um país considerado monolíngue, que tem o português como única língua oficial. Porém, existem em todo território nacional diferentes grupos que falam outras línguas, caracterizando-se como um país plurilíngue.

De acordo com Oliveira (2005), no país existem 210 línguas que são faladas por cerca de um milhão de cidadãos brasileiros que não têm o português como língua materna, e que nem por isso são menos brasileiros. Como exemplo, o autor coloca que 190 são línguas indígenas de vários troncos linguísticos (*Apurinã, Xoklêng, Iatê*) e 20 línguas são de imigração como o alemão, o italiano, o japonês que convivem ao lado do português, há 200 anos.

No leque das línguas indígenas, encontramos a Língua de Sinais Urubu-Kaapor – LSKB, utilizada por índios da tribo Urubu-Kaapor, da selva amazônica. Os indivíduos que usam essa língua são surdos de nascimento e fazem parte da população dessa tribo, cuja língua falada pertence à família tupi-guarani (FERREIRA-BRITO, 1993). A LSKB é utilizada por ouvintes e surdos dessa comunidade. De acordo com Ferreira-Brito (1993), a língua de sinais utilizada pelos índios Urubu-Kaapor difere-se sociolinguisticamente da Libras e, também, estruturalmente.

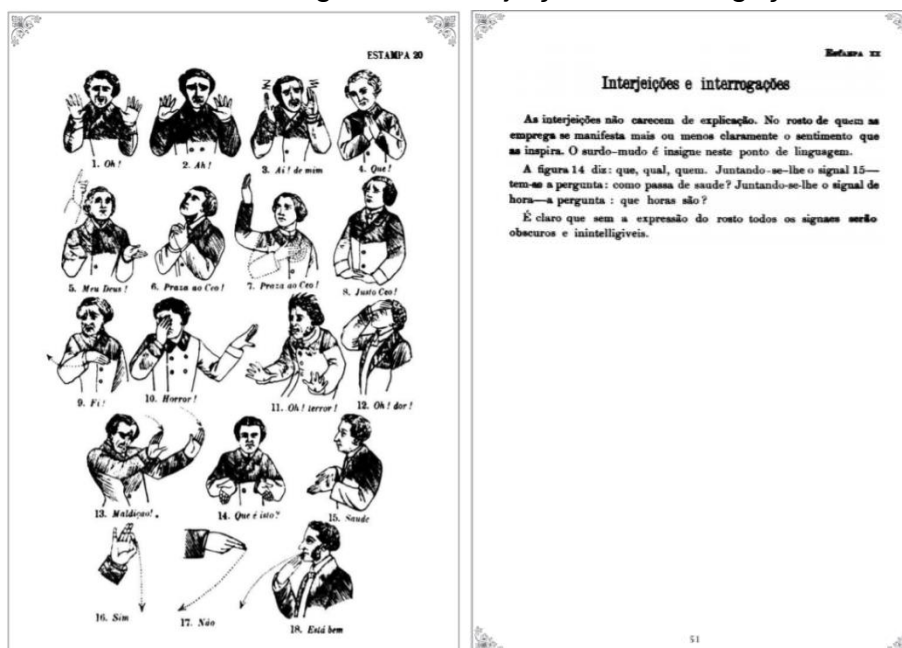
A história da Língua Brasileira de Sinais é marcada pela chegada do professor surdo francês, Eduard Huet, em 1855 a convite do imperador D. Pedro II, cujo objetivo era construir uma escola para pessoas surdas no país. Em 26 de setembro de 1857 os planos da construção da escola foram executados e fundou-se o “Imperial Instituto de Surdos-Mudos”, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, sediado na cidade do Rio de Janeiro (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2011).

O surgimento da Libras se deu a partir da mistura dos sinais utilizados pelos surdos de diversas regiões do Brasil que estudavam no INES e com aqueles que foram trazidos pelo professor Huet da língua de sinais da França. Em 1875, surge a primeira obra que registra os sinais praticados pelos surdos, na segunda metade do século XIX. O livro é um de dicionário iconográfico, intitulado “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”, produzido por Flausino José da Costa Gama, ex-aluno do INES que teve a ideia de criar a obra quando tomou conhecimento na biblioteca do Instituto do trabalho realizado pelo professor surdo Pellisier do Instituto de Surdos de Paris.

A obra de Flausino é composta por 382 sinais que foram categorizados em: “alimentos e objetos da mesa, bebidas e objetos da mesa, objetos para escrever, objetos da aula, individualidades e profissões, animais, pássaros, peixes e insetos e as categorias gramaticais: adjetivos, adjetivos (qualidades morais), pronomes e os três tempos absolutos do indicativo, verbos, advérbios, preposições, preposições e conjunções e finalizando com interjeições e interrogações”. No livro, as interjeições são definidas pelo autor:

“As interjeições não carecem de explicação. No rosto de quem as emprega se manifesta mais ou menos claramente o sentimento que as inspira. O surdo-mudo é insigne neste ponto de linguagem. É claro que sem a expressão do rosto todos os *signaes* serão obscuros e ininteligíveis” (GAMA, 2011, p. 51)

Figura 01: Interjeições e interrogações



Fonte: GAMA, 2011, p. 51

A partir do registro inicial feito por Flausino e com os avanços nas pesquisas da Libras no país, diversos autores como Quadros & Karnopp (2004), Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), entre outros que se dedicaram aos estudos linguísticos da Libras, referenciando os achados de Stokoe. E esses estudos influenciam até hoje a educação de surdos no Brasil.

Os estudos da Libras avançaram na área da linguística nos aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos e na descrição gramatical da língua. No livro “Por uma gramática de Língua de Sinais” de autoria de Ferreira-Brito, a autora traz uma visão geral dos aspectos linguísticos, enfocando a

morfologia e sintaxe, sistema de negação, pronomes em Libras e ASL, classificadores, correferência, modalidades epistêmicas e deônticas, termos básicos para cores, atos de fala (pedidos e estratégias de polidez em Libras), pesquisas de campo, sistema de transcrição de enunciados e textos em língua de sinais, sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais e finalizando o compêndio com os sinais para tempo e espaço em Libras e LSKB.

Seguindo os trabalhos de Ferreira-Brito, no volume III da Série Atualidades Pedagógicas, organizado pela pesquisadora, uma publicação da Secretaria de Educação Especial da SEESP, 1998, Felipe, na página 81, apresenta um artigo introdutório sobre a Gramática da Libras. Nele encontramos a descrição de categorias como: verbos, advérbios de tempo, adjetivos, comparativos de igualdade, superioridade, pronomes, numeral e tipos de frases. Embora as interjeições sejam citadas na obra de Flausino, ainda não havia referências nessas pesquisas sobre o fenômeno linguístico das interjeições, tema de interesse de nossa tese.

Sendo assim, apresentamos a seguir os estudos linguísticos da Libras com base nos trabalhos de Quadros e Karnopp (2004) que dão continuidade aos estudos de Ferreira-Brito (1982; 1995) e Felipe (1989), enfocando principalmente os aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe espacial da Libras. Para nossa tese, trazemos os níveis fonológicos e lexicais da Libras por justificarem teoricamente o fenômeno das interjeições na Libras.

1.3.1 Estudos linguísticos da Libras

A linguística enquanto ciência é responsável por investigações sobre a linguagem humana. Nas últimas décadas, ela vem crescendo como área de estudo, como disciplina acadêmica e por sua interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Segundo Robins (1981), em todas as formas de manifestação da linguagem, nas diferentes línguas humanas, em seus usos, em circunstâncias diversas são campo de investigação da linguística. Sendo assim, a linguística tem contribuído significativamente para as línguas vivas, usadas como meio de comunicação, e as línguas mortas através de registros escritos.

Quadros e Karnopp (2004, p. 16) *apud* Broglia et al (2019, p. 81) argumentam que:

Um dos mais importantes pressupostos é o de que a linguagem é restringida por determinados princípios (regras) que fazem parte do conhecimento humano e determinam se a produção é oral ou visoespacial, dependendo da modalidade das línguas (faladas ou sinalizadas), da formação das palavras, da construção de sentenças e textos (Quadros & Karnopp, 2004, p. 16)

Assim, as línguas de sinais contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos (QUADROS, 2004, p. 48).

A Libras, como todas as línguas humanas, possui os mesmos níveis linguísticos que as línguas orais, ou seja: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, compondo, desta forma, uma língua completa.

A seguir elencamos a fonologia, fazendo referência aos estudos na área da Língua Brasileira de Sinais nessa área.

1.3.2 Aspectos fonológicos

O termo fonologia tem sido usado não somente no contexto das línguas orais, mas nos estudos dos elementos que envolvem a formação dos sinais das línguas de modalidade viso gestuais.

O primeiro trabalho publicado, *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, por William Stokoe data de 1960, onde ele descreve a estrutura da ASL a partir da análise de seus elementos constituintes, tomando como base os sistemas descritos para as línguas orais, tendo como de partida o pressuposto Saussuriano de que existem princípios gerais que são comuns a todas as línguas (STOKOE, 1978).

Stokoe propôs um termo denominado *quirológia*, cuja função é promover a comunicação no sistema linguístico das línguas de sinais, permitindo a transmissão da mensagem. Os *quiremas* escolhidos foram analisados a partir do contínuo de movimentos gestuais, identificados e descritos em três tipos: ponto de articulação, configuração e movimento da mão. Posteriormente, Battison (1974), Klima e Bellugi complementam dois outros parâmetros que foram acrescentados às pesquisas da fonologia de sinais: a orientação da mão e as expressões não manuais.

Os sinais selecionados por Stokoe foram analisados, considerado-se a combinação dos três *quiremas* em suas diversas combinações. Os sinais formados a partir das unidades responsáveis pela composição do sistema sintático consistem nos

morfemas da ASL, sendo esses então, as menores unidades da língua que contém significado e, por isso, passíveis de serem isolados do sistema quando na descrição linguística da ASL.

Quadros (2004, p.47) define a fonologia das línguas de sinais da seguinte forma:

Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.47).

Ao estudar a estrutura interna da ASL, Stokoe seguiu a tendência estruturalista da época, transpondo a nomenclatura e conceitos linguísticos das línguas faladas e a utilizar os termos fonema e fonologia nos estudos linguísticos das línguas de sinais.

Na Língua Brasileira de Sinais, como nas demais línguas de sinais, os articuladores primários são as mãos que se movimentam no espaço e articulam sinais em determinadas locações nestes espaços. Os sinais, na Libras, são formados pela combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um lugar específico, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo (Felipe, 2001). Em outras palavras, na formação dos sinais da Libras, os seguintes parâmetros são considerados: configuração das mãos, localização, movimento, orientação das palmas das mãos e traços não manuais.

A configuração de mão (doravante, CM), de acordo com Strobel & Fernandes (1998), é definida como a forma assumida pela mão durante a articulação de um sinal, podendo ser realizado com uma ou duas mãos. A locação da mão ou ponto de articulação é o lugar do corpo onde o sinal será realizado. Já o movimento demonstra o deslocamento da mão durante a execução do sinal, possuindo diferentes formas e direções. Além disso, os sinais podem ter ou não movimento. O parâmetro orientação da mão, de acordo com Quadros (2004), é a direção que a palma da mão indica na realização do sinal. Os componentes não manuais, ou seja, as expressões faciais e corporais, distinguem significados entre sinais. Além disso, podem traduzir tristeza, alegria, medo, raiva, mágoa, amor, encantamento e desencantamento, entre outros

sentimentos. Podem indicar afirmação, negação, interrogação e exclamação. Algumas dessas diferenças podemos perceber pelas imagens a seguir:

- a. Sinais que diferem quanto à configuração de mão

Imagem 01: Pensar / Conhecer



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

- b. Sinais com ponto de articulação em diferentes locais, boca, testa

Imagem 02: Bonito / Bom



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

- c. Sinais que divergem quanto ao movimento

Imagem 03: Estudar / Eu



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

d. Componentes não manuais, expressões faciais

Imagem 04: Quê / Não



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Uma das tarefas de um investigador de uma língua de sinais particular é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm um caráter distintivo. Isso pode ser feito comparando-se pares de sinais que são minimamente diferentes. Os parâmetros fonológicos estão ilustrados nas imagens abaixo, em que se observa que o contraste de apenas um dos parâmetros provoca diferença no significado dos sinais.

Pares mínimos na Libras:

e. Sinais que se opõem quanto à configuração de mão

Imagem 05: Flor / Palhaço



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

f. Sinais que se opõem quanto a movimento

Imagem 06: Trabalhar e Vídeo



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

g. Sinais que se opõem quanto à locação

Imagem 07: Aprender / Sábado



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

No primeiro exemplo, os sinais 'flor' e 'palhaço' opõem-se quanto à configuração de mão, enquanto são semelhantes na realização do movimento e da locação. No segundo exemplo, os sinais 'trabalhar' e 'vídeo' opõem-se quanto ao movimento, sendo semelhantes na produção de configurações de mão e locação. No último exemplo, os sinais 'aprender' e 'sábado' apresentam diferentes locações, mas são semelhantes na produção de configurações de mão e de movimento.

Configuração de mãos (CM)

Refere-se às formas que as mãos assumem na produção dos sinais que podem ser datilologia ou outras formas feitas pela mão dominante (mão direita para os destros e/ou esquerda para os canhotos) ou pelas duas mãos.

A datilologia, ou alfabeto manual, segundo Felipe e Monteiro (2008), é a representação da palavra letra-a-letra feita manualmente e usada para expressar

nomes próprios de pessoas, de localidades e outras palavras que ainda não possuem um sinal da língua de sinais.

Na Libras, foram identificados, até o momento,) 64 (sessenta e nove configurações de mãos (Brito, 1995; Felipe, 2001; Pimenta e Quadros, 2008).

Figura 02: Configuração de Mãos, de Brito



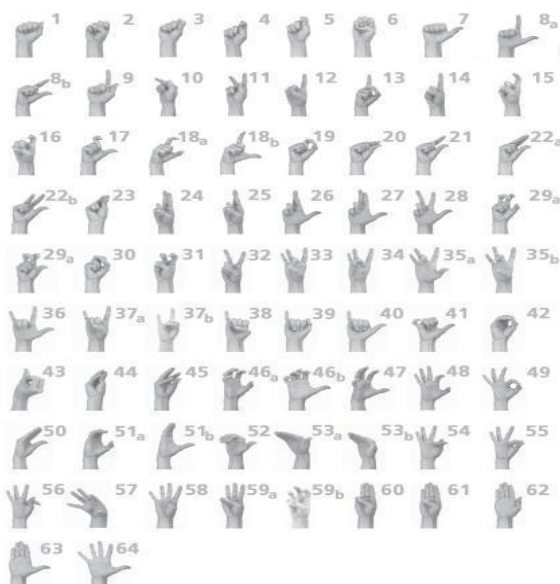
Fonte: Brito, 1995

Figura 03: Configuração de Mãos de Pimenta e Quadros



Fonte: Pimenta e Quadros, 2008

Figura 04: Configuração de Mãos, de Felipe



Fonte: Felipe, 2001

Cada configuração de mãos forma um número infinito de sinais. A configuração de mãos em F, por exemplo, é usada na produção dos sinais de FLOR e FÉRIAS, como mostra as imagens abaixo.

Imagem 08: Flor / Férias



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Ponto de articulação e/ou Localização (PA)/(L)

Sobre o ponto de articulação, Stokoe (1960) salienta que o sinal pode ser realizado a partir do toque em alguma parte do corpo do sinalizador, ou no espaço

neutro, localizado logo à frente do corpo desse, mas sem tocá-lo. Ou ainda tocando alguma parte da outra mão (na mão de apoio, mão não dominante ou mão passiva).

Os pontos de articulação podem estar em pontos da face, do tronco, dos braços, das mãos e dos dedos.

De acordo com Passos (2014, p. 45), as principais locações dividem-se em:

- **Cabeça:** topo da cabeça, testa, rosto, olhos, nariz, bochecha, queixo, etc.;
- **Tronco:** pescoço, ombro, busto, estômago, cintura;
- **Braço:** antebraço, cotovelo, pulso;
- **Mão:** palma e dorso da mão, dedos (anular, médio, indicador, polegar, mínimo), ponta dos dedos, etc.;
- **Espaço neutro:** espaço livre localizado à frente do corpo.

Os sinais FAMÍLIA e TRABALHAR são feitos no espaço neutro (em frente ao corpo), e os sinais OBRIGADO E ESQUECER são feitos na testa, como ilustra as figuras a seguir.

Imagem 09: Família / Vídeo



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Imagem 10: Obrigado / Esquecer



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Movimento (M)

O movimento é um dos parâmetros fonológicos que constituem as unidades mínimas da Libras, o qual conta com a configuração da mão e orientação de sua palma, ponto articulatorio e expressões não-manuais. Assim, nas línguas de sinais o movimento é crucial para explicar a natureza gramatical destas línguas. E, esta tese, ao analisar o movimento em Libras, contribui para ampliar o conhecimento acerca das interjeições em Libras.

Esse parâmetro envolve desde os movimentos internos das mãos, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço até o conjunto de movimentos no mesmo sinal (Klima e Bellugi, 1979). Nos movimentos internos das mãos, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se, fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças na configuração das mãos. O movimento que a mão descreve no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares, em várias direções e posições (Brito, 1995).

As mudanças no tipo do movimento servem para distinguir itens lexicais, como por exemplo, diferenciar nomes de verbos. Pares de nomes e verbos divergem pelo tipo de movimento do sinal, visto que o nome repete ou reduplica a estrutura segmental do verbo. PASSOS (2014, p. 45).

Quadros e Karnopp (2004, p. 56), *apud* Ferreira-Brito (1990) categorizam o parâmetro movimento como sendo de Tipo, Direcionalidade, Maneira e Frequência como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 01: Movimento

Tipo	<p>Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual</p> <p>Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado</p> <p>Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar</p> <p>Torcedura do pulso: rotação, com refreamento</p> <p>Dobramento do pulso: para cima, para baixo</p> <p>Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>
-------------	--

Direcionalidade	<p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> • Unidirecional: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial • Bidirecional: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para as laterais opostas - superior direita e inferior esquerda. <p>Não-direcional</p>
Maneira	<p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • contínuo • de retenção • refreado
Frequência	<p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> • simples • repetido

Fonte: Ferreira-Brito (1990)

Os exemplos a seguir ilustram diferentes movimentos nos sinais. No sinal de TRABALHO, as mãos realizam movimentos alternados para frente e para trás; no sinal de VÍDEO, as duas mãos se movimentam ao mesmo tempo, realizando movimento curvo para frente; já no sinal de CERÂMICA as mãos se movem para o lado direito do corpo.

Imagem 11: Trabalho / Vídeo / Cerâmica





Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Orientação da palma da mão (O)

É a direção pela qual a mão aponta na produção do sinal (Quadros e Karnopp, 2004). Pode ser para cima, para baixo, para o corpo, para frente. PARA A ESQUERDA ou PARA A DIREITA (Brito, 1995)

Imagem 12: Para esquerda / Para direita



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Alguns sinais podem ter uma direção e uma inversão, dando a ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal. No sinal de VOCÊ, a palma da mão, configuração de mãos em D, aponta para direção e a inversão, no sinal de EU.

Imagem 13: Você / Eu



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Expressões não manuais (ENM)

As expressões não manuais (doravante ENM) como movimento da face, da cabeça ou do tronco exercem dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais.

Segundo Cole (1998), as expressões faciais assumem várias funções. Boa parte dos estudos concentra-se nas expressões faciais emocionais (afetivas). No entanto, muitos autores destacam a ambiguidade do conceito da emoção humana, como Ekman, Friesen & Ellsworth (1982). Assim, qualquer estudo que pretenda diferenciar as expressões faciais emocionais das não-emocionais é passível de críticas.

Sandler e Lillo-Martin (2006) defendem que as ENMs são empregadas de duas formas: uma não linguística e outra linguística, classificando-as como traços prosódicos de entonação em línguas de sinais – suprasegmentais que contêm marcas de duração, tom e intensidade – da mesma maneira que pesquisadores de línguas orais têm classificado as expressões faciais (doravante EFs) em línguas faladas.

Quando as expressões não-manuais da Libras têm função sintática, marcam sentenças interrogativas (Sim/Não), interrogativas QU-, orações relativas, topicalização, concordância e foco. Duas expressões não-manuais podem ocorrer ao mesmo tempo, como é o caso de marcações de interrogação e negação, balançando-se a cabeça para os lados, franzindo-se as sobrancelhas e movendo-se o tronco à frente, e inclinando-se finalmente a cabeça para trás. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60).

As ENM quando constituem itens lexicais, marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau de aspecto.

Investigações acerca das EMNs da American Sign Language (ASL) revelaram a existência de diferentes comportamentos para expressões afetivas ou gramaticais (REILLY; MCLNTIRE; SEAGO, 1992; REILLY, 2006; ELFENBEIN, 2013). Para Reilly (2006), embora os músculos faciais utilizados para a demonstração de emoções sejam os mesmos acionados para o desempenho de questões linguísticas, o comportamento emocional-afetivo não precisa necessariamente da linguagem, enquanto ENMs linguísticas geralmente coocorrem com a realização dos sinais.

A posição da cabeça, do corpo, da sobrancelha e da testa, do nariz, do olhar e as bochechas nos dão informações de itens lexicais ou indicam o começo ou o final de uma oração.

Segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995), baseados nos estudos de Baker (1983) identificaram as expressões não manuais na Libras, quadro abaixo. Importante ressaltar que duas ENM podem ocorrer simultaneamente como as marcas de interrogação e negação.

Quadro 02: ENM - Expressões Não Manuais

Rosto	<p>Parte superior</p> <ul style="list-style-type: none"> ● sobrancelhas franzidas ● olhos arregalados ● lance de olhos ● sobrancelhas levantadas <p>Parte inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> ● bochechas infladas ● bochechas contraídas ● lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas ● correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha ● apenas bochecha direita inflada ● contração do lábio superior ● franzir do nariz
Cabeça	<ul style="list-style-type: none"> ● balanceamento para frente e para trás (sim) ● balanceamento para os lados (não) ● inclinação para frente ● inclinação para o lado ● inclinação para trás
Rosto e Cabeça	<ul style="list-style-type: none"> ● cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas ● cabeça projetada para trás e olhos arregalados
Tronco	<ul style="list-style-type: none"> ● para frente ● para trás ● balanceamento alternado dos ombros ● balanceamento simultâneo dos ombros ● balanceamento de um único ombro

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995)

O uso de expressões faciais na comunicação tem uma clara base evolutiva. Porém, a maioria dos autores assume que as expressões não-linguísticas afetivas referem-se às expressões que transmitem verdadeira emoção e também às expressões utilizadas durante a comunicação para transmitir o teor emocional de um

evento passado. Destacam que este último pode ser considerado por alguns como um componente pragmático.

As expressões afetivas podem ser usadas independentemente de elementos linguísticos, uma vez que é possível traduzir emoção através do olhar, da postura, dos gestos ou revelar função fática e diferentes comportamentos, por meio da entoação da voz ou das posições do corpo. E pensando nas línguas sinalizadas por meio do uso de multicanais, ou seja, das expressões não manuais e das expressões manuais associadas às configurações de mãos.

Segundo Reilly (2006), “ao contrário do que ocorre com as expressões gramaticais não-manuais nas línguas de sinais, as emocionais são variáveis quanto à sua intensidade, e a sua duração é inconsistente”. Podem co-ocorrer com a “pronúncia” ou existir independentemente de um comportamento linguístico (p.266-267). Isso nos permite concluir que os sinais não-manuais gramaticais dependem de regras linguísticas específicas (ANATER, 2009, p.89).

As expressões afetivas ocorrem independentemente de elementos linguísticos, pois as emoções são expressas pelo olhar, postura, gestos. Reilly (2006) especifica que as expressões emocionais possuem intensidade, duração e ocorrência variáveis. Podem co-ocorrer com a “pronúncia” ou existir independentemente de um comportamento linguístico (p.266-267).

Já as expressões não-manuais linguísticas possuem comportamento fixo, e exigido em um momento específico. Um exemplo no estudo de Sandler & Lillo-Martin (2001) demonstra tal comportamento. Os autores destacam que há diferença no uso das expressões faciais em sinalizantes, em que exibem características entonacionais, com padrão fixo. Ao passo que nas línguas orais as expressões são aleatórias e opcionais.

Para exemplificar sinais que envolvem expressão facial, movimento corporal e olhar, temos: BONITO, BONITINHO e BONITÍSSIMO, no qual o sinal é o mesmo, mudando apenas a expressão facial.

Imagem 14: Bonito / Bonitinho / Bonitíssimo



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Dando continuidade às discussões, seguiremos apresentando o Léxico da Libras a seguir.

1.3.3 O Léxico da Libras

O léxico é uma espécie de acervo de palavras de uma língua, configurando-se, portanto, como um dos responsáveis por abrigar e representar o patrimônio cultural de um povo. Os falantes de um idioma não são capazes de dominar completamente o léxico de sua língua materna. Isso porque a mutabilidade do léxico, sua principal característica, é uma barreira para que isso aconteça. No caso da Libras, os itens lexicais são os sinais.

De acordo com Biderman (1998, p. 179) *apud* Farias Klimsa (2014, p. 98), qualquer sistema léxico vem da experiência acumulada de uma determinada sociedade e de seu acervo cultural através das idades. Os membros dessa sociedade são agentes ativos no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua, pois as mudanças ocorridas na sociedade acarretam mudanças nos usos vocabulares. Dessa forma, o léxico se expande, se modifica e, às vezes, se contrai. Seus usuários – os falantes – são aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua.

O léxico, segundo Marcuschi (2004, p. 270), “é o nível da realização linguística tido como o mais estável, irregular e até certo ponto incontrolável”. Ou, nas palavras de Krieger (2006, p. 160), “é um componente de muitas faces”. Isso significa dizer que o léxico das línguas naturais é um componente aberto, infinitamente inesgotável e renovável porque constantemente surgem novas palavras. Na Libras, a partir de seu reconhecimento pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a ampliação lexical ganhou força, principalmente com o acesso de surdos à educação superior. No campo acadêmico, em diferentes áreas do conhecimento, novas pesquisas foram impulsionadas com a criação do curso de Licenciatura em Letras/Libras em 2006, que contribuiu para a difusão de novos sinais, conseqüentemente na descrição de seus aspectos gramaticais.

O Léxico da Libras configura-se como um conjunto de sinais usados por diferentes comunidades de surdos oriundos de diversas regiões brasileiras. Da mesma forma que nas línguas orais, a Libras apresenta uma variação de seus itens lexicais, visto que incorporam a cultura local fazendo com que encontremos sinais/termos diferentes para o mesmo referente. Da mesma forma, as línguas de sinais incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas como os empréstimos linguísticos. Pizzio (2011) argumenta que o mesmo acontece nas línguas de sinais, embora esta sofra um processo de lexicalização, moldando-se às regras da língua de sinais brasileira.

Diferente das línguas orais, as línguas de sinais apresentam propriedades únicas no léxico. Essas propriedades são fundamentais para a compreensão da língua como um todo e relevantes para vários aspectos do próprio sistema gramatical. A *flexibilidade* e *versatilidade*: são propriedades que permite várias possibilidades de uso em contextos diversos, com funções diferentes (perguntar, declamar poesias, pensar etc.). Quando palavras ou sinais são convenções reconhecidas pelos falantes, damos o nome de *arbitrariedade*; ou seja, palavras ou sinais não apresentam relação direta entre a forma e o significado. A *descontinuidade* são diferenças mínimas entre as palavras. E os seus significados são descontinuados por meio da distribuição que apresentam nos diferentes níveis linguísticos, como exemplo, o sinal de SURDO e MORENO (mesma locação e configuração de mãos, pequena mudança no movimento) que apesar de sutis nunca são confundidos. Outra propriedade é a que se refere à *criatividade/produktividade*, podemos dizer o que quiser e de muitas formas uma determinada informação seguindo um conjunto finito de regras. A partir desse

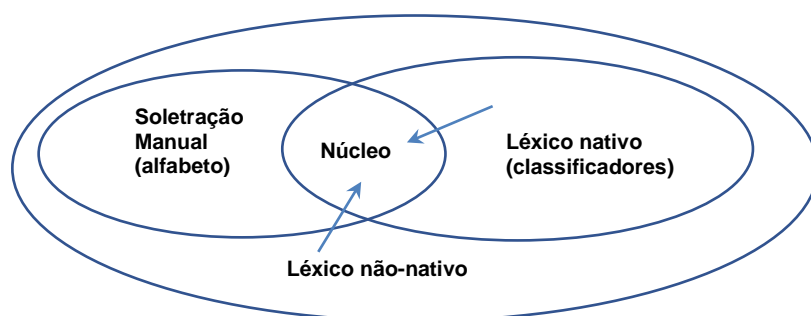
conjunto, se pode produzir uma sentença infinita nas línguas humanas. As línguas humanas apresentam *dupla articulação*: a primeira é das unidades menores sem significado; e a segunda, das unidades que, combinadas, formam unidades com significado. Sendo *padrão*, as línguas têm um conjunto de regras compartilhadas por um grupo de pessoas e finalizando com *dependência estrutural*, relação estrutural entre os elementos da língua, ou seja, eles não podem ser combinados de forma aleatória. Também é observada uma dependência estrutural entre os termos produzidos nas línguas de sinais. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009)

De acordo com Vilarinho (2013, p. 23 e 24), o léxico está submetido às regras da gramática de uma língua. No entanto, o léxico pode ser considerado autônomo, porque contém os significados. E, sem o léxico, a gramática não teria unidades para normatizar. O léxico é uma abstração que contém as estruturas que formam as palavras, porque é o elemento provedor de conceitos e de significados da língua, de modo que a provisão pode se dar em estruturas regulares ou irregulares. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 50 apud FARIAS KLIMSA, 2016, p. 99).

Existem várias maneiras de categorizar o léxico. A mais ampla, o léxico nativo e o léxico não nativo. As formas não nativas são derivadas ou mostram influências das palavras/sinais de alguma outra língua. E as nativas pertencem à própria língua, ou pelo menos fazem parte dela por muito tempo.

De acordo com os estudos de Brentari e Padden (2001), o léxico pode ser composto por: léxico nativo e léxico não-nativo. Uma maneira visual de compreender esse processo, de acordo com os autores aqui citados, pode ser percebida no gráfico abaixo.

QUADRO 03 – Esquema do Léxico



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88)

O léxico nativo são os sinais criados e já internalizados pelos falantes, ou sinalizantes, da Libras. Como exemplos de unidades lexicais nativas, temos os seguintes sinais: APRENDER; CONHECER; ESTUDAR.

Imagem 15: Aprender / Conhecer / Estudar



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

O léxico não-nativo contém palavras em português que podem ser soletradas manualmente e são consideradas empréstimos linguísticos, sendo utilizadas com menor frequência no léxico da Libras. Essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira.

Seguindo a proposta de Battison (1978), algumas palavras do português podem ser emprestadas à língua de sinais brasileira via soletração manual, como exemplo: SOL = SL. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 88), a soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configuração de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português.

O léxico da Libras, assim como os de qualquer língua oral ou de sinal, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. No passado, havia uma ideia de que a Libras era uma língua inferior, desprovida de riqueza gramatical, pois apresentava um número reduzido de sinais. No entanto, esse fato pode acontecer com qualquer língua que não é usada em todos os setores da sociedade

ou que é usada numa cultura distinta da que conhecemos, podendo não apresentar vocabulários para determinado campo semântico.

Entretanto, isso não significa que essa língua seja despretensiosa. Além do que, potencialmente, ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar sinais para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade de surdos de diferentes lugares do país.

Como parte integrante de uma língua, concordamos com Krieger (2006, p. 160) quando o autor argumenta que o “léxico das línguas naturais é um componente aberto, infinitamente inesgotável e renovável porque constantemente surgem novas palavras”. Autônomo ou submetido às regras gramaticais é no léxico que defendemos que o fenômeno das interjeições se situa na Libras., pois é por meio do léxico da língua que seus usuários mantêm interação comunicativa e expressam seu estado mental.

A partir dessa discussão inicial do léxico, partiremos agora para contextualizar nossa tese, apresentando as interjeições em Libras. Primeiro, com base nos estudos linguísticos e gramaticais, a perspectiva conceitual do que vem a ser interjeições nas línguas orais. E, em seguida, como esse fenômeno é percebido nos estudos de diferentes línguas de sinais.

1.4 As interjeições na perspectiva dos estudos gramaticais e linguísticos

As interjeições, consideradas como integrantes do discurso, são encontradas em todas as línguas. Tendem a ser espontâneas, são intencionais e socialmente convencionais e, ao mesmo tempo, requerem ou não a existência de um ou mais destinatários.

Nesse contexto, este capítulo versará sobre as interjeições numa perspectiva histórica, tipologia das interjeições primárias, secundárias, periféricas e a classificação das interjeições (WIERZBICKA, 1992; AMEKA, 1992; REBELLO, 2006), além disso, questões relacionadas às interjeições como parte do discurso em Marcuschi (2007).

O tópico a seguir apresenta um resgate histórico contextualizando, desde o surgimento ao uso das interjeições e uma discussão aprofundada enquanto fenômeno linguístico e gramatical.

1.4.1 Percurso Histórico

A partir de uma perspectiva histórica é possível perceber como as interjeições eram vistas na antiguidade e como eram consideradas na Grécia. Para os gregos as interjeições estavam atreladas aos advérbios, ou seja, era uma subclasse dos advérbios por não causar nenhuma mudança no enunciado. Nesse fragmento já é possível perceber o quanto as interjeições são volúveis no sentido de se adequarem às classes gramaticais com base no contexto de usabilidade (AMEKA, 1992). Em outras palavras, as interjeições podem orbitar em diversas classes gramaticais à medida que o contexto delas necessite.

Reconhecida como uma parte separada do discurso pelos gramáticos latinos, a classe gramatical das interjeições se manteve, porém, foi substituída pela classe de artigos dos gregos, uma vez que no latim não possuía artigo. A interjeição não exigia nenhuma conexão com a sintaxe ou com qualquer parte da frase e definiu a classe gramatical das interjeições como “*par orationis significans mentis afetum vote incôndita*” que significa: a emoção através de uma parte não fixada por convenção e para afirmar esta sentença.

Robins (1979) considerava, no campo da sintaxe, as interjeições como uma classe de palavras independente dos verbos que indicam um sentimento ou estado de espírito do falante. Há ainda três visões dos gramáticos latinos que vale a pena destacar sobre as interjeições. A primeira versão, a ideia de que as interjeições incluem itens que foram considerados como “não-palavras”; a segunda, considerada como independentes (no campo da sintaxe); e, a terceira trata do significado ou sentimento do estado de espírito do falante. Porém, segundo Ameka (1992), alguns modistas como Martin de Dácia e Thomas de Erfurt, deram uma ênfase diferente à tradição grega e distinguiram uma ligação entre o verbo e a interjeição. Nesse caso, o verbo ou particípio representam estados mentais, uma vez que a mente é influenciada pelas emoções de dor, alegria, medo etc., todos expressos pelas interjeições. Ou seja, expressões do estado da mente do falante (AMEKA, 1992).

Outros personagens históricos também contribuem para os estudos das interjeições, a saber: 1. Siger de Courtrai identifica as interjeições como uma parte da linguagem usada para significar estados mentais e usada como característica do movimento. 2. Boécio de Dácia, um modista da época, que atribui à interjeição como uma palavra não convencional ou até mesmo como “não palavra”. Para Dácia, a

interjeição é um efeito da mente; 3. Padley (1985) percebe a interjeição como substitutos de sentenças e afirma que não se trata de uma palavra simples, atribuindo-lhe como um elemento da sintaxe; 4. Bloomfield define a interjeição como um termo para formas que ocorrem como sentenças menores, entrando em poucas ou em nenhuma construção além da parataxe (AMEKA, 1992).

Sobre as características da fala como marcador conversacional, Marcuschi (2007) oferece grande contribuição para compreensão das interjeições no contexto discursivo. Pelo fato de demandar a presença de um interlocutor na ação comunicativa, as interjeições podem ser expressões isoladas com intuito de traduzir o estado emocional do falante/sinalizante ou no ato da fala em interação com um ou mais sujeitos. Dessa maneira, as interjeições podem ser encontradas em todas as línguas humanas, e estão relacionadas à cultura; imersas na prática social da língua, sejam elas, orais ou de sinais, e intrinsecamente associadas às onomatopeias relativas ao som (nas línguas orais) e às expressões (encontradas nas línguas de sinais).

Consideradas como uma unidade lexical, sua ênfase está relacionada ao enunciado apresentado como onomatopeias ou a partir de uma palavra comum. No que se refere à imitação de sons ou expressões sonoras, há uma derivação imprópria ou mudança de categoria gramatical.

A partir desta utilização, diversos elementos podem servir como destaque para aprofundamento dos estudos teóricos. Um desses elementos se refere ao uso das interjeições nas línguas de sinais, especificamente a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O conceito de interjeição, de modo geral, está atrelado às emoções (AMEKA, 1992; WIERZBICKA, 1992; REBELLO, 2016). Na sequência discutiremos algumas bases teóricas que definem com mais profundidade o conceito de interjeições e que servirá para problematizar nossa pesquisa.

Partindo de Cunha, que afirma que “as interjeições se destacam enquanto “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções” (CUNHA, 1986 p. 312). Além disso, podem ser usadas para expressar diversos estados emotivos. Rocha Lima vai em direção a Cunha ao relacionar a interjeição às emoções, ou seja, são elementos afetivos que de acordo com sua entonação podemos atribuir o significado do estado do sujeito (ROCHA LIMA, 1987).

Partindo do dicionário de Mattoso Câmara Júnior, a interjeição é considerada como:

Palavra que traduz, de um modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-chave, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada (CAMARA JR. 1977, p. 147).

Nesse fragmento, é possível perceber a relevância das interjeições e a carga semântica que carrega à medida que exprime o estado de um falante/sinalizante ao transmitir emoção ou o estado de um pensamento. Essa dinâmica só é possível através do léxico representado pelo som das palavras (línguas orais) ou pelos sinais e respectiva configuração (línguas de sinais). Dessa forma, Câmara Jr. (1977) apresenta três tipos de interjeições e locuções interjetivas, são elas:

- a. Certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: “ah”! (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesses casos);
- b. Verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: “Arre”! – “Olá”!;
- c. Uma locução interjetiva; ex.: “Ora bolas”! – “Valha-me Deus”!

No Dicionário Houaiss encontra-se a seguinte definição, tanto para as interjeições quanto para as locuções interjetivas:

Palavras invariáveis que exprimem sentimentos e emoções de quem fala ou escreve. Além de interjeições simples, como ai! e hem?, há também, locuções interjetivas: puxa vida! Meu Deus do céu!; que beleza! Têm o valor de frases isoladas (sem função sintática dentro da oração), que exprimem sentimentos e emoções. Ex.: Droga! Deu tudo errado! (expressão de aborrecimento); Nossa, como essa menina cresceu! (expressão de espanto); Viva! Passei de ano! (expressão de alegria) (HOUAISS, 2008, p. 25).

Tanto em Câmara Jr. (1997), como em Houaiss (2008), é notório o quanto as interjeições têm as mesmas funções e nos permitem inferir sobre o seu uso nas línguas de sinais de modo a nos aproximarmos de uma categoria gramatical mediante seu uso nas práticas comunicativas.

Nessa mesma perspectiva, Bechara afirma que a interjeição é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. As interjeições são autônomas e constituem por si verdadeiras orações e dividem-se em quatro tipos: sons vocálicos que na escrita representam de maneira convencional; palavras recorrentes na língua; palavras que reproduzem ruídos de animais ou objetos e as locuções interjetivas (BECHARA, 2014).

Em direção ao que estamos pesquisando, o uso das interjeições nas línguas de sinais, vamos ao encontro das perspectivas de Wierzbicka (1991; 2003), reafirmando que as interjeições se diferenciam de língua para língua e estão imersas na cultura dos falantes ou sinalizantes. Para a autora citada acima, as interjeições, são também um signo linguístico. Ela aborda algumas definições como:

- (1) que pode ser utilizado por si mesmo;
- (2) que expressa um significado específico;
- (3) que não pode incluir outros signos linguísticos de significado específico;
- (4) que não pode ser homófono a outro item lexical;
- (5) que se refere ao estado mental corrente do falante ou ato mental

Além desses critérios, Rebello acrescenta mais um e aponta o seguinte:

- (6) as interjeições são elementos invariáveis.

Ou seja, não é possível que se combinem com morfemas flexionais ou desinências (REBELLO, 2016).

A palavra interjeição vem do latim — *interjectione*, por via Semierudita. É propriamente a ação de atirar no meio; palavra que se solta no meio do discurso (NASCENTES, 1966). Tal significado etimológico está presente, (in)diretamente, em todas as definições de dicionaristas, gramáticos, filólogos e linguistas.

Para Cunha e Cintra (1985), o grito é uma tradução das emoções. Percebe-se que a função das palavras faladas está interligada a um contexto e por isso, pode sofrer modificação. Sua função pode ser definida apenas como um vocábulo frase. Com essa assertiva os autores colocam a interjeição no contexto de fala. Além disso, foram apontadas as locuções interjetivas.

Num contexto de fala/sinalização, as palavras/sinais estão contidas apenas dentro das frases, ou seja, fazem sentido dentro de um contexto, podendo ter função emotiva a partir de um diálogo, bem como sintomática, apelativa ou onomatopeica. Conforme foi dito, dentro de um contexto se faz sentido, como por exemplo o termo “psiu”, associado a um som, seriam as onomatopaicas. Essa ação faz sentido dentro de um contexto em que as pessoas estão fazendo barulho e a partir desta interjeição se compreende o pedido de silêncio (AZEREDO, 2004).

Face ao contexto, as interjeições estão associadas apenas às emoções. Dessa forma é possível reafirmar que as interjeições incrementam, inovam e dão vida mediante o contexto em que estão inseridas. Dessa forma, as interjeições estão dentro das enunciações que são compreendidas entre os falantes a partir de um

contexto específico e há uma relação sintomática, onomatopaica e apelativa dentro das categorias. Em outras palavras, as interjeições já estão estruturadas (AZEREDO, 2004).

Para Bechara (2009), a expressão está associada à emoção ou estado emotivo, sendo, portanto, autônomas. E sua funcionalidade encontra-se na sintaxe, não apenas nas palavras, mas dentro de um contexto. O autor apresenta três funções para as interjeições: a primeira unidade, interrogativa; a segunda, chamamento; e a terceira, verbalizada. E identificou que as interjeições são descritivas e têm influência afetiva. Há uma flexibilidade e uma relação entre vieses, a unidade linguística e a unidade mínima complexa. Sua relação está associada à prosódia com significados distintos a partir de um determinado contexto. As interjeições estão relacionadas à codificação das emoções (BECHARA, 2009).

A partir de um fenômeno prosódico, as interjeições podem ter significado e não estão presas a uma categoria; sua função prosódica pode se relacionar com qualquer palavra. As interjeições são consideradas um fenômeno de entoação ou prosódia e não estão fixadas apenas numa categoria, são flexíveis e podem ser utilizadas em qualquer palavra, como por exemplo: “Chega!” “Fogo!” ou até “Minha Nossa Senhora!” Ou seja, as interjeições são flexíveis e podem se adaptar em qualquer palavra sem uma categoria fechada. Percebe-se que as interjeições estão relacionadas à morfossintaxe (BAGNO, 2012).

Dentro da discussão sobre interjeições sob o enfoque gramatical, identificamos que as gramáticas de língua portuguesa apresentam uma lista delas (de interjeições) acompanhadas de seus sentidos mais comuns, porém o quadro é relativo, pois a variedade de valores de cada interjeição é muito ampla.

A seguir, com base em Campos e Assumpção (2007), alguns exemplos de interjeições e locuções interjetivas acompanhadas de seus respectivos valores:”

Advertência – “Cuidado!” “Atenção!”

Alegria, alívio ou admiração – “Ah!” “Puxa!”

Animação – “Coragem!” “Eia!”

Aplauso – “Viva!” “Bravo!” “Bem!” “Bis!”

Chamamento ou apelo – “Ó!” “Psiu!” “Alô!”

Dor – “Ai!” “Ui!”

Desejo – “Quem dera!” “Queira Deus!” “Tomara!”

Desgosto – “Ora bolas”! “Ih”!

Dúvida ou suspeita – “Eu, heim”?! “Hum”!

Impaciência – “Puxa”! “Arre”!

Lamento – “Que pena”! “Bolas”! “Ah”! “Caramba”!

Resignação – “Paciência”! “Pronto”! “Tá”!

Satisfação – “Oba”! “Upa”! “Opa”!

Apesar da existência de diferentes perspectivas quanto ao surgimento e pertencimento das interjeições como grupo ou classe de palavras (gramatical), as interjeições exibem as seguintes características: às vezes são chamados de "não-palavras" porque algumas delas exibem anomalia fonológica; a maioria das interjeições está de acordo com os padrões do sistema de som de uma língua; constituem uma unidade de entonação como um enunciado lexical. Morfologicamente, não enquanto frase. Pragmaticamente, elas funcionam de maneira semelhante aos marcadores do discurso por serem indexadas e vinculadas ao contexto (LEE, 2017).

Em algumas obras analisadas, e que fazem parte da construção desta tese, é possível perceber como as interjeições são estruturadas e organizadas, no entanto, ainda não foi possível determinar a que tipo de classe de palavras elas pertencem, seja por parte dos linguistas ou dos gramáticos.

As interjeições, consideradas como integrantes do discurso, são encontradas em todos os idiomas, tendem a ser espontâneas, intencionais e socialmente convencionais, e ao mesmo tempo, requerem a existência de um ou mais destinatários. Em outras palavras, as interjeições demandam a presença de um interlocutor na ação comunicativa, no entanto, podem ser expressões isoladas com intuito de traduzir o estado emocional do falante/sinalizante. Mesmo sem ter se definido como um grupo ou classe de palavras (gramatical), as interjeições exibem as seguintes características: às vezes são chamados de "não-palavras" porque algumas delas exibem anomalia fonológica; a maioria das interjeições está de acordo com os padrões do sistema de som de uma língua; constituem uma unidade de entonação como um enunciado lexical. Morfologicamente, não enquanto frase. Pragmaticamente, elas funcionam de maneira semelhante aos marcadores do discurso por serem indexadas e vinculadas ao contexto (LEE, 2017).

Ao nos referirmos ao uso das interjeições nas práticas discursivas, corroborando com os autores que embasam essa tese, ao reafirmarmos que as

emoções estão relacionadas à interação humana, por possuírem um valor discursivo, estão imersas nas relações sociais, enfatizando seu papel comunicativo. Ou seja, “a manifestação de uma emoção é a expressão de um julgamento complexo, e ao mesmo tempo, tal manifestação é frequentemente a performance de um ato social” (HARRE, 1998, p. 2).

Em relação aos tipos de interjeição, Wierzbicka (2003) propõe três classes: emotivas, volitivas e cognitivas correspondentes aos componentes de significado de 'sinto algo', 'quero algo' e 'penso/sei algo', respectivamente. Wierzbicka também observa que uma interjeição cognitiva pode ter um significado emotivo homófono. Nessa direção é possível inferir que, embora uma palavra (interjeição) seja pronunciada da mesma forma que outra, podem diferir com relação ao seu significado e à sua ortografia.

Em contraste, Ameka (1992) identifica três tipos diferentes de interjeição: expressiva, conativa e fática, com base em suas funções comunicativas específicas. As interjeições expressivas estão relacionadas a gestos vocais que refletem o estado mental do falante. Diferentemente da classificação de Wierzbicka (2003), funcionalmente semelhantes às interjeições volitivas propostas por Wierzbicka (2003).

As interjeições conativas se dividem em dois tipos: aquelas que visam chamar a atenção de uma pessoa ou animal e aquelas que exigem uma ação ou resposta do destinatário. Desse modo, em concordância com o argumento, Ameka (1992) ao classificar as interjeições em três tipos funcionais - expressivo, conativo e fático - leva em conta interjeições e exclamações primárias. Para Lee (2017), as interjeições fáticas funcionam como "estabelecimento e manutenção do contato comunicativo", incluindo vocalizações para retrocanalização ou sinalização de *feedback*, bem como rotinas de interação para saudação, despedida e boas-vindas.

Ao relacionarmos a questão do contato comunicativo, consideramos como um único fenômeno linguístico exclusivo, não somente das línguas faladas, mas de qualquer outra língua, inclusive que se utiliza dos sinais para se manifestarem. É relevante chamar a atenção sobre o contexto da representação da fala. Para isso nos ancoramos em Marcuschi (2007) e sua discussão sobre o Fenômeno da Linguagem em “Notas Sobre as Interjeições”.

Marcuschi (2007) aponta um fator intrigante sobre as características da fala como marcador conversacional, repetição, hesitação e truncamento. Todas essas

características são possíveis de identificar na fala/sinalização. Então, segundo o autor, os gramáticos não se interessam pela interjeição, pois esta não se enquadra nas regras gramaticais. Para os linguistas, por não se situar na estrutura sintática, eles não a consideram importante. As interjeições são vistas ainda como um único fenômeno linguístico exclusivo da língua falada. Em outras palavras, mesmo quando aparecem na escrita, isso acontece no contexto de diálogo, ou seja, em representação da fala.

É pertinente destacar que a interjeição é um fenômeno aparentemente da fala, pois não se manifesta de forma independente na escrita. Marcuschi (2007) observa que falta consenso entre os diversos autores quanto ao que possa ser considerado como interjeição, pois era vista pelos gramáticos apenas como um recurso para expressar emotividade. Marcuschi (2007) decide explorar o fenômeno em seu contexto específico, identificado como sendo uma prática discursiva. A Interjeição está no campo da prática discursiva, segundo os autores Trabant (1983) e Searle (1996). Ambos concordam que ela tem valor pragmático com fortes características discursivas.

Marcuschi (2007) afirma que as interjeições não são palavras da língua. Essa afirmação nos faz perceber, por exemplo, a partir das partículas “ah”!, “pô”!, “oh”! que são associadas às produções de som (fonema). O autor sugere que a área da lexicografia é um campo a ser explorado no sentido de ser possível identificar se essas interjeições fazem parte das palavras de uma língua ou não. Caso não faça parte, observamos que é um fenômeno da língua falada. Diferentemente das locuções interjetivas, como por exemplo, “meu Deus!”, essas se utilizam de duas ou mais palavras da língua para compor a interjeição, diferente de “ah”!, “pô”!, entre outras que se expressam a partir de fonemas ligados ao som.

Em Schneider (1977), “a interjeição não é uma classe de vocábulos, seria apenas um elemento da linguagem emotiva e não da linguagem intelectual” (SCHNEIDER, 1977, apud TRAVAGLIA, 2004, p.91). Para Marcuschi (2007), as interjeições são “gramaticalmente periféricas no sentido de que não entram em construções com outras classes de palavras e são apenas frouxamente conectadas às frases com as quais elas parecem estar ortograficamente ou fonologicamente associadas” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

Quirk, Greenbaun, Leech e Svartvik (1985) comentam que há duas razões para excluir as interjeições da análise linguística: 1) não se integram à sintaxe das frases

e 2) não são palavras da língua. Com isso, a interjeição recebe uma liberdade desestruturada para uso expressivo de vocalizações na conversação, recebendo, com isto, o lugar específico na conversação. Tanto é tida como classe aberta como fechada. Enquanto classe aberta se justifica porque podem ser criadas livremente por onomatopeias, ou seja, a depender do contexto de usabilidade as interjeições podem se adequar livremente se pensarmos no contexto da pragmática. No que se refere à classe fechada, destacamos a hipótese de se adequarem a uma determinada classe gramatical, embora sejam bastante flexíveis.

A interjeição é situada no espaço discursivo como a pragmática da comunicação. A pragmática, portanto, é “um estudo da linguagem com as funções comunicativas” (MARCUSCHI, 2007, p. 135), dividindo o trabalho entre a gramática e a pragmática, ou seja, a língua enquanto interjeição e a linguagem enquanto uso. O autor acrescenta ainda que “a contribuição das interjeições da gramática para o processo comunicativo atinge o seu mínimo, não obstante sua relativa frequência na conversação” (MARCUSCHI, 2007, p. 135). Percebe-se nesse argumento o quanto as interjeições se manifestam a partir do contexto de comunicação nas interações humanas, bem como, nas interações discursivas.

A pragmática da comunicação é o espaço discursivo em que as interjeições são situadas. Definindo a pragmática como “um estudo da linguagem com as funções comunicativas”, os atos diretivos e as exclamações evidenciam uma certa “divisão de trabalho entre a gramática e a pragmática” de maneira que “quanto mais o contexto contribui para a força comunicativa de um enunciado, menor a necessidade de o enunciado ser gramaticalmente explícito” (QUIRK; LEECH; e SVARTVIK, 1985, p. 88). Em outras palavras, é a partir do contexto que as interjeições podem ser explicitamente compreendidas, sem necessariamente, serem traduzidas, pois no contexto das línguas de sinais, por exemplo, o movimento do corpo, a inclinação da cabeça, a utilização das configurações ou até mesmo o uso exacerbado das expressões faciais, tornam o enunciado compreensível para os interlocutores.

Dessa maneira, é possível afirmar que as interjeições são um fenômeno linguístico e universal se considerarmos sua funcionalidade comunicativa. Por outro lado, não formam classe de palavras, mas funções discursivas e seus respectivos marcadores conversacionais. Desse modo, ao se levar em consideração o uso das interjeições entre os interlocutores, sejam de línguas orais, quanto de sinais, elas apresentam um tom de naturalidade e espontaneidade (MARCUSCHI, 2007).

1.4.2 Tipologia das interjeições

No tópico anterior, foi possível compreender a definição e a classificação das interjeições e sua relação com a linguagem, cultura e a emoção, além do seu uso no campo da semântica (AMEKA, 1992). A seguir serão apresentadas as tipologias das interjeições: primárias, interjeições e as ‘partículas’, interjeições e as ‘rotinas’, secundárias, as periféricas e classificação das interjeições.

As interjeições primárias geralmente são pequenas palavras que podem contribuir para o enunciado e que por si possuem seu significado e não dependem de outras palavras. Ou seja, essa interjeição não pode ser usada de outra forma.

Exemplo: “Ai!” “Uau!” “Caramba”!

A palavras que passam a ser usadas como interjeições em decorrência da semântica, Ameka (1992) as considera como secundárias. Dessa forma, são consideradas como atos mentais. O uso de qualquer outra palavra que possa pertencer a qualquer classe de palavras poderá assumir a função de interjeição a partir da função semântica. Em outras palavras, uma oração pode adquirir o *status* de interjeição a depender de como está sendo empregada.

Conforme discutido anteriormente, as interjeições são consideradas gestos vocais “relativamente convencionais” que expressam o estado mental, ação ou atitude do falante em uma determinada situação. Ameka (1992) esclarece o uso do termo “relativamente convencional” pois a *classe das interjeições ainda não está fechada*, surgindo novos termos a partir do seu uso. Em outras palavras, um substantivo pode assumir a função de interjeição no decorrer da utilização pelos falantes.

Ao relacionar as interjeições ao estado mental do falante, vale lembrar ainda que não é cabível aceitar que as interjeições sejam apenas emotivas. O autor chama atenção para existência de diferentes estados mentais em que as interjeições podem se manifestar. Cita como exemplo a emoção como um dos variados estados mentais que o falante pode desenvolver.

É possível definir as interjeições a partir de várias perspectivas, no entanto, Ameka (1992), com base em Wierzbicka (1992), utiliza-se dos critérios semânticos e estruturais para definir a classe gramatical das interjeições. Nessa direção compreende-se que as interjeições se organizam também numa subclasse das partículas (termo utilizado para se referir ao sentido pré-teórico das palavras não flexionadas). No campo da pragmática, as interjeições podem ser conceitualizadas

como um subconjunto que estão vinculados ao contexto, ou seja, são consideradas como uma subclasse pertencente aos marcadores pragmáticos (AMEKA, 1992).

São elencados vários critérios diferentes para definir os marcadores pragmáticos em subclasse a partir da disposição das interjeições nos enunciados que são chamadas de *rotinas* e podem ser compreendidas como expressões independentes ou como *partículas*, que não conseguem fazer sentido sozinhas. Para melhor compreensão de como as partículas funcionam, elencamos alguns apontamentos: são encontradas em todas as línguas do mundo e são representadas em subclasses; as partículas são palavras pequenas que dependem de outros elementos da oração; são usadas para expressar atitudes e expressões do falante em relação a uma proposição. Estão integradas à gramática da oração e por vezes desenvolvem a função de marcadores do discurso. As partículas e as interjeições são classes lexicais/gramaticais distintas, ou seja, enquanto as partículas não constituem um enunciado, as interjeições são enunciados lexicais (AMEKA, 1992). A seguir apresentamos uma comparação entre as interjeições e a classe das “partículas” e, após isso, compararemos interjeições com as “rotinas”.

Uma partícula é uma pequena palavra que é sintaticamente dependente de outros elementos na oração e está bem integrada na oração em que ela ocorre. As partículas são tipicamente usadas para expressar atitudes do falante ou perspectivas no sentido de uma proposição e modificar a força ilocucionária dos proferimentos (AMEKA, 1992).

As interjeições e as partículas, de acordo com Ameka (1992), são produzidas em reação a um contexto em que são produzidas, seja um contexto linguístico ou extralinguístico. Enquanto as interjeições formam uma classe distinta de palavras, as partículas se diferem em sua independência.

Ameka (1992) chama a atenção para o campo da sintaxe, pois as partículas estão integradas nos enunciados, não podendo, portanto, constituir enunciados. Ao contrário das interjeições que constituem enunciados e estão sempre separadas por uma pausa, bem como, apresenta uma unidade de entonação de forma autônoma.

As “partículas” são sintaticamente dependentes e são integradas totalmente nas sentenças proferidas. Ao contrário das interjeições, que são consideradas uma sentença completa, e por isso, são vagamente integradas à sentença, pois são unidades com entonação própria. Por essa razão, não é possível considerarmos as interjeições como uma subclasse das “partículas”. Dessa forma, as partículas são

vocábulos gramaticais genéricos de pequeno porte, normalmente átonos, como pronomes (me, te), preposições (a, com, de) e conjunções (que, se). Como exemplos: Me chame!, De novo!, Que ótimo!

A classe das “rotinas” ou “fórmulas” é sintaticamente dependente, e está vinculada a situações específicas e a funções pragmáticas que têm relação com contextos linguísticos ou extralinguísticos particulares, como início de conversa.

Por ter uma função pragmática, as interjeições enquanto rotinas estão associadas a algumas situações específicas podendo ser encontradas no contexto linguístico ou extralinguístico a partir de uma fala. Ameka (1992) afirma que nesse contexto é possível distinguir entre interjeições primárias e de rotinas, pois as rotinas se adequam a várias palavras, embora surjam algumas complicações às rotinas da palavra como por exemplo: desculpe, tchau etc.

As rotinas a que Ameka (1992) se refere são como interjeições que constroem locuções não elípticas (aquilo que pode ser entendido pelo contexto), no entanto, existem algumas diferenças. As interjeições são respostas espontâneas a uma determinada situação, enquanto as rotinas são reações intencionais, ou seja, estão sendo esperadas nas mesmas situações em que as interjeições se encontram, além disso, representam os sentimentos das pessoas do discurso.

O autor apresenta dois exemplos para ilustrar a rotina a partir da reação de uma pessoa que se emocionou ao receber um presente, ou seja, certamente a pessoa dirá: obrigado! ou uau!

Exemplos:

Obrigado! Sinto-me feliz por receber este presente.

Uau! Fiquei impressionado com o tamanho do presente.

Percebe-se que ambas as palavras podem ser decompostas e representadas numa metalinguagem de primitivos semânticos e, diferente das fórmulas que têm destinatário, as interjeições primárias não possuem destinatários.

Outro argumento reforça a ideia de que as rotinas são atos de fala e as interjeições são atos mentais e disposições do falante e reforça que as interjeições e as rotinas, além de serem semelhantes, também são diferentes das partículas. E são encontradas em todas as línguas apesar do significado variar de acordo com a cultura de cada língua.

O autor destaca que as interjeições e as rotinas são indexicais, dêiticos sociais que estruturam as relações sociais entre os falantes e o destinatário; as interjeições são sintomáticas que representam o que o falante está expressando (AMEKA, 1992).

Diante dos argumentos as interjeições podem ser consideradas primitivas, por serem periféricas à linguagem e definirem as palavras “eca, ufa, oh, e ai” como integrantes do sistema linguístico ou até mesmo palavrões como, por exemplo: “maldição” dentre outras e algumas saudações como “olá”, e outras palavras como “adeus, sim, não, tudo bem” etc.

Nessa direção dois aspectos são problematizados: o primeiro - sobre a perifericidade das interjeições; o segundo, sobre o status de palavrões, vistos como interjeição secundária ou como um subconjunto dessas interjeições. Essa temática será detalhada no decorrer da discussão.

Ameka (1992) define as interjeições secundárias como sendo palavras que têm um valor semântico independente, mas podem ser usadas convencionalmente como proferimento por si próprias para expressarem um estado mental do falante, expressando demonstrando uma atitude ou estado ou atos mentais dos falantes da língua, cuja função é chamar a atenção como por exemplo: “Ajuda!” “Fogo!” “Cuidado!” E outras consideradas como palavrões como, maldição! “Inferno!” “Cristo!” Ou com função emotiva, “vergonha!” “Droga!” etc.

O autor atribui as mesmas características das interjeições primárias para as secundárias, (e., são sintaticamente independentes; não sofrem flexão ou derivação morfológica; entre outras já vistas). As interjeições secundárias são itens de outras classes de palavras que se comportam como interjeição.

Face ao exposto, é pertinente compreendermos que as interjeições assumem o caráter de classe de palavras que se expressam por si mesmas e estão relacionadas aos atos mentais, como algumas expressões: “inferno!” “Meu Deus!” “Graças a Deus!” etc (tanto as primárias como as secundárias). Ao mesmo tempo, tornam-se diferentes das fórmulas e das partículas, assumindo uma função de enunciados e de palavras monomorfêmicas simples (AMEKA, 1992), ou seja, uma palavra que tem apenas um morfema (um elemento de palavra). Como exemplo, temos a palavra cachorro que não pode ser dividida em unidades significativas menores, apenas em segmentos de som.

Dessa forma as interjeições secundárias são consideradas como sendo pelo menos uma ou mais palavras que tenham um valor semântico próprio e que se

comportam como interjeição. Portanto, temos uma possível sobreposição entre as definições de interjeição secundária e locução interjetiva; contudo, a questão não é somente a quantidade de palavras (uma, duas ou mais) para a classificação de itens nessas duas categorias, mas sim quais são as características que essas palavras têm para serem enquadradas como interjeição secundária ou locução. Mais uma vez, nos deparamos com a falta de uma definição mais elaborada das interjeições.

Sobre o caráter periférico das interjeições, Ameka (1992) afirma que as interjeições são periféricas à língua, pois são paralinguísticas e vistas como acompanhamento da língua ou comunicação, em vez de uma forma de comunicação linguística ou verbal em si. O autor define que entre as vocalizações paralinguísticas há um subconjunto que pode ser considerado com itens conversacionais. Existe uma conexão íntima entre interjeições e gestos em geral. Algumas questões foram levantadas sobre se há uma fronteira entre interjeições como gestos vocais e gestos físicos (Goffman, 1981: 122; Eastman, 1992 e Wilkins, 1992). As interjeições parecem estar na fronteira entre a comunicação verbal e não verbal. Nesse sentido, podemos perceber que as interjeições são periféricas à língua. Sobre a perifericidade das interjeições elas estão baseadas em sua independência sintática e não entram em construção com outros elementos nem estão bem integradas nas gramáticas das línguas orais.

Ameka (1992) identifica três tipos diferentes de interjeição: **expressiva, conativa e fática** mediante suas funções comunicativas específicas. As interjeições *expressivas* estão relacionadas a gestos vocais que refletem o estado mental do falante. Diferentemente da classificação de Wierzbicka (2003), Ameka (1992) considera que as interjeições emotivas e cognitivas estão associadas às interjeições expressivas. Funcionalmente semelhantes às interjeições volitivas também propostas por Wierzbicka (2003).

As interjeições *conativas* se dissipam em dois tipos: aquelas que visam chamar a atenção de uma pessoa ou animal e aquelas que exigem uma ação ou resposta do destinatário. O mesmo sentido ocorre ao se classificar as interjeições em três tipos funcionais - expressivo, conativo e fático - e levam em conta interjeições e exclamações primárias. Para Lee (2017), as interjeições fáticas funcionam como "estabelecimento e manutenção do contato comunicativo", incluindo vocalizações para retro canalização ou sinalização de *feedback*, bem como rotinas de interação para saudação, despedida e boas-vindas.

Ao apresentar a classificação das interjeições com base nas funções comunicativas específicas, de acordo com o seu significado, Ameka (1992) O que é notório perceber que essa classificação está atrelada à função da linguagem e define três categorias relevantes das interjeições para a comunicação: São elas: a *expressiva*, com foco no estado do falante; a *conativa*, com ênfase nos desejos do falante e a *fática*, que tem a ver com o estabelecimento do contato. A seguir apresentaremos a definição de cada interjeição e respectivos exemplos:

- a) Expressivas: são caracterizadas como gestos vocais, representando o estado mental do falante e estão divididas em dois grupos: o emotivo e o cognitivo.
 - As emotivas são as que expressam o estado do falante em relação às suas emoções e sentimentos que apresenta naquele momento. Exemplo: “Uau! Eu estou surpreso”; “Ai! Eu sinto dor”; “Eca! Eu sinto nojo”.
 - As cognitivas dizem respeito ao estado de conhecimento e pensamentos no momento do enunciado, por exemplo: “Ah! Agora eu sei”.
- b) Conativas: são expressões dirigidas a um ouvinte e têm como objetivo chamar a atenção de alguém ou exigem uma ação ou resposta da outra pessoa conforme os desejos do falante. Ou seja, é provocar uma reação do ouvinte. Exemplo: “Psiu! Quero silêncio aqui”.
- c) Fática: também chamada de função de contato, é usada no ato comunicativo. São consideradas como uma variedade de vocalizações convencionais que expressam a atitude mental de um falante em relação ao discurso em andamento. Alguns exemplos podem ser classificados como fáticas, por exemplo: “alô!” “ah!” “hum-hum”!

Em relação à classificação de interjeição, com base em Wierzbicka (2003), é possível identificar três classes. São elas: emotivas, volitivas e cognitivas correspondentes aos componentes de significado, “sinto algo”, “quero algo” e “penso/sei algo”, respectivamente. Nesse sentido é possível inferir, com base na autora supracitada, que uma interjeição cognitiva pode ter um significado emotivo homófono. Por isso, inferir que embora uma palavra (interjeição) seja pronunciada da mesma forma que outra, podem se diferir com relação ao seu significado e a sua ortografia. Para complementar as classificações das interjeições podemos citar as

persuasivas que, como o próprio nome sugere, são usadas no contexto de convencimento entre um interlocutor e outro (REBELLO, 2016).

De modo geral constatamos que as interjeições se referem ao estado mental do falante/sinalizante, ou como os próprios autores se referem, como ato mental. Sendo assim, é possível elencar algumas categorias, cujo objetivo é apresentar as diversas maneiras com que os interlocutores podem manifestar as interjeições (WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006). A seguir, com base nos referidos autores, elencamos as classes das interjeições e suas respectivas funções propostas pelos autores discutidas neste trabalho.

As interjeições *emotivas* apresentam o estado mental do falante, ou seja, induz o falante/sinalizante a expressar um sentimento estimulado por questões externas.

Exemplo: “Oba! Vou ganhar o presente!”.

As *volitivas* tratam das funções interacionais que sejam dirigidas a animais ou pessoas; os dicionários apresentam o significado das interjeições, mas não estabelecem diferenças entre elas, tampouco esclarecem suas distinções de uso.

Exemplo: “Tomara não chova!”.

As interjeições *cognitivas* (diferentes das emotivas) exprimem o que os interlocutores compreendem sobre um determinado fator, de modo que exija um esforço mental para melhor absorver o que está sendo enunciado. O falante/sinalizante expressa o que está pensando ou sabe a respeito de alguma coisa da qual discorda, que aprova, em que não acredita, que descobre, aplaude ou ironiza

Exemplo: “Ah! Eu entendo!”.

No quesito da persuasão, como o próprio nome sugere, encontramos as interjeições que têm como função convencer o receptor da mensagem, ou seja, as *persuasivas*. Nessas interjeições, os significados podem oscilar, como por exemplo: “eu quero”, “eu sinto” ou “eu penso”. Dessa maneira o objetivo dessa interjeição é convencer, induzir, entre outros sinônimos.

Nos estudos das interjeições percebe-se que vários autores possuem pontos de vista distintos com relação aos conceitos das interjeições associadas às emoções e sentimentos. Alguns autores acreditam que as interjeições estão dentro de uma categoria. Para outros depende da situação ou estão associadas às interações entre os falantes/sinalizantes.

Nesse contexto, nossas inferências consideram o discurso como fonte de análise das interjeições que se manifestam na Libras a partir do estado emotivo dos

interlocutores e a maneira como as expressões faciais podem se tornar, inclusive, locuções interjetivas sem necessariamente perder sua função fonológica como composição de um dos parâmetros da Libras.

1.5 Estudos preliminares das interjeições em Línguas de Sinais

Conforme mencionado anteriormente, o interesse por pesquisas sobre as línguas de sinais ampliou-se consideravelmente a partir dos estudos iniciais de Stokoe na década de 1960, em diferentes partes do mundo.

Recentemente, o projeto *SignGram COST Action* (IS1006), que reuniu treze países europeus e foi conduzido no período de 2011 a 2015, resultou no desenvolvimento de uma ferramenta de livre acesso denominada *SignGram Blueprint* (2020), que pode ser acessada por qualquer pesquisador interessado em escrever sobre a gramática de língua de sinais. O projeto objetiva mapear as gramáticas das línguas de sinais europeias, considerando que esse mapeamento permite a cidadania de sinalizantes surdos e a proteção de suas heranças linguísticas. *COST (European Cooperation Science and Technology)* é uma organização europeia de financiamento de redes de investigação e inovação de projetos científicos com um objetivo específico. O *Blueprint* compreende um manual e um *checklist* que orienta o processo de elaboração da gramática.

No projeto, dentre as diversas categorias que foram elencadas para compor a base comum para construção de gramáticas de Língua de Sinais, encontramos a categoria interjeições como parte integrante do léxico, o que corrobora com os achados de nossa pesquisa, que apresentaremos mais adiante.

No manual do *Blueprint*, as interjeições nas línguas de sinais são tratadas como palavras ou frases exclamativas que expressam as emoções, sentimentos ou julgamentos do falante/sinalizante. No inglês, “*well, oh my god, or yeah*” e “*uh e ahem*”. No alemão, “*äh e ach*” são expressões de pausa e normalmente chamadas de interjeições.

A definição linguística de interjeições de línguas faladas muitas vezes inclui a noção de que as interjeições expressam sons exclamativos, o que apresenta alguns desafios para definir as respectivas expressões nas línguas de sinais. Em geral, uma boca aberta pode ser vista como equivalente a uma interjeição relacionada ao som indicando surpresa, como “*oh ou ah*”. Além disso, existem interjeições específicas da

língua de sinais, como “wow” na língua de sinais alemã, onde, além de um padrão de boca específico, a forma do punho se move rapidamente de um lado para o outro no espaço sinalizante.

“Ah”, dependendo das expressões faciais pode ter várias traduções na língua de sinais Irlandesa - ISG, como o “agitar o dedo” para evitar que uma conversa acabe, é um gesto frequente, comprovado em muitas línguas de sinais, que pode ser considerado uma interjeição. No entanto, tais elementos também podem ser tratados como partes de discurso. As interjeições podem ser semelhantes em forma aos gestos usados com uma função interjetiva por não sinalizantes.

Como as interjeições expressam emoções ou sentimentos, são informações frequentemente transmitidas por meio de marcadores não manuais (especialmente faciais). As interjeições nas línguas de sinais geralmente envolvem uma rica mistura de expressões manuais e não-manuais, itens lexicais referidos como "sinais multicanal" e são difíceis de traduzir simplesmente em língua falada, com glosas como “*That’s a bit embarrassing*” ou “*I’m allfor it*”. No entanto, essa relativa intraduzibilidade é típica das interjeições, e não conferem a esses signos nenhum *status* particularmente único em relação à sua fala.

Após o desenvolvimento da ferramenta *SignGram Blueprint*, os pesquisadores aprovaram um novo projeto, o *SIGN-HUB*, desenvolvido de 2016 a 2020 para disponibilizar de forma *online* as gramáticas das línguas de sinais: Alemã (DGS), Italiana (LIS), Espanhola (LSE), Catalã (LSC), Holandesa (NGT) e Turca (TID) (*SIGN-HUB*, 2020). Esses estudos seguem o modelo da descrição gramatical do projeto maior *SignGram Blueprint* (2020), porém, apesar de conter indicação do tópico interjeições, conforme manual e *checklist* que orientam as pesquisas, as interjeições nessas línguas ainda não foram estudadas com mais embasamento linguístico, embora sejam citadas como sendo palavras/sinais que expressam emoções e sentimentos, definição semelhante à das línguas orais.

Derivada do Latim, a palavra interjeição *INTERJECTIO*, significa “ato de lançar ou colocar entre”; *INTER*, “no meio, entre” e *JACERE*, “jogar, atirar, lançar”. Nas diversas línguas de sinais pesquisadas, o conceito de interjeição é o mesmo das línguas orais, porém sabemos que a produção desse fenômeno acontece de forma diferente, pois nas línguas sinalizadas está diretamente relacionado às expressões não manuais.

Na Língua de Sinais Americana - ASL¹, as interjeições são encontradas basicamente em situações do dia a dia, como por exemplo o “Ok (okay do inglês oral)”, “Oh”, “Pshaw!”, apresentadas nas imagens abaixo.

Imagem 16: “OK”



Fonte: (Lapiak, 2022)

A pessoa que sinaliza configura a mão em forma de “O+K = Ok”, acompanhada da expressão não manual, um aspecto importante que no caso de acompanhar determinada interjeição, pode transmitir um significado sutil.

No exemplo abaixo, imagem 17, usa-se o formato da boca como se fosse "oo" junto ao sinal “Oh” do inglês oral, também usado na ASL. Mas, quando o morfema boca significa a interjeição "Ahh" com o sinal "Oh", o significado muda e torna-se "Oh, I see!" ou em outros exemplos, como "Oh stop it", "Oh please".

Imagem 17: “Oh!”



Fonte: (Lapiak, 2022)

Outro exemplo de interjeição na língua americana de sinais é “Pshaw!” (do inglês), figura abaixo. É um tipo de interjeição que pode significar “My goshness”, “It’s a terrible news”, mas depende do contexto em que são empregadas na interação comunicativa.

¹ Fonte: 1995-2022 Jolanta Lapiak. All Rights Reserved. Handspeak® trademarked. Acesso em 30/10/2022

Imagem 18: “*Pshaw!*”

Fonte: (Lapiak, 2022)

Como as interjeições podem acontecer em todas as línguas, a questão cultural deve ser levada em consideração significativamente para que se possa compreender os vários e sutis contextos onde elas aparecem.

Nas pesquisas da Língua de Sinais Francesa - LSF, dois pontos são discutidos sobre o fenômeno das interjeições: as formas de uso e o papel na aquisição da língua.

Como exemplos de interjeições em LSF encontramos: *OUF!*, *AH BON!* *BIEN SUR!*, *INCROYABLE* ou *FORMIDABLE!*, *ATCHOUM!* *OUF!*. São considerados itens lexicais fixos, pois incorporam a configuração da mão, a orientação, o movimento e a localização de forma específica a depender da situação comunicativa. E associam as expressões manuais, principalmente do rosto, e gestos como fator primordial na construção das interjeições.

Dependendo do contexto, uma mesma interjeição em LSF pode assumir diferentes significados, não sendo, portanto, "gritos (gestos) da natureza", mas sinais ritualizados que fazem parte do conhecimento compartilhado dos interlocutores. De acordo com *Bendayan e Morgenstern* (1995), a iconicidade presente na língua de sinais, sem dúvida, desempenha um papel importante na sua construção (como para grande parte do léxico), as interjeições são “convencionais” e não espontâneas, improvisadas.

Na Língua de Sinais Jordânica - LIU, as interjeições estão ligadas aos sinais manuais do sistema de negação. A maioria delas tem significados diferentes e podem ser usadas como interjeições negativas, ou seja, respostas negativas de sinal único para uma pergunta, bem como negadores de cláusula. As interjeições em LIU podem ser do tipo negativa enfática e negativa defensiva ou apologética, como podemos verificar nas imagens que seguem. (HENDRICKS, 2008)

Imagem 19: interjeição negativa enfática



Fonte: Hendricks (2008)

O sinal resultante é usado apenas como uma interjeição e geralmente tem o significado de um aviso, ou é usado defensivamente, como em "realmente não fui eu!".

Imagem 20: interjeição negativa defensiva ou apologética



Fonte: Hendricks (2008)

O sinal acima, imagem 20, normalmente não é usado para negar uma cláusula, mas pode ser usado para responder a uma pergunta, como por exemplo, para recusar uma oferta ou negar uma acusação.

Abaixo temos na imagem, um negador de cláusula ou interjeição negativa que, dependendo da situação comunicativa em que aparece, mostra certo nível de aborrecimento, estado emocional do interlocutor.

Imagem 21: estado de aborrecimento



Fonte: Hendricks (2008)

Além disso, a LIU tem uma interjeição negativa apologética e dois itens lexicais para negação, e um terceiro em possível processo de gramaticalização. Os contextos exatos em que cada um desses sinais é usado ainda não está completamente claro, pois parece haver alguma sobreposição de significado entre diferentes partículas, embora as sentenças mostrem que também existem diferenças sutis.

Integrantes como classes de sinais (partes do discurso), as interjeições na Língua de Sinais Australiana – AUSLAN, são consideradas interativas. Funcionam com unidades básicas do léxico, ou seja, são lexemas (reações e julgamentos do sinalizante ao que está sendo dito ou feito) e não apenas sinais, pois têm um significado específico, embora um pouco difícil de explicar. “*REALLY!*, *BI-ZARRE!*, *WONDERFUL!*, *FINALLY!*, *DAMN!*”, são exemplos de interjeições em AUSLAN. (JONSTON & SCHEMBRI, 1999, p. 115-185)

Com função interativa, as interjeições não podem ser combinadas com outras formas interativas, como os gestos, para fazer proposições significativas, nem 'combinar' com outras classes de lexemas para formar grupos, frases ou orações ou qualquer outro tipo de unidade funcional.

Na Língua de Sinais Turca - TID, as interjeições são itens exclamativos que expressam as emoções, sentimentos ou julgamentos do sinalizante. As seguintes interjeições foram observadas na TID: “*naf*, *avva*, *tüh*, *vah*, *uuu*, *avv_not_exist*, *uiis*, *vivivi*, *allave*, *bit*, *waow*, *pupu* e *şee*”. (SIGHUB, 2020)

Muitos desses sinais consistem em uma articulação manual acompanhada por um gesto de boca ou a articulação realizada pela boca de uma interjeição turca oral. “*Tüh*, *Vah* e *şee*” foram emprestados do turco e assim articulados com a pronúncia das interjeições turcas correspondentes. No entanto, as demais são nativas do TID.

Imagem 22: interjeição “*naf*”

Fonte: SIGN-HUB (2020)

A interjeição “*naf*” é usada quando o sinalizante deseja diminuir o significado do evento ou estado expresso no discurso.

Imagem 23: interjeição “*avva*”

Fonte: SIGN-HUB (2020)

“*avva*” expressa uma vantagem de algo e pode estar relacionado à interjeição usada na língua oral turca “*oh, oh*”.

Imagem 24: interjeição “*uuu*”

Fonte: SIGN-HUB (2020)

“uuu” expressa o significado de “*Too bad*”. É como se fosse uma ênfase no resultado.

Os marcadores não manuais na Língua de Sinais Argentina – LSA, podem ser comparados e/ou relacionados ao uso de interjeições em línguas orais. Interjeições como “*huh*” do inglês pode ser comparado com esforço mínimo na prosódia (Dingemanse, 2013), mas que na LSA apresenta a expressão com sobrancelhas juntas e levantadas. O morfema boca sem produção vocal e o gesto dessa boca aberta assemelha-se a “*Huh!*” do inglês ou “*Ah!, Eh!*” do espanhol, por exemplo. (MANRIQUE, 2016)

As pesquisas sobre interjeições nas línguas de sinais ainda se encontram muito iniciais, assim como na Libras. Nos estudos aqui apresentados, esse fenômeno linguístico centra-se na comparação conceitual das línguas orais, tentando identificar de que forma ocorrem numa língua de modalidade viso-espacial.

A seguir, discutiremos como percebemos as interjeições na Libras a partir desse estudo e do *corpus* selecionado.

1.5.1 As interjeições na Língua Brasileira de Sinais – Libras

A proposta de descrever uma Gramática para a Libras encontra-se integrada ao projeto *SignGram Blueprint*, sendo organizada por Quadros (2021) por meio da produção de um livro digital em Libras. A obra segue o *checklist* da proposta, iniciando com uma contextualização sociolinguística das práticas linguísticas que compreendem a Libras, a formação dos sinais, a formação das sentenças, a formação dos textos, dentre os aspectos relacionados à coesão e coerência, gêneros discursivos e produções criativas.

Quadros e Karnopp (2004) apontam que os sinais da Libras pertencem a categorias lexicais, semelhantes, mas não iguais àqueles pertencentes às línguas orais, pois segundo as autoras, a diferença entre ambas está no processo combinatório que se criam palavras/sinais. São: substantivo (nome), verbo, adjetivo, advérbio, pronome, numeral, preposição, conjunção, incluindo-se também interjeição e artigo. Porém, esses dois últimos são, de acordo com as autoras, poucos usados e frequentes na Língua de Sinais.

Os estudos de Quadros Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995), Felipe (1989), dentre outros, mostram o quanto a Libras é uma língua rica em tantos aspectos e sua importância para a comunidade surda brasileira. O trabalho das autoras revela anos de estudos, pesquisas e reconhecimento teórico-metodológico. E, por acreditar

nesses estudos, focamos nossa pesquisa para as interjeições em Libras. Difícil é conceituá-las, compreendê-las, mas elas estão presentes em todas as línguas sinalizadas e orais. Podem ser unidades autônomas, independentes de qualquer elemento no discurso, que exprimem a emoção de quem emite o enunciado. Algumas interjeições são usadas para chamar a atenção ou exigir alguma reação do interlocutor. São caracterizadas por serem normalmente exclamativas, mas podem ser interrogativas e exclamativas ao mesmo tempo, dependendo da emoção que se expressam.

Por ser uma unidade que vem de um estado mental do locutor, ou seja, traduz sentimentos que podem se dar de forma isolada ou na interação entre sujeitos, as interjeições são representadas de forma diferente nas línguas de sinais. E estão diretamente associadas às ENM, as mãos e aos gestos espontâneos a depender do acontecimento, ou seja, nunca um sujeito irá usar a mesma interjeição, pois expressam o que sente de forma diferente.

Um dos grandes desafios no estudo das interjeições na Libras é descrevê-las para que não as confundam com as funções das ENM, pois de acordo com Quadros e Karnopp (2004), as expressões não manuais têm funções sintáticas e fonológicas, além de seu papel na expressão de intensidade. No primeiro caso, elas marcam concordâncias, ênfases, topicalização e ainda modalidade das sentenças, como interrogativas parciais (com pronomes interrogativos “o que”, “como”, “por que”) e interrogativas totais (tipo sim-não). No segundo caso, as ENMs caracterizam itens lexicais, marcando referência pronominal, referência específica no espaço, partículas negativas e assentimentos, grau e valor adverbial.

No Brasil podemos encontrar uma grande variedade de referências sobre a Libras, porém o primeiro registro da existência de interjeições na Libras, data de 1875, no dicionário “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”. A obra, em termos linguísticos, propôs um léxico para a língua de sinais brasileira e a descrição gramatical de algumas categorias. Tobias Leite, diretor do “Imperial Instituto de Surdos-Mudos” na época, apresenta o livro, e acreditamos que tenha sido ele quem escreveu a parte dos textos na língua portuguesa. Interessante perceber é que na obra a menção às ENM, como descrito “expressão do rosto” já eram reconhecidas como fundamentais na compreensão dos sinais da Libras.

A obra conceitua as interjeições como um recurso que não precisa de explicação, pois se manifesta (dependendo do sentimento de quem as emprega) no

rosto de quem as emprega para mais ou menos, sendo o surdo brilhante neste ponto da linguagem. E completa que, sem a expressão do rosto, os sinais são obscuros e indecifráveis. Esse aspecto corrobora com nossa pesquisa ao considerar que para a produção de interjeições na Libras, as ENM são imprescindíveis e sem elas não seria possível existirem.

Ao analisarmos inicialmente o livro de Flausino, encontramos as interjeições: “Oh!”, “Ah!”, “Oh! terror!”, que fazem parte do grupo de sintomáticas pois expressam um sentimento do sinalizante.

Figura 05: Oh!



Figura 06: Ah!



Figura 07: Oh! terror!



Fonte: GAMA, (2011, p. 50)

Nas imagens, as ENM expressam diferentes estados emotivos, e apresentam a mesma configuração de mãos. Nas figuras 05 e 06 a localização (espaço neutro com mãos na vertical) é o mesmo, mas na figura 07 esse parâmetro apresenta-se no espaço neutro horizontal com os punhos das mãos ligeiramente levantados para cima.

Segundo Felipe (2013, p. 74), as expressões, denominadas pela autora como visuais, quando afetivas são comunicações paralinguísticas complementares que expressam os sentimentos do locutor e interlocutor. Apresentam-se por meio de gestos e postura corporal, das expressões faciais e do olhar. Traduzem estados e sensações como, por exemplo: alegria, tristeza, angústia, insegurança, dúvida, ironia, surpresa, confronto, rejeição, entre outros, que são atitudes comportamentais.

Muitas imagens do livro de Flausino que se referem a interjeições expressam sentimentos e emoções relacionados à religiosidade. Um mesmo significado apresenta duas interjeições diferentes.

Figura 08: *Praza ao Ceo!* Figura 09: *Praza ao Ceo!* Figura 10: *Justo Ceo!*



Fonte: GAMA, (2011, p. 50)

Na figura 08 parece haver uma súplica, os dedos encontram-se entrelaçados juntando as mãos (gesto típico, especialmente dos católicos, quando em oração) e a cabeça levantada ao alto como se o sinalizante estivesse rogando algo a Deus. Diferente da figura ao lado, que toca com a mão ao peito e depois a eleva em direção ao céu. Ou na figura 10 onde se veem as mãos com dedos entrelaçados um pouco abaixo da cintura, cabeça erguida e expressão com sobrancelhas franzidas.

Apesar de ser a primeira e mais importante obra de registro da Libras no Brasil, a *Iconographia* de Gama (1875) sofreu bastante influência da língua de sinais francesa. Os estudos de Sofiato (2011, p. 1351) concluíram que nas estampas produzidas por Flausino e as pranchas desenhadas por Pélissier (1856), o conteúdo é praticamente o mesmo por ter se baseado nas mesmas escolhas de Pélissier. Isso nos faz concluir que as interjeições referidas podem ser as mesmas para a LSF.

Sendo assim, iniciaremos mais reflexões do que trataremos na pesquisa como escolhas para caracterizar as interjeições na Libras.

1.5.2 As interjeições em Libras em situação de intenção comunicativa

Na compreensão geral das pessoas, a utilidade da língua como um instrumento de troca de informações e de relacionamento humano e interpessoal, é a face mais evidente da linguagem. Porém, os atos de agir e reagir por meio das palavras não expressam somente conceptualizações do mundo, mas ainda atitudes subjetivas de quem fala ou escreve, como: certeza, suposição, desejos, desconfiança, curiosidades, surpresa etc. AZEREDO (2008, p 71)

Normalmente quando nos dirigimos a alguém somos motivados por um propósito, seja pedir uma informação, fazer um convite, saudar, agradecer algo etc.

Dependendo da situação comunicativa, utilizamos interjeições em frases de situação, como exemplo as do tipo apelativas: “Alô”! “Psiu”! “Heim”?

Aqui estamos tratando da intenção comunicativa verbal e não na escrita, na produção verbal dos interlocutores. Esse fenômeno também acontece entre os usuários das línguas de sinais, porque as pessoas utilizam a língua como instrumento de troca de informação, onde há uma intenção comunicativa, dependendo da situação que permeia os sujeitos do discurso.

A interação comunicativa é permeada por atos de fala e para compreender o caráter performativo da linguagem o enunciado tem que estar em circunstâncias adequadas com a enunciação, correspondendo assim à ação no objetivo de acontecer a interação linguística. Classificam-se em: 1. Locucionário - que é o próprio ato de dizer. 2. Ilocucionário - que atribui à proposição uma determinada força, que pode ser de ameaça, promessa, pedido, ordem etc., ou seja, se realiza na linguagem e 3. Perlocucionário - que é o efeito do ato locucionário e ilocucionário desencadeando no interlocutor uma ação, ou seja, o ato que se realiza pela linguagem.

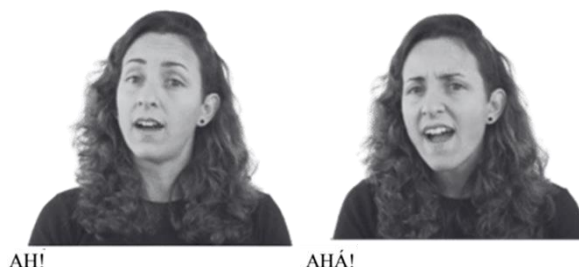
Não é nosso objetivo aprofundar a temática de atos de fala, embora consideremos como uma importante área de estudos nas línguas de sinais. O que nos chama a atenção para as interjeições é a intenção comunicativa, visto que em diferentes situações dos atos de fala usam-se interjeições.

Focamos nosso estudo nas intenções comunicativas que também acontecem nos atos de fala para descrever algumas interjeições na Libras. E quando essa comunicação é oral, várias nuances são marcadas pela entonação ou modulação da voz, que mostra a intenção com que são proferidas: alerta, convite, saudações, apelo, ordem, chamamento, repreensão etc.

Na Libras, o recurso entonação/modulação aqui tratado não se refere à emissão de sons vocais pelo sinalizante usuário da língua, mas a uma estratégia visual que se utiliza com função semelhante. E isso acontece principalmente pelo uso de ENM e de mudanças no movimento (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012) e no número de mãos (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999; XAVIER, 2013, 2014). Uma ENM pode ser considerada, no nível fonológico, um articulador não-manual, e caracterizar-se como sendo gestos bucais (*Mouth gesture*), que são realizados concomitantemente com um sinal, mas que não têm relação com a palavra oral correspondente à língua oral, podendo ser uma característica icônica do conceito representado pelo sinal.

(FELIPE, 2013, p. 12). Porém, percebemos que alguns desses gestos bucais, dependendo do contexto e intenção comunicativa, podem ser uma interjeição, assim como observamos nas imagens abaixo.

Imagem 25: Ah! / Ahá!



Fonte: Felipe, 2013 p. 12

Para exemplificar mais, podemos citar a interjeição de saudação traduzida do português como “Êi!”. Dependendo da intenção comunicativa e do estado emocional, o sinalizante irá utilizar diferentes formas de expressar um chamamento; ora pode utilizar uma mão, duas mãos, movimento rápido, muito rápido ou lento, menos lento. E para cada uma, as ENM serão diferentes. Observemos os exemplos nas imagens abaixo para melhor compreensão dessa dinâmica.

Imagem 26: Êi!



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Para não confundirmos atos de fala como sendo sempre interjeição, vamos descrever outras situações que acontecem no discurso de línguas orais e que, também acontecem nas Libras, mas utilizando outros recursos e podem aparecer no

nível morfológico e sintático. Quando amenizamos a certeza de nossos enunciados com expressões do tipo “*Acho que...É possível que...*” ou damos a entender que o pensamento não é nosso ou vem de outra fonte, estamos nos referindo a outros tipos de nuances dos atos de fala produzidos na intenção comunicativa. Esse é um tipo de recurso possível nas línguas de sinais quando o surdo utiliza o sinal de “OPINIÃO” como se ele estivesse se referindo a “*acho que...é possível que...*”, ou usa-se a configuração de mãos que bate no peito, utiliza o pronome possessivo MEU.

Quando precisamos retificar algo no discurso, usamos expressões do tipo “*Como eu estava dizendo..., Pensando bem...*” Na Libras esse recurso está associado ao item lexical (COMPLETAR ou OLHA OLHA) são situações que podem acontecer ao lado de categorias de representação ou modos que caracterizam a enunciação.

Nos atos discursivos, a tipologia tradicional distingue três tipos ou modalidades: declarativas, interrogativas e imperativas. Na maioria das frases, elas não são do tipo declarativas. E existem mais duas do tipo exclamativas e optativas que acrescentam-se as outras. (AZEREDO, 2008, p. 72)

Se estamos falando com relação às frases interrogativas imperativas, implica dizer que obrigatoriamente deve se dar pela existência de um locutor a quem a mensagem da frase é dirigida. Quando se empregam frases declarativas, exclamativas e optativas, elas se dão quando se conhece o conteúdo, um conteúdo de consciência, sem necessariamente fornecer qualquer pista verbal ao destinatário do suposto ato verbal.

As modalidades que são declarativas, exclamativas, interrogativas, imperativas e optativas se baseiam em traços formais, tipo fixadores das frases como entonação, seleção lexical e ordem das palavras. Como exemplo nas línguas orais, temos a frase declarativa “*ele desperdiça seu talento culinário vendendo comida na praia*”; interrogativa, “*onde ele desperdiça seu talento culinário?*”. Na frase imperativa, “*Não desperdice seu talento culinário vendendo comida na praia.*” e na exclamativa: “*Quanto talento culinário! E ele desperdiçando vendendo comida na praia!*”. E frases do tipo optativa, expressam um desejo, por exemplo “*tomara que ele não desperdice tanto talento vendendo comida na praia*”. (AZEREDO, 2008, p. 72) Esse tipo de frase ocorre em Libras, pois as línguas de modalidade visual/gestual também possuem estratégias linguísticas similares às línguas orais.

Quando nos referimos a atos de fala, certas declarações, perguntas e ordem podem ser expressas sucintamente por meio de interjeições, como Oba! (declaração de alegria, felicidade), Hein? (pergunta de quem não entendeu o que ouviu), Psiu! (ato de chamar alguém ou um pedido de silêncio), porém isso não esgota o rol de atitudes e intenções da pessoa que fala ou sinaliza.

Essas interjeições são empregadas para a comunicação face a face. E como quase sempre ocorrem sozinhas, à margem das construções sintáticas, não contribuem para expressar analiticamente um determinado conteúdo. Ou seja, são estratégias que são utilizadas e que expressam o sentimento de quem está falando/sinalizando através da interjeição.

O ato de fala é uma unidade comunicativa por excelência, porque é por meio dele que o enunciador converte o seu discurso numa intenção, pois a frase que ele está realizando pode ser ao mesmo tempo um modo de dizer e um modo de agir. Como, por exemplo: despedir, “*até amanhã; a gente se vê*”; se desculpar, “*sinto muito, foi mal*”; e de agradecer, “*Muito obrigado*”, “*Valeu*”.

Nesse caso, as interjeições em Libras também são do tipo interativa, quando seus interlocutores se despedem, desculpam-se e agradecem, ou seja, há uma intenção por trás daquilo que se comunica. E da mesma forma, nas demais situações onde a situação for interativa.

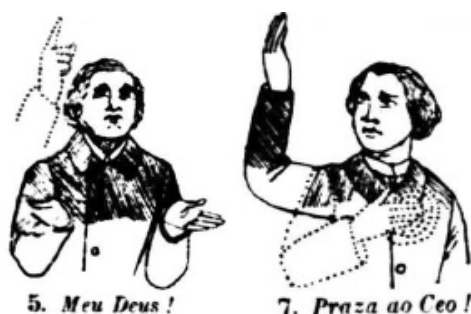
Outro recurso importante na frase de situação é o papel discursivo do vocativo, termo que destaca a pessoa ou animal em que o enunciador identifica ao dirigir a palavra. É comum no ato de chamar alguém que esteja distante, substituir o vocativo pela interjeição Psiu!, Êi!. Quando não se sabe o nome da pessoa a ser chamada, esse vocativo é substituído pelo ato de bater palmas. Em atos de repreensão ou saudação do interlocutor ou isolados em frases exclamativas, os vocativos são tratados como locuções interjetivas (“*Meu Deus!*”, “*Minha Nossa Senhora!*”).

Locuções interjetivas também são observadas na Libras e elas estão interligadas às expressões não manuais e ao movimento. No exemplo CHAMAR ALGUÉM, o movimento é intensificado várias vezes numa situação onde o locutor expressa um determinado sentimento quando chama alguém e não tem o retorno dessa pessoa ou a pessoa está longe do campo visual do sinalizante e não visualiza o chamado. Então há repetição do movimento intensificado e percebe-se o sentimento de irritação ou raiva. Nas línguas orais, as interjeições também se apresentam como locução interjetiva, quando duas ou mais palavras formam uma

expressão com efeito de interjeição. Na escrita estão sempre associadas a um ponto de exclamação. A exclamação nas línguas de sinais é percebida pelas ENM, sobrancelhas levantadas e um pequeno movimento da cabeça, inclinando para cima e para baixo.

Na estampa 20 do referido livro, página 50, encontramos duas imagens que assemelham-se à locução interjetiva por usar dois sinais com essa função. São elas:

Figura 11: Meu Deus! / Praza ao Ceo!



Fonte: GAMA, (2011, p. 50)

No livro de Flausino as interjeições são tratadas juntas com as interrogações. O autor explica que para fazer a pergunta é necessário a junção de dois sinais, por exemplo: sinal que representa “que, qual, quem” com o sinal “saúde” obtém-se a pergunta “como passa de saúde ou com o sinal de “hora”, pergunta-se “que horas são?”.

Figura 12: Que é isto? / Saúde



Fonte: GAMA, (2011, p. 50)

Embora as interjeições na obra de Flausino tenham sido traduzidas como uma referência à língua portuguesa da época, percebemos que elas estão diretamente ligadas ao comportamento que a instituição almejava para o surdo. Nas palavras de Tobias leite na apresentação da obra, lemos:

“Este livro tem dous fins: 1º vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para manifestação dos seus pensamentos. Os pais, os professores primários, e todos os que se interessam por esses infelizes, ficarão habilitados para entender e se fazerem entender. 2º mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado.” (GAMA, 2011, p.12)

Finalizando nossas considerações, passaremos na seção seguinte ao processo metodológico percorrido na tese.



CAPÍTULO 2 – Metodologia: Ah!

Segundo Perini (2007, p. 21): “Não há a menor base linguística para a distinção entre ‘certo’ e ‘errado’ – o linguista se interessa pela língua como ela é, e não como deveria ser”. E concordando com Perini, nosso trabalho visa descrever as interjeições em Libras como elas se apresentam na interação comunicativa de usuários surdos.

Neste capítulo, descrevemos o percurso que trilhamos metodologicamente para descrição das interjeições em Libras a partir do *corpus* selecionado.

2.1 O percurso trilhado

Descrever os elementos pertencentes a uma língua não é tarefa fácil. E quando tratamos do tema que escolhemos para pesquisar, as interjeições em Libras, nos deparamos com a questão de seu pertencimento em termos gramaticais e linguísticos. A Libras é uma língua antiga, mas ao mesmo tempo nova em pesquisas linguísticas se comparada à língua portuguesa, o que não é objetivo de nosso trabalho.

A composição de uma gramática para a Libras ainda se encontra em construção. As primeiras indicações surgiram com os trabalhos de Ferreira-Brito (1995) e posteriormente por outros pesquisadores. Desta forma, optamos por descrever as interjeições em Libras a partir de situações de interação comunicativa por sinalizantes surdos.

Por considerarmos nossa pesquisa como sendo o primeiro passo em direção a uma descrição e reconhecimento desse fenômeno linguístico na Libras, nossa escolha foi por fazê-la, levando em consideração aspectos culturais da comunidade

surda. Escolhemos o *gênero textual piada* por ser, em nossa opinião, o que melhor representa a produção das interjeições de forma espontânea na Libras.

Esta pesquisa é do tipo qualitativa/descritiva. Nosso objetivo é apresentar as interjeições no viés da linguística, visto que ainda não há um consenso sobre o pertencimento das interjeições, o que necessita de mais estudos nas diferentes áreas de pesquisas sobre o funcionamento da linguagem.

Seguimos 5 (cinco) etapas para realização desse estudo, a saber:

(1) Análise dos estudos de Ferreira-Brito (1995), Felipe (1998) e Quadros e Karnopp (2004), pioneiras nos estudos linguísticos e descrição das categorias gramaticais de Libras no Brasil.

Ferreira-Brito (1995), no livro “Por uma gramática de Língua de Sinais” apresenta os primeiros passos para a descrição da Libras, fornecendo subsídios para que se chegue à explicitação de sua gramática. A autora, com a intenção de descrever os aspectos morfológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos, recorreu à comparação entre outras línguas de sinais e, algumas vezes, as línguas orais. Os aspectos linguísticos abordados compreendem a morfofonologia e a sintaxe, o sistema de negação, pronomes, classificadores e correferências, modalidades epistêmicas e deônticas da Libras, termos básicos para cores e em atos de fala: pedidos e estratégias de polidez. O livro ainda aborda a metodologia da pesquisa e faz um estudo comparativo entre línguas.

Ainda em Ferreira-Brito (1998), na série atualidades pedagógicas, um livro para capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental na área de Libras, volume III, a autora apresenta uma introdução à gramática da Libras, acrescentando as categorias gramaticais de verbos, advérbios, adjetivos, comparativo (igualdade, superioridade e inferioridade) sistema pronominal, numerais e tipos de frases. Tópicos esses que não foram tratados na sua primeira obra.

Em seguida ao trabalho de Ferreira-Brito, Felipe (2001) lança o livro “Libras em contexto” para a formação continuada de professores. O livro aborda o ensino da Libras de forma contextualizada em situações de uso da língua. Há uma parte dedicada à gramática da Libras, onde são trabalhados os temas de pronomes, numerais, tipos de frases, pronomes e expressões interrogativas, expressões idiomáticas relacionadas ao sinal sideral, direção perspectiva, adjetivos, advérbios de tempo, os parâmetros, processo de formação dos sinais, tipos de verbos, classificadores, intensificador e advérbios de modo.

Outro livro que analisamos foi o “Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos” de autoria de Quadros e Karnopp (2004). As autoras iniciam a obra com uma discussão sobre o estatuto linguístico da Libras. A partir disso, introduzem uma análise de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. As análises resultam das teses das autoras que apresentam descrições detalhadas sobre os aspectos linguísticos abordados. No nível fonológico, as autoras apresentam uma análise dos fonemas que constituem a Libras e, também, de processos fonológicos que se aplicam à Libras. No nível morfológico, foram abordados, de maneira geral, aspectos quanto aos processos de formação dos sinais, considerando os processos derivacionais e os flexionais. No nível sintático, é apresentada uma análise detalhada das estruturas das frases da Libras, compreendendo uma descrição da composição da sentença e dos diferentes tipos de estruturas: negativas, interrogativas polar, interrogativas QU, condicionais, tópico e foco.

(2) Revisão da literatura sobre os estudos das interjeições em línguas de sinais em outros países para fundamentar a tese. Os achados mais relevantes foram a referência do *SignGram Blueprint* (2020) e a do *SIGN-HUB* (2020). Como autores que citam pontos sobre interjeição nas línguas de sinais: Pfau; Steinbach; Woll(2012), Dingemanse (2013), e Bendayan e Morgenstern (1995). Nos estudos sobre interjeições em línguas orais, nos deparamos com os trabalhos de Bechara (2019), Cunha (2017), Perini (2010) e Cegalla (2008) dos estudiosos da gramática. Rebello (2016), Bagno (2012), Marcuschi (2007), Azeredo (2008), Wierzbicka (2003), Ameka (1992) entre os linguistas.

(3) Busca de vídeos da internet de diversos gêneros textuais, mas elencamos como critérios:

- A. ser vídeo com personagens surdos, sem janela de interpretação e pertencentes a aspectos da cultura surda;
- B. sem roteirização formal previamente estabelecido para não ser algo mecânico;
- C. disponíveis na internet: plataforma digitais e redes sociais;
- D. ser vídeo interativo de curta duração.

Elegemos esses critérios visto que o significado de uma interjeição depende da situação sociocomunicativa. Uma mesma interjeição pode gerar significados diferentes a depender do estado mental corrente do falante, Wierzbicka (1991).

(4) Instigados pela temática, a quarta foi a busca de interjeições em dicionários de língua de sinais impressos em tinta e em *sites online*, com o objetivo de observar

como essas interjeições eram apresentadas e classificadas nas obras oficiais do Brasil. Os dicionários selecionados foram: “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos”, Capovilla (2017), e o “Dicionário Língua Brasileira de Sinais - Libras”, produzido por Acessibilidade Brasil (2014), por serem compêndios de referência reconhecidos no Brasil. As referências das línguas de sinais de outros países foram coletadas a partir de dicionários em *sítes* da internet.

(5) Busca de interjeições de interjeições pertencentes a outros países, pois ao iniciarmos a análise nos dicionários, percebemos que muitas delas em Libras ou eram iguais ou se assemelhavam às interjeições de outras línguas de sinais, especialmente a francesa e a americana.

(6) A última etapa deste primeiro momento foi a análise do material coletado para definição do *corpus* que apresentamos a seguir e dos demais passos para construção da tese, objetivando a descrição das interjeições da Libras.

2.2 Definindo o *corpus*

Em toda pesquisa, a definição do *corpus* é algo bastante complexo, ainda mais quando se trata de uma língua de sinais, visto que grande parte dos estudos sobre essa modalidade de língua são comparativos em diversos aspectos linguísticos com aqueles presentes nas línguas orais.

Trask (2006, p. 68) define o *corpus* como "um conjunto de textos escritos ou falados numa língua disponível para análise". Já Dubois et ali (2007, p. 158) declaram que "estabelece-se a gramática descritiva de uma língua a partir de um conjunto de enunciados: este é submetido à análise e constitui o *corpus* da pesquisa".

Para nossa pesquisa, selecionamos um *corpus* representativo de interjeição da Língua Brasileira de Sinais nos vídeos: “O soldado surdo” e “A competição dos sapos”, “Minhas pernas quase fugiram” e “Quem tomou o meu café”, da plataforma *youtube*, alguns sinais de interjeições e locuções interjetivas encontrados nos dicionários de Capovilla (2017) e do dicionário Língua Brasileira de Sinais - Libras, produzido por Acessibilidade Brasil (2014)

O *corpus* consta de 60 (sessenta) sinais de interjeições em Libras assim divididos: 35 (trinta e cinco) dos 4 (quatro) vídeos, 16 (dezesesseis) do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, 9 (nove) do Dicionário Língua

Brasileira de Sinais - Libras (Acessibilidade Brasil). Desse total, descrevemos 35 (trinta e cinco) dos vídeos e analisamos 25 (vinte e cinco) dos dicionários citados aqui.

A escolha do *corpus* se deu porque elegemos aqueles que estão presentes nas situações de interação comunicativa de usuários surdos e que levam em consideração os aspectos culturais desse grupo linguístico, corroborando com os objetivos elencados em nossa tese.

2.3 Instrumento de transcrição do *corpus*

O desenvolvimento de ferramentas que permitem a visualização e anotação simultânea de gravações em vídeo tem beneficiado nos últimos anos as pesquisas nas línguas de sinais. Descrição da língua de sinais, aquisição de língua, educação, estudos da gestualidade, inteligência artificial, animação gráfica, interação homem e computador são algumas das áreas investigadas. Tendo em vista algumas alternativas de ferramentas para transcrição, optamos por utilizar o ELAN (*Eudico Language Annotator*), um programa desenvolvido pelo *Max Planck Institute of Psycholinguistics*, da Holanda.

O ELAN foi um instrumento primordial para descrição do *corpus* desta pesquisa, pois nos permitiu cortes precisos nos vídeos selecionados para este fim. A ferramenta permite representar a língua objeto de estudo de uma forma fixa e simplificada, especialmente no caso das línguas de sinais.

2.4 Caracterização dos vídeos selecionados para compor o *corpus*

Esta etapa teve por objetivo analisar diversos vídeos em busca das interjeições utilizadas por usuários surdos nos diversos gêneros textuais para a composição do *corpus* a fim de descrever as interjeições da Libras.

Os vídeos em que mais identificamos interjeições em Libras são os caracterizados a seguir.

Imagem 27: “Minhas pernas quase fugiram!”



Fonte: <https://youtu.be/OWsc8JNLN1A>

O vídeo narra a história inusitada de um rapaz que vê suas pernas literalmente tomando vida e saindo do seu corpo. Desesperado, ele pede que elas voltem imediatamente, porém as pernas resistem e não querem voltar. Depois de muita insistência, as pernas retornam ao corpo do personagem para o alívio do rapaz.

Imagem 28: “Quem tomou meu café?”



Fonte: <https://youtu.be/8eNvLkPHL4k>

Em “Quem tomou o meu café?”, temos uma história entre um personagem e uma espécie de rato (um boneco tipo fantoche). Começa com o rapaz preparando um café e em seguida percebe que esqueceu de pagar a conta de luz. Ao ir buscá-la, o rato toma todo o café e, ao perceber que o rapaz retorna à cozinha, some. Vendo que o café sumiu, o rapaz procura descobrir quem tomou o seu café. Nesse momento o rato volta e dá muita gargalhada.

Imagem 29: “A competição dos sapos”.



Fonte: <https://youtu.be/Gdl0uP7z-H0>

O vídeo intitulado “A competição dos sapos” narra a história de três sapos, dois ouvintes e um surdo. Eles competem entre si para ver qual deles chega ao topo de uma árvore. Os sapos ouvintes se acham superiores ao sapo surdo e o humilham, porém não conseguem chegar ao objetivo da competição e caem da árvore. Eles incitam o sapo surdo a subir, e este aceita, e consegue chegar ao objetivo da competição. No final, o sapo surdo vitorioso olha para os sapos ouvintes ironicamente, acena com um tchau e vai embora.

Imagem 30: “O soldado surdo”



Fonte: <https://youtu.be/4G7C3HfXli4>

“O soldado surdo” é uma história de dois soldados, um ouvinte e um surdo e seu comandante. A história começa quando o comandante chega e começa a falar oralmente com o soldado ouvinte. Em seguida ele se dirige ao surdo que nada entende, e lhe avisa ser surdo. O comandante entende mas pergunta como ele irá desarmar uma granada e lançá-la. O soldado surdo diz que sabe fazê-la. Então o comandante, desconfiado, pede para ver. O soldado faz a tarefa, e o comandante pede para ele repetir. O soldado conta até dez, em Libras, e lança. Então o comandante como superior, diz que fará também, porém ele conta até dez nos dedos e explode.

Não pretendemos fazer um estudo comparativo das interjeições entre línguas de sinais e as línguas orais, mas traremos exemplos de como esse fenômeno acontece na LSF, língua da qual se origina, em grande parte, a Libras, e ASL por sua influência lexical, entre outras.

No próximo capítulo será apresentada a descrição das interjeições, em Libras, selecionadas para compor o estudo de nossa tese.



CAPÍTULO 3 - Descrição das interjeições em Libras: Legal!

Sabemos que as interjeições estão presentes em todas as línguas humanas. Nas línguas sinalizadas ou orais, são expressões espontâneas que traduzem estados emocionais na interação comunicativa entre interlocutores ou individualmente.

Neste capítulo apresentamos a descrição das interjeições em Libras que foram selecionadas para compor o estudo desta tese.

3.1 Análises e discussões

Em nossa pesquisa, objetivamos descrever as interjeições como elas se apresentam em diferentes contextos discursivos de comunicação na interação entre os sinalizadores, comprovando que são fenômenos presentes na Libras. Esse fato nos faz concordar com os estudos de Marcuschi (2007) ao argumentar que, embora não havendo um consenso quanto ao pertencimento das interjeições entre os estudiosos da gramática e da linguística, por suas características, as interjeições têm importante função discursiva.

Não pretendemos fazer um estudo comparativo das interjeições entre línguas de sinais, devido à modalidade diferente das línguas. Mas a partir das análises que fizemos em vídeos e dicionários, apontaremos exemplos de como esse fenômeno acontece na LSF, língua da qual se origina, em grande parte, a Libras e ASL por sua influência lexical, entre outras.

Nosso respaldo teórico fundamenta-se nos trabalhos de Rebello (2016), Wierzbicka (2007), Marcuschi (2007) e Ameka (1992) sobre interjeições nas línguas orais como base para a descrição das interjeições em Libras.

Optamos por não fazer uma classificação ou categorização baseada nos autores, no momento, pois esse tipo de elemento linguístico na Libras ainda necessita de estudos aprofundados para que não se confunda com as funções das ENM que, segundo Quadros (2004), apresentam funções sintáticas e fonológicas, além de seu papel na expressão de intensidade. As interjeições tratadas nesta pesquisa são

descritas a partir dos valores que assumem em cada situação comunicativa expressa nos vídeos em que há interação entre os interlocutores. Ou seja, sabemos que neste ponto as interjeições possuem amplitudes diferentes, ainda mais em se tratando de uma língua gestual/visual que tem as ENM como um dos componentes do seu processo de formação de sinais.

A descrição apresentada pretende contribuir para o entendimento da interjeição em seu uso real, quando em situações comunicativas, e tem como objetivos:

a) exemplificar quais são as interjeições que se manifestam nos vídeos humorísticos: “O soldado surdo”, “A competição dos sapos”, “Minhas pernas quase fugiram” e “Quem tomou meu café”.

b) mostrar que valores elas assumem na interação comunicativa dos sujeitos;

c) descrever como as interjeições se apresentam na Libras a partir das que foram encontradas nos vídeos; e

d) demonstrar a importância de sua função na interação comunicativa.

Diferentemente do que fazem as gramáticas quando apresentam o tópico sobre interjeição, nossa abordagem se inicia com a descrição do valor da interjeição, em seguida um recorte da imagem do personagem, tendo ao lado a descrição da interjeição em Libras e a transcrição do trecho em que a interjeição aparece no vídeo.


Utilizamos algumas glosas da língua portuguesa para melhor entendimento do significado de algumas interjeições na Libras, porém não afirmamos ser a tradução do elemento linguístico tendo em vista a diversidade de sentidos que as interjeições assumem no contexto de interação comunicativa.

A seguir, têm-se as ocorrências nos vídeos em que estão inseridas:

3.1.1 Interjeições no vídeo 01

Iniciaremos neste item, a descrição das interjeições em Libras encontradas no vídeo “O soldado surdo”.



Imagem 31 - Interjeição de compreensão/afirmação

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Cabeça levemente inclinada para frente, boca aberta em formato de “O”, sobrancelhas arqueadas e elevadas.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O comandante se aproxima de dois soldados, um surdo e um ouvinte. Ele dá uma ordem ao ouvinte que entende. Ao se dirigir ao surdo oralmente, o surdo não entende e diz que é surdo, mostrando o sinal de surdo.</p>

Na cena, referente à imagem 31, o comandante utiliza uma Interjeição realizada apenas com as ENM e que tem valor de entendimento/afirmação (se assemelha a um “Ah!” da língua oral) que exprime o estado mental do falante. Na cena, por não saber que o soldado era surdo, o comandante mostra não ter conhecimento sobre as pessoas surdas. Ao ser informado, ele reflete, e aparentemente compreende a condição do soldado e ao se apropriar do fato, manifesta um entendimento que é percebido como uma afirmação.

Desse modo, com base em Ameka (1992) ao identificar três tipos diferentes de interjeições, consideramos a imagem 31, como interjeição *expressiva* por estar de acordo com o contexto interativo mediante suas funções comunicativas específicas.


Imagem 32 - Interjeição exclamativa de dúvida

 <p>(1)</p>	 <p>(2)</p>
<p><u>Descrição</u></p> <p>(1) CM 🖐 De apoio à compreensão cabeça inclinada na diagonal em direção ao ombro esquerdo. Sobrancelhas franzidas. Olhos fechados. Boca fechada.</p> <p>(2)CM 🖐 de apoio à compreensão cabeça inclinada para frente, testa franzida, ombros levemente erguidos, braços esticados na horizontal à frente do corpo com as mãos espalmadas, aspecto de dúvida.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O comandante questiona duas vezes o soldado surdo de sua capacidade em executar uma tática de guerra: desarme e lançamento de granadas.</p>

Embora o comandante tenha utilizado uma interjeição de compreensão/afirmação na cena anterior (imagem 31), nesse momento (imagem 32), ele reage ao fato com uma interjeição exclamativa que remete à dúvida. Semelhante a interjeições do tipo “**Hã, heim ou Hem?**” da língua portuguesa, são muito usadas para interrogar ou exprimir dúvida em relação a algo que não se ouviu (viu) bem ou não se percebeu e ainda exprime espanto ou indignação, mas também são usadas para responder a um chamamento, expressa reflexão, esclarecimento, admiração. Mesmo tendo entendido que o soldado era surdo, o comandante não acredita que ele seja capaz de desarmar e atirar a granada e por duas vezes utiliza uma interjeição que tem o sentido interrogativo/exclamativo de “o quê”? “quê!”, mas realizadas de forma diferente como podemos perceber em (1) e (2).

Pelo fato de as interjeições estarem relacionadas aos gestos vocais que refletem o estado mental do falante, nesse contexto consideramos as interjeições em Libras (imagem 32) como *expressivas* (Ameka, 1992), tanto por serem independentes, quanto por executam seu papel de maneira satisfatória uma vez que são expressões espontâneas. Sendo assim, numa situação de interação comunicativa elas não se apresentam da mesma forma, fato que foi observado na maioria dos vídeos analisados e serão descritos nas imagens subsequentes.


Imagem 33 - Interjeição de incredulidade

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Cabeça levemente inclinada para trás, testa franzida, lábios cerrados, um dos olhos pressionado e fechado.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O comandante não acredita quando o surdo diz ser capaz de executar o trabalho. Ele pede para o soldado fazer a tarefa para confirmar ou não sua desconfiança.</p>

A partir dessa parte do vídeo (imagem 33), a interjeição realizada pelo comandante tem valor de desconfiança/descrença. O soldado surdo argumenta com o comandante que é capaz de fazer o trabalho, mas mesmo tendo entendido que se tratava de um soldado surdo, o comandante desconfia da capacidade desse soldado.

Na análise da imagem 33, pela situação em que o comandante precisa de comprovação do soldado, a interjeição corrobora com o argumento de Wierzbicka (2007) como sendo *cognitiva*, ou seja, o comandante expressa o que pensa da situação quando na cena seguinte ele clama o soldado para ver sua capacidade na realização da tarefa. Essa interjeição nos remete a um julgamento que é feito pelo comandante por acreditar que o soldado fala a verdade.


Imagem 34 - Interjeição de chamado

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Cabeça inclinada para o lado, antebraço dobrado com gesto de chamado ou vamos</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O comandante não acredita no soldado surdo que afirma saber executar a tarefa, então o comandante chama o soldado para vê-lo fazer o trabalho.</p>

Na cena que se segue (imagem 34), temos uma interjeição com sentido de chamamento, uma ordem que é dada a alguém. Podemos compreender no vídeo como “Vamos!”, pois acontece esse chamamento pelo comandante para ver se o soldado surdo consegue mesmo executar a tarefa. A princípio, “vamos” é o verbo “ir” conjugado na primeira do plural do presente do indicativo, do imperativo pessoa afirmativo ou do presente do subjuntivo. Porém, quando usado isolado, como se apresenta no vídeo, ele se torna uma interjeição.

Percebe-se que pelo contexto da história, a interjeição apresenta-se como *persuasiva* (Rebello, 2016). É o desejo do comandante que, por ter uma patente superior, usar de sua hierarquia para persuadir o soldado a realizar a tarefa frente ao que o comandante pensa ou conhece do trabalho no exército.

Imagem 35 - Interjeição de espanto/surpresa



	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Sobrancelhas e testa franzidas. Olhar para baixo. Leve movimento para cima e para baixo da cabeça. Boca em formato de “o”.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O soldado executa o trabalho, desarma a granada, conta até 10 com os numerais em Libras com uma mão e lança a granada. Depois observa a explosão. O comandante não acredita e manda o soldado fazer pela segunda vez. Ao perceber que o soldado surdo conseguiu, o comandante acredita no trabalho do soldado surdo.</p>

As interjeições de espanto são expressões usadas para indicar surpresa, susto, seja de um modo bom ou ruim. Sendo assim, ele pode representar tanto admiração quanto raiva ou decepção. Essa informação é observada na cena da imagem 35, pois na situação a reação do comandante só acontece quando ele manda o soldado surdo executar por duas vezes a atividade para poder mudar de opinião e acreditar na capacidade do soldado.

Em Rebello (2016), as interjeições que denotam espanto/surpresa revelam uma reação a algo imprevisto, que chama atenção (não necessariamente assombroso ou que não se espera em dado momento). Ao citar Harre (1998), a autora argumenta que o uso desse tipo de interjeição é resultado de um julgamento complexo a respeito de uma situação inesperada. No caso da imagem 35, o julgamento do comandante relaciona a surdez do soldado a uma incapacidade que só foi comprovada na realização da tarefa, fato que fez o comandante mudar de opinião e se surpreender ao comprovar o fato pessoalmente.

Consideramos, concordando com Wierzbicka (2007), que essa interjeição em Libras é *cognitiva*, ou seja, houve esforço mental (agora eu sei) para compreender o que foi dito e observado. Assim como *expressiva*, pois tem como foco o estado mental do sinalizante Ameka, (1992).

Imagem 36 - Interjeição de surpresa/terror

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Cabeça levemente inclinada para cima, sobrancelhas levantadas, ombros levemente erguidos, braços flexionados, mãos espalmadas, dedos abertos, na altura do peito, lábios estendidos, expressão de surpresa.</p> <p>GMA com CM </p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O comandante diz ao soldado surdo que irá realizar a tarefa. Ele desarma a granada, e começa a contar com os dedos da mão. Ao perceber que não há como contar até 10 com uma mão, põe a granada entre as pernas e utiliza a outra mão para continuar a contagem. Ao terminar, ele sorri e diz que conseguiu contar, mas o soldado surdo o avisa de que falta lançar a granada e acontece a explosão.</p>

A interjeição observada na cena (imagem 36) tem dois sentidos. A surpresa do comandante ao ser avisado pelo soldado surdo de que se esqueceu de lançar a granada e o terror (ou pavor) ao perceber que iria explodir como uma bomba. Duas situações inesperadas, e a interjeição apresentada é a *expressiva*, percebida pelo estado emotivo do comandante na história.

A seguir, expomos um quadro com síntese do valor, tipo e parâmetro descritos nas interjeições no vídeo 01.

Quadro 04 - síntese das interjeições do vídeo “O soldado surdo”

Interjeição	Valor	Tipo	Parâmetro utilizado
Imagem 31	Compreensão Afirmação	Expressiva	ENM
Imagem 32	Dúvida	Expressiva	ENM + GMA
Imagem 33	Incredulidade	Cognitiva	ENM
Imagem 34	Chamado	Persuasiva	ENM + GMA
Imagem 35	Espanto Surpresa	Cognitiva Expressiva	ENM
Imagem 36	Surpresa Terror	Expressiva	ENM + GMA


Legenda: ENM (Expressões Não Manuais), GMA (Gesto Manual de Apoio) e IL (Item Lexical)

3.1.2 Interjeições do vídeo 02

Dando continuidade à descrição das interjeições da Libras, partimos agora para o vídeo “A competição dos sapos”.

Imagem 37 - Interjeição de chamamento



<u>Descrição</u>	<u>Contexto</u>
<p>CM  - um dos braços estendido na horizontal à frente do corpo, palma da mão virada para cima, movimento do braço de baixo para cima, flexionando a mão para dentro do corpo, expressão em tom de ordem.</p>	<p>Nesse contexto, os sapos ouvintes chamam o sapo surdo e lhe propõem o desafio de subir na árvore com intuito de provar se ele é capaz ou não de alcançar o topo.</p>


Através das atitudes dos sapos ouvintes, percebemos que há preconceito devido à condição de surdez do terceiro sapo. Os sapos ouvintes gostam de zoar o sapo surdo, dizendo que ele não é capaz. Para isso, o chamaram para subir, mesmo não acreditando na capacidade dele. No mesmo instante o sapo surdo com tom de animação e coragem, aceita o desafio.

De acordo com Ameka (1992), as interjeições **conativas** são dirigidas a um locutor, portanto, necessariamente pedem um ouvinte, em geral com a intenção de atrair uma resposta ou ação. Quanto à interjeição secundária, pertence à categoria gramatical de verbo. Rebello (2016) classifica esse tipo de interjeição como sendo *persuasivas* de chamamento, visto que “são utilizadas quando o falante quer que atendam ao seu chamado e quando algum contato quer ser estabelecido por ele”.

Na imagem seguinte em que a cena continua, podemos perceber a ironia de um dos sapos ouvintes ao debochar do sapo surdo através de uma interjeição de dúvida, conforme segue a análise.

Imagem 38 - Interjeição de dúvida e ironia



<u>Descrição</u>	<u>Contexto</u>
<p>CM  - uma das mãos com a palma sob os lábios, espalmada, dedos juntos, apenas o dedo polegar esticado, cabeça levemente inclinada para cima, olhos levemente fechados com expressão irônica.</p>	<p>Nessa cena os sapos ouvintes demonstram não acreditar na capacidade do sapo surdo. Embora o sapo surdo tenha sido desacreditado, ele propõe o desafio de também tentar atingir o topo da árvore apesar do tom irônico dos sapos ouvintes.</p>







Os sapos ouvintes demonstram não acreditar na capacidade do sapo surdo. Porém, apesar do preconceito, o surdo se apresenta como um sapo corajoso que aceita o desafio. Sua expressão irônica, com a mão espalmada à frente da boca, expressa um sentimento de dúvida com relação à coragem do sapo surdo. Essa ironia é mostrada visualmente na expressão dos olhos, mãos e da boca.

A ironia é uma figura que exprime um conceito contrário do que se pensa ou do que realmente se quer dizer. Por isso, muitas vezes, só pode ser percebida quando se considera o contexto (MESQUITA, 2007).

Percebe-se que pelo contexto da história, a interjeição apresenta-se como *cognitiva* (Wierzbicka, 2013), pois há um movimento de reflexão sob a ação ironizar pelo fato de o sapo ser surdo; *secundária*, por possuir valor semântico independente, e por si própria expressa o estado mental do sinalizante e *fática*, pois funciona como "estabelecimento e manutenção do contato comunicativo", incluindo as sinalizações (ENM) em interação com o receptor (LEE, 2017; AMEKA, 1992).



Na sequência, a imagem 38 define melhor a forma com que os personagens mantêm contato visual e estimulante.

Imagem 39 - Interjeição de estímulo

<p style="text-align: center;">(1)</p> 	<p style="text-align: center;">(2)</p> 	<p style="text-align: center;">(3)</p> 
<p><u>Descrição</u></p> <p>(1) CM  - mãos espalmadas, palma para frente, dedos juntos, polegar esticado, mão esquerda tocando a face esquerda no canto da boca, a mão direita segue a mesma sequência do lado direito, boca aberta, cabeça inclinada para cima, o olhar acompanha o movimento da cabeça, testa franzida, expressão de animação.</p> <p>(2) CM  - cabeça inclinada para cima, sobancelhas levantadas, boca aberta, braços levantados com os cotovelos na altura do ombro, mãos fechadas com punho firme, expressão eufórica.</p> <p>(3) CM  - braços estendidos na horizontal à frente do corpo, palmas para cima, espalmadas, dedos levemente separados, cabeça inclinada para cima, os olhos acompanham o movimento da cabeça, braços com movimentos repetitivos para cima e para baixo, boca aberta, expressão de animação.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>A plateia começa a incentivar o primeiro a subir na árvore quando o sapo se desconcentra, se desequilibra e cai da árvore.</p> <p>O segundo sapo ouvinte começa a escalar a árvore enquanto o sapo surdo observa lentamente.</p> <p>Novamente se ouvem sons de vibração do público torcendo pelo sapo. O sapo surdo apenas observa pensativo.</p>	

A interjeição apresenta-se como **emotiva e secundária** (Wierzbicka, 2013), pois apresenta o estado mental do falante, induzindo o sinalizante a expressar um sentimento estimulado por questões externas; **conativa**, pois tem o objetivo de chamar a atenção de uma pessoa ou animal em que a partir de uma ação devem uma resposta ao receptor (AMEKA, 1992).

Imagem 40 - Interjeição de desprezo




<p>(1)</p> 	<p>(2)</p> 
<p><u>Descrição</u></p> <p>(1) Cabeça levemente inclinada para o lado, olhos fechados, lábios cerrados impulsionados para baixo, testa e sobrancelhas franzidas, expressão de tristeza.</p> <p>(2) Cabeça inclinada para o lado, olhos fechados, lábios cerrados impulsionados para baixo, testa e sobrancelhas franzidas, expressão de profunda tristeza.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Ao ver os dois sapos ouvintes caírem no chão, ambos em momentos diferentes, o sapo surdo observa a cena de forma irônica.</p> <p>No segundo momento, o segundo sapo ouvinte cai enquanto o sapo surdo observa ironicamente.</p>


Durante a cena, quando o sapo ouvinte cai, é possível perceber através da expressão facial do sapo surdo, que ele faz expressão de desdém, com um movimento de cabeça que pende para o lado, quando observa o sapo ouvinte no chão. A expressão de ironia consiste na inversão de sentido: afirma-se o contrário do que se pensa, visando à sátira ou à ridicularização.

Então o sapo surdo avisa para o segundo sapo ouvinte já machucado no chão: eu vou tentar! O sapinho ouvinte responde: vai lá! Para isso, o sapo ouvinte quer provar sua capacidade. A interjeição apresenta-se como **cognitiva** (Wierzbicka, 2013), por ter havido uma ação reflexiva antes de ser expressa; é considerada **primária** por também representar o ato mental do sapo surdo (AMEKA, 1992).

A interjeição com valor de irônico, apresenta-se como **cognitiva** (WIERZBICKA, 2013), pois é possível perceber que o sapo surdo compreendeu a situação e refletiu sobre a ação do sapo ouvinte, manifestando em seguida seu sentimento irônico. Dessa forma, é possível configurar essa interjeição como **primária** por representar o ato mental do sapo surdo e **fática** pela manutenção do *feedback* entre ambos (AMEKA, 1992)



Imagem 41 - Interjeição de estímulo

<p>(1)</p> 	<p>(2)</p> 
<p><u>Descrição</u></p> <p>(1) CM  - mãos espalmadas, palma para frente, dedos juntos, polegar esticado, mão esquerda tocando a face esquerda no canto da boca, a mão direita segue a mesma sequência do lado direito, boca aberta, cabeça inclinada para cima, o olhar acompanha o movimento da cabeça, testa franzida, expressão de animação.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O sapo surdo, bastante forte, começa a escalar a árvore enquanto a plateia grita.</p>

<p>(2) CM  - cabeça inclinada para cima, sobranceiras levantadas, boca aberta, braços levantados com os cotovelos na altura do ombro, mãos fechadas com punho firme, expressão eufórica.</p>	
--	--

Ao perceber que o sapo surdo conseguiu atingir o objetivo, a plateia vibrou. A interjeição apresenta-se como expressiva **emotiva** (Wierzbicka, 2013), por representar a emoção ao vibrar pelo sucesso do sapo; **secundária** por ter um valor semântico independente, pois o ato de vibrar subentende-se que se comemora algum tipo de vitória (AMEKA, 1992).


Imagem 42 - Interjeição de alegria

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - braços erguidos na vertical com cotovelo na altura dos ombros, mãos fechadas em punho, com movimentos repetitivos com os braços de baixo para cima e de cima para baixo.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O sapo por ser surdo não se distrai com os gritos do público e continua sua escalada até o topo. Ao conseguir o feito, o sapo surdo vibra com intensidade.</p>

Nesse momento, no início da escalada, o sapo surdo se sente extremamente confiante e focado em chegar ao topo da árvore. E quando consegue atingir o ápice, o sapo surdo vibra com muita emoção, portanto consideramos a emissão de uma interjeição assemelha-se a “Obaaa!” “Uhu!” sendo **emotiva** (WIERZBICKA, 2013), por

representar essa felicidade, e **primária** por se uma palavra pequena, contribui para o enunciado, possui seu próprio significado e não depende de outras palavras, além de ser possível usar outra forma (AMEKA, 1992).

Imagem 43 - Interjeição de admiração

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Cabeça inclinada para cima, olhos arregalados, boca aberta com aspecto de profunda admiração.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O sapo ouvinte que estava na plateia olha para cima e observa a performance do sapo surdo de ter conseguido subir na árvore.</p>


A emoção sentida por saber que o surdo conseguiu atingir o topo da árvore, expressando assim uma interjeição: “Uau”! com tom de “Nossa”!

Nesse momento, no início da escalada, o sapo surdo se sente extremamente confiante e focado em chegar ao topo da árvore. E quando chegou, causou surpresa aos espectadores que acompanhavam lá de baixo. Foi possível chegar a essa conclusão por termos percebido a sinalização feita com a mão espalmada que vai do queixo até a mão de apoio, como se a boca abrisse por conta da surpresa. Até mesmo o próprio sapo ficou animado com a sua vitória. A interjeição apresenta-se como expressiva **emotiva**, face ao contexto e toda emoção expressa. E **secundária** também por ter um valor semântico independente, pois o ato de vibrar subentende-se que se comemora algum tipo de vitória (WIERZBICKA, 2013; AMEKA, 1992).

Outros exemplos de interjeições do tipo admiração, sentido de “Nossa!”, podem ser observadas nas imagens a seguir com suas respectivas descrições, visto que apresentam características diferentes das que mostramos até aqui, onde as ENM não

são observadas como sendo importante aspecto de sua constituição. As mãos, no caso, configuram-se apenas como apoio ao estado emotivo representado no ato de interação comunicativa.

Imagem 44 - Interjeição de satisfação e despedida

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM 🖐️ - braço erguido na vertical, mão espalmada com dedos juntos, movimentando-se de um lado para o outro, expressão de satisfação.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Os dois sapos ouvintes olham com inveja e decepção e saem triste. O sapo surdo despede-se com tom irônico.</p>

A expressão não manual tem um ar irônico, porque na história após sofrer preconceito por acharem que ele não era capaz, o sapinho surdo se despede com ar de ironia por ter conseguido vencer a corrida, ato que os sapinhos ouvintes não conseguiram executar e ainda duvidaram dele. A interjeição apresenta-se como **emotiva** (WIERZBICKA, 2013), mediante a contextualização da cena e emoção sentida pelo sapo surdo por ter vencido; **primária** também por ser uma palavra que contribui para o enunciado, possuindo seu próprio significado e a possibilidade de se usar de outra forma (AMEKA, 1992).

Resumimos no quadro 05, as interjeições em Libras com seus respectivos valores, tipos e parâmetros utilizados.

Quadro 05 - síntese das interjeições do vídeo “A competição dos sapos”



Interjeição	Valor	Tipo	Parâmetro utilizado
Imagem 37	Chamado	Conativa Persuasiva	ENM
Imagem 38	Dúvida Ironia	Fática Cognitiva	ENM + GMA
Imagem 39	Estímulo	Conativa Emotiva	ENM + GMA
Imagem 40	Desprezo	Fática Cognitiva	ENM + GMA
Imagem 41	Estímulo	Conativa Emotiva	ENM + GMA
Imagem 42	Alegria	Expressiva Emotiva	ENM + GMA
Imagem 43	Admiração	Expressiva Emotiva	ENM
Imagem 44	Satisfação Despedida	Expressiva Emotiva	ENM

Legenda: ENM (Expressões Não Manuais), GMA (Gesto Manual de Apoio) e IL (Item Lexical)

3.1.3 Interjeições no vídeo 03

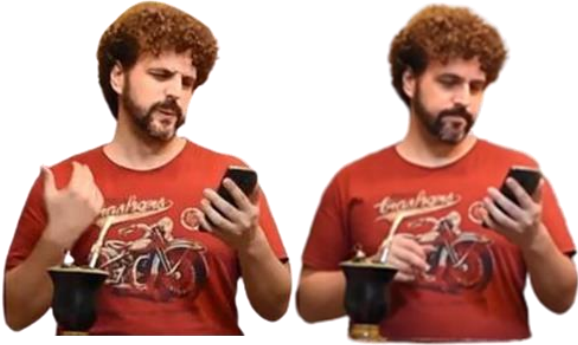

Apresentamos, a seguir, as interjeições em Libras identificadas no vídeo “Minhas pernas quase fugiram”.

Imagem 45 - Interjeição de alegria

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - Mãos espalmadas com os dedos juntos esfregando uma na outra. A expressão é de agrado.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem chega até a mesa, esfregando as mãos que apresentam a configuração espalmada. Isso significa que ele estava ansioso para desfrutar daquela bebida, ou seja, do chimarrão. E logo após experimentar, o personagem demonstra satisfação pela bebida que considera deliciosa.</p>

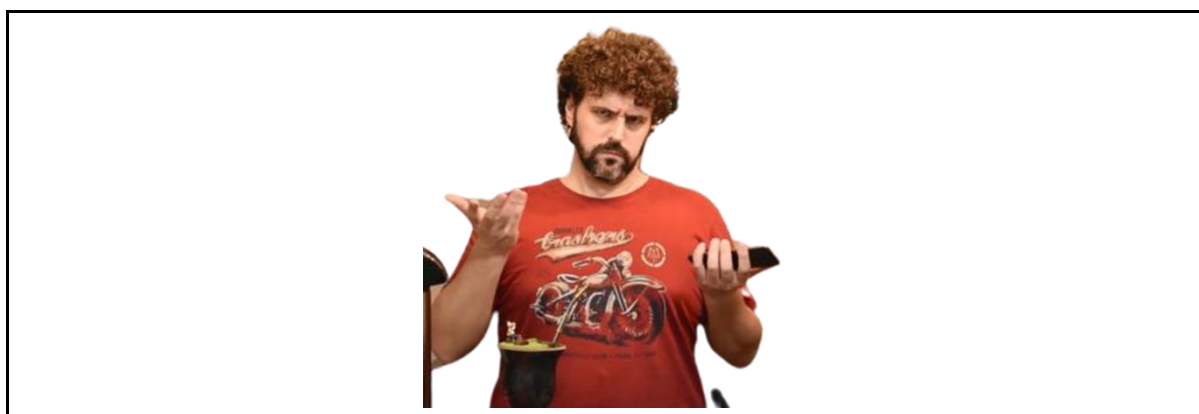
Logo no início do vídeo o personagem utiliza uma Interjeição de alegria. Uma sensação de satisfação que se manifesta quando alguma coisa boa aconteceu ou vai acontecer. Na cena, o personagem sentiu algo ao ver sua bebida preferida traduzida por meio de uma interjeição **emotiva** (Rebello, 2016).

Imagem 46 - Interjeição de discordância

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - mão espalmada com dedos abertos com a palma virada para o corpo, fazendo movimentos para cima e para baixo. A expressão facial é de perplexidade, pois ao observar o celular, o personagem se depara com algo estranho, que nitidamente ele não concorda.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Depois de saborear a bebida, o personagem pega o celular para olhar as novidades quando se depara com algo inesperado com o qual ele não concorda.</p>

A Interjeição apresentada remete à discordância do tipo **cognitiva**. O personagem não concorda com alguma coisa que aparece no seu celular, pressupondo que ele fez um julgamento por meio de seu esforço mental sobre o fato.


Imagem 47 - Interjeição de dúvida/desconfiança



<p><u>Descrição</u></p> <p>Antebraços dobrados à frente do corpo, mãos espalmadas com as palmas viradas para cima, dedos separados, expressão interrogativa.</p> <p>GMA (gesto manual de apoio)</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem olha o celular. Em determinado momento ele sente algo estranho. Procura de um lado, do outro, sai de trás da cozinha, continua olhando e não acha nada.</p>
---	--

Nesse momento do vídeo, o personagem sente algo errado, estranho acontecendo com seu corpo. Ele anda de um lado para o outro procurando entender o que estava acontecendo. Como não encontrou nada de errado, utiliza uma interjeição com valor de dúvida e continua a mexer no celular. De acordo com os autores estudados, a interjeição seria, do tipo *primária*, pois por ser uma palavra pequena contribui para o enunciado e que por si só possui seu significado e não depende de outras palavras, podendo ser substituída por outra sem perder o contexto do enunciado (AMEKA, 1992).


Imagem 48 - Interjeição de espanto e surpresa

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Olhos arregalados. Sobrancelhas arqueadas e levantadas. Boca aberta em formato de “O”. ENM de espanto/susto.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem leva um enorme susto quando percebe que suas pernas se separaram de seu corpo e vão andando em direção à sala da casa dele.</p>

Para Rebello (2016), o espanto é uma reação que se tem a algo que foi visto ou escutado, mas que não é algo comum. Já a surpresa é quando reagimos a algo imprevisto, mas que, necessariamente, não está interligado a algo assombroso ou


pavoroso. É o que sente o personagem nesse momento da história ao ver suas pernas saírem de seu corpo. A interjeição seria do tipo **emotiva**.

Imagem 49 - Interjeição de apelo

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Olhos abertos. Sobrancelhas levantadas. Boca aberta. ENM de desespero.</p> <p>GMA - mãos espalmadas à frente do corpo.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Ao perceber que suas pernas se deslocaram do corpo, há um desespero do personagem que apela para que elas voltem.</p>


A cena da imagem 49, é uma continuidade do sentimento de desespero/espanto do personagem que, ao ver suas pernas se deslocarem do corpo, utiliza uma interjeição de apelo para que elas voltem. De acordo com Ameka (1992) a Interjeição secundária está relacionada, esse tipo de interjeição é do tipo secundária, pois são originalmente pertencentes a alguma classe de palavras. Mas quando usadas com um tom exclamativo viram uma interjeição. Esse fato é observado na cena quando o personagem faz um apelo para que as pernas esperem ou parem (verbos) de ir embora. Significa que a interjeição segundo a autora é **secundária**. As mãos nesse caso não são consideradas itens lexicais por não serem o sinal de esperar ou parar, mas um gesto manual de apoio ao que o personagem está sentindo no momento.

Imagem 50 - Interjeição de surpresa

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>cabeça inclinada para trás, olhos bastante arregalados, sobrancelhas levantadas e arqueadas, boca aberta em formato de “O”. ENM de espanto. GMA - mãos espalmadas para cima com dedos abertos.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem se espanta ao ver suas pernas saindo do corpo, ele se apavora ao perceber que as pernas não obedecem ao seu chamado de retorno ao corpo.</p>


A surpresa está relacionada a diversos sentimentos com sentido bom ou não. Nessa parte da história, o sentimento não foi agradável ao personagem, por não entender o porquê do fato, a surpresa de ver as pernas indo embora. A expressão refere-se a uma interjeição exclamativa semelhante a “que!”, o “que!”, sendo do tipo **emotiva**, como observamos nos estudos de Rebello (2016).

Imagem 51 - Interjeição de indignação/raiva

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Olhos fixos e arregalados, boca bastante aberta em formato de “O”, sobrancelhas erguidas e arqueadas, corpo inclinado para frente de forma acentuada.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Ao apelar para as pernas retornarem ao corpo, o personagem se irrita com o fato e começa a mudar de sentimento.</p>

Ao analisarmos o uso da interjeição, percebemos que ela se enquadra no tipo **emotiva**. Houve interação dialógica entre o personagem e suas pernas. Ao não obter resposta ao chamamento de retorno ao corpo, o personagem expressa dois sentimentos: indignação e raiva. Rebello (2016, p. 37) citando Harre (1998), observa que indignação e raiva são emoções que se assemelham quanto ao sentido, remetem a um sentimento negativo em relação a uma situação vivida. Expressam o resultado de um julgamento complexo que leva o sujeito a sentir-se irritado e revoltado, que é o que acontece com o personagem na história. Na cena seguinte, esse sentimento fica mais compreensível, vejamos a seguir.



Imagem 52 - Interjeição de impaciência/raiva

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>Antebraço dobrado à frente do corpo, com punho cerrado, com movimento pendular curto para frente e para trás, boca contraída, aberta e com os dentes trincados e sobrancelhas flexionadas para baixo, a cabeça está inclinada para frente. ENM de raiva. GMA com mão fechada em forma de CM 🖐️</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem parece ficar irado, pois cerra os punhos com a desobediência de suas pernas.</p>

Na continuação da cena, depois de ter feito um apelo chamando as pernas, o personagem começa a perder a paciência e há uma transição do sentimento de impaciência para raiva. A interjeição é **emotiva**, pois o personagem se aborrece com



a situação e seu julgamento do fato foi o de protestar porque as pernas o irritaram, contrariando seu apelo de retorno ao corpo.

Imagem 53 - Interjeição de chamamento/apelo

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  -mãos horizontalmente estendidas à frente do corpo, abrindo e fechando, chamando o interlocutor, com expressão de bondade. Expressão com sobrancelhas franzidas e testa enrugada expressando apelo.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>O personagem chama as pernas sinalizando com as mãos, chamando para perto e pede que por favor as pernas retornem.</p>

Depois de irritado, o personagem refaz sua atitude, apelando para que as pernas retornem ao corpo. Nesse momento, a interjeição torna-se **persuasiva**, pois ele convence as pernas a retornarem ao corpo, fazendo um apelo (Rebello, 2016). Ele usa por favor e obtém uma resposta positiva das pernas.

Imagem 54 - Interjeição de alívio

(1)	(2)
<p><u>Descrição</u></p> <p>(1) CM  - Mãos espalmadas com os dedos separados, com a palma das mãos encostando no peito, acrescido de um sopro leve, ombros caídos levemente para baixo e expressão de alívio. Boca soprando junto com cair de ombros e de cabeça.</p> <p>(2) CM  - Uma mão na testa e a outra no peito com leve movimento para direita. ENM de alívio.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>A partir do momento em que as pernas retornam, o personagem se sente completo e ele sente um grande alívio. Em seguida, o alívio se torna mais intenso porque toda sua angústia chegou ao fim.</p>

O alívio é um desabafo que um sujeito sente quando consegue diminuir ou finalizar algo que o deixava irritado, impaciente, nervoso, raivoso entre outros. Na situação, o personagem utiliza uma interjeição do tipo **emotiva**. Podemos perceber que na Libras há diferentes formas de demonstrar na mesma situação o sentimento, como foram vistas nas imagens (1) e (2), mudando inclusive o ponto onde as mãos se projetam e as ENMs.

Finalizada a descrição do vídeo 3, temos abaixo um quadro com a síntese do valor, tipo e parâmetro utilizado.

Quadro 06 - síntese das interjeições do vídeo “Minhas pernas quase fugiram”


Interjeição	Valor	Tipo	Parâmetro utilizado
Imagem 45	Alegria	Emotiva	ENM + IL
Imagem 46	Discordância	Cognitiva	ENM + GMA
Imagem 47	Dúvida Desconfiança	Primária	ENM
Imagem 48	Espanto Surpresa	Emotiva	ENM + GMA
Imagem 49	Apelo	Cognitiva	ENM + GMA
Imagem 50	Surpresa	Emotiva	ENM + GMA
Imagem 51	Indignação Raiva	Emotiva	ENM
Imagem 52	Impaciência	Emotiva	ENM + GMA
Imagem 53	Chamado Apelo	Persuasiva	ENM + IL
Imagem 54	Alívio	Emotiva	ENM + GMA

Legenda: ENM (Expressões Não Manuais), GMA (Gesto Manual de Apoio) e IL (Item Lexical)

3.1.4 Interjeições no vídeo 04

Veremos a seguir, os exemplos e a descrição do vídeo “**Quem tomou meu café?**”.

Imagem 55 - Interjeição de surpresa/espanto



	
<p><u>Descrição</u></p> <p>ENM - expressão de surpresa semelhante à utilizada na interjeição “Ah!”.</p> <p>Cabeça levemente inclinada para a frente, boca aberta e testa franzida.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>A cena começa com o personagem indo tomar um café. Ao perceber que não pagou a conta de energia, no mesmo instante, encontrou uma solução para resolver o problema indo buscar o telefone para executar a ação.</p>

A imagem 55 recortada do vídeo “Quem tomou meu café” representa uma cena corriqueira, como o ato de pagar uma fatura, por exemplo. No momento em que o personagem vê a fatura sobre a mesa, em um ato emotivo, externa uma expressão facial que denota surpresa ou espanto. É perceptível que o personagem, após um raciocínio rápido, estimulado por questões externas, exprime a interjeição “Ah!” considerada como **cognitiva**, pois representa um esforço mental do personagem. Ao mesmo tempo, por representar seu estado mental, essa interjeição também pode ser considerada como **emotiva** (WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006).

Outro argumento em que podemos nos subsidiar para afirmar que a interjeição “Ah!” pode ser considerada como emotiva e cognitiva, está baseado em Ameka (1992), por afirmar que ambas estão associadas às interjeições expressivas. Podemos inferir também que se trata de uma interjeição **primária**, pois por se tratar de uma partícula, que além de contribuir para compreensão do enunciado, por si só

possui seu significado e não depende de outras palavras. Ou seja, essa interjeição não pode ser usada de outra forma (AMEKA, 1992).

Imagem 56 - Interjeição de preocupação

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - Cabeça levemente inclinada para frente, olhos fechados, boca fechada, uma das mãos (esquerda ou direita) espalmada, com dedos separados, tocando a palma na testa, expressão aborrecida.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Ao perceber a fatura sobre a mesa, o personagem lembra que não efetuou o pagamento e denota uma expressão de preocupação.</p>


Na sequência, a imagem 56 representa a preocupação do personagem após ter percebido o esquecimento de pagar a fatura, em seguida emite outra interjeição que pode ser identificada como “*Eita!*” ou “*Puxa!*”. É perceptível que o personagem expressou uma preocupação e ao mesmo tempo um sentimento de aborrecimento pelo ocorrido. Dessa maneira, podemos considerar uma interjeição expressiva **cognitiva**, provavelmente por ter refletido sobre o prejuízo que teria, caso não efetuasse o pagamento e **emotiva**, por representar o ato mental, ou seja, externando emoção (WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006). AMEKA, 1992).

Essa interjeição também pode ser considerada como **primária**, por ser um sinal simples (ou pequena palavra) que contribui para o enunciado e por si só possui seu significado e não depende de outras palavras para se compreender na primeira impressão (AMEKA, 1992).

As interjeições representadas nas imagens abaixo podem ser traduzidas como “**Puxa!**” e são da mesma forma, utilizadas em situações de espanto, surpresa e

admiração, no entanto, se difere da interjeição conforme a imagem nº 56, conforme análise a seguir.



Imagem 57 - Interjeição de surpresa/susto

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>cabeça levemente inclinada para o lado, testa franzida, olhos espremidos, sobrancelhas encolhidas, lábios cerrados e levemente esticados.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Após lembrar de pagar a fatura, o personagem levou um grande susto (não se sabe ao certo se o susto se refere ao valor da conta, porém isso não interferiu na análise).</p>

Na imagem 57, a expressão facial é de surpresa, mas ao mesmo tempo de descontentamento, pois ao abrir a conta de energia, possivelmente o personagem viu o valor da fatura. É importante salientar que, embora tenhamos considerado a mesma interjeição da imagem anterior, a ENM se difere da imagem XX que estamos analisando. Ou seja, ENM diferentes para sentimentos distintos, mas com o mesmo significado. Consideramos como uma interjeição **emotiva** por expressar um sentimento de surpresa ou admiração (WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006).



De algum modo, a interjeição “Puxa!”, exprimida pelo personagem, pode ser considerada também como **secundária**, pois tem um valor semântico independente, e foi usada convencionalmente como proferimento por si para expressar o estado mental do sujeito, representando, portanto, o estado mental com objetivo de chamar a atenção (AMEKA, 1992).

Imagem 58 - Interjeição de alívio

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - mão fechada, dedo polegar e indicador esticados, tocam na testa deslizando, fechando levemente até se tocarem, expressão de alívio.</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>A cena demonstra o personagem aliviado por ter efetuado o pagamento da fatura da energia que, provavelmente, estava atrasada.</p>

Na cena seguinte, o personagem, ao se dar conta de que precisa pagar a fatura, segue em busca do telefone para efetuar o pagamento. Por se sentir aliviado, emite uma interjeição **emotiva**, pois expressa satisfação por ter se livrado da dívida. A interjeição em questão pode ser considerada como “Ufa!”, pois se utiliza das ENM com apoio da mão a partir de uma configuração específica. Definimos como uma interjeição emotiva, por apresentar um sentimento de satisfação (WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006). É **secundária**, pois também tem valor semântico independente, além de expressar o estado mental do sujeito (AMEKA, 1992).

Imagem 59 - Interjeição de dúvida

	
<p><u>Descrição</u></p> <p>CM  - braços estendidos à frente do corpo, mãos espalmadas com a palma</p>	<p><u>Contexto</u></p> <p>Na última cena, o personagem expressa dúvida, por não saber, exatamente, o</p>

virada para cima, com dedos separados, cabeça inclinada levemente para frente, testa franzida, boca entreaberta e expressão de dúvida.	porquê de seu café haver sumido, repentinamente, de dentro da xícara.
--	---

A imagem 59 de “Quem tomou meu café” representa a última cena do vídeo. Durante a ação de pagar a fatura, o personagem sem saber do que estava acontecendo, percebe que o café que estava tomando, sumiu repentinamente e emite uma expressão de dúvida. No segundo momento, após tentar compreender a situação, com mais ênfase, ele emite uma interjeição do tipo **expressiva cognitiva**: “Hum!?” ou “Hã!?”, pois de acordo com o contexto, o personagem tenta desvendar o mistério que lhe requer um esforço cognitivo. Ao mesmo tempo, consideramos como uma interjeição também **secundária**, por ter valor semântico, além de expressar o estado mental do sujeito (AMEKA, 1992; WIERZBICKA, 2003; REBELLO, 2006).

Finalizando a descrição das interjeições, segue abaixo o último quadro referente ao vídeo 4.

Quadro 07 - síntese das interjeições do vídeo “Quem tomou meu café”

Interjeição	Valor	Tipo	Parâmetro utilizado
Imagem 55	Surpresa	Emotiva / Cognitiva Primária	ENM
Imagem 56	Preocupação	Emotiva Primária	ENM + GMA
Imagem 57	Surpresa Susto	Emotiva Secundária	ENM
Imagem 58	Alívio	Emotiva Secundária	ENM + Item lexical
Imagem 59	Dúvida	Expressiva / Cognitiva Secundária	ENM + GMA

Legenda: ENM (Expressões Não Manuais), GMA (Gesto Manual de Apoio) e IL (Item Lexical)

Para melhor visualização do quantitativo de interjeições que identificamos, descrevemos e analisamos, os gráficos a seguir sintetizam os tipos, os valores e os parâmetros utilizados nos discursos a partir dos vídeos que compuseram o *corpus* desta pesquisa.

No gráfico 1, é possível se ter uma dimensão dos tipos de interjeições que se adequam a um determinado contexto discursivo com base na fundamentação teórica que compõe esta tese. O gráfico 2, apresenta a riqueza de valores que as interjeições podem assumir. Dito de outra forma, conforme identificado, uma mesma interjeição pode se manifestar de diversas maneiras, por diferentes sujeitos, a partir das expressões faciais enquanto recurso inerente do discurso. O gráfico 3, demonstra um dado que consideramos elucidativo, pois reforça o argumento de que as interjeições são naturalmente expressadas pelos sinalizantes através das expressões não manuais, mediante o apoio de gestos e itens lexicais.

Gráfico 01 - Tipo

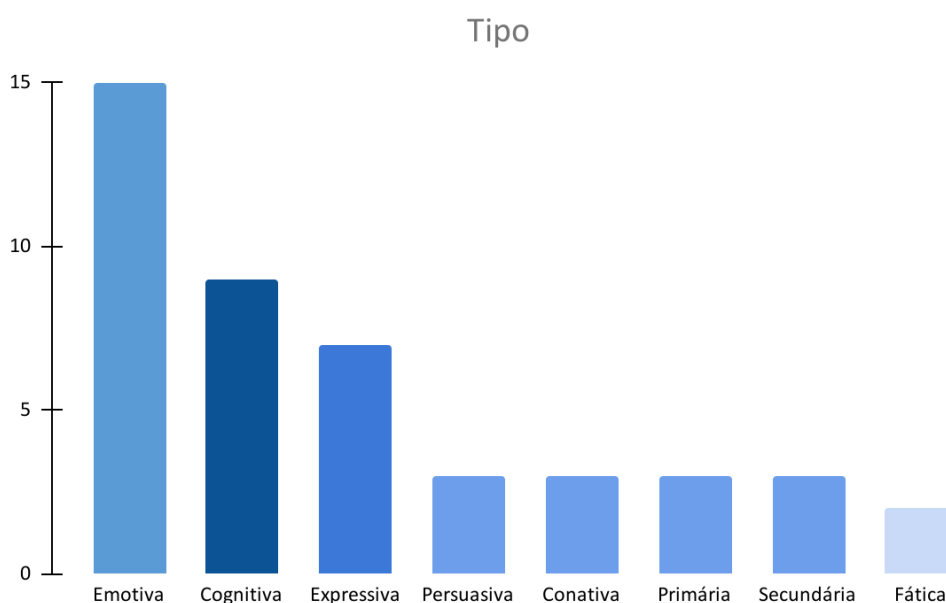


Gráfico 02 - Valor

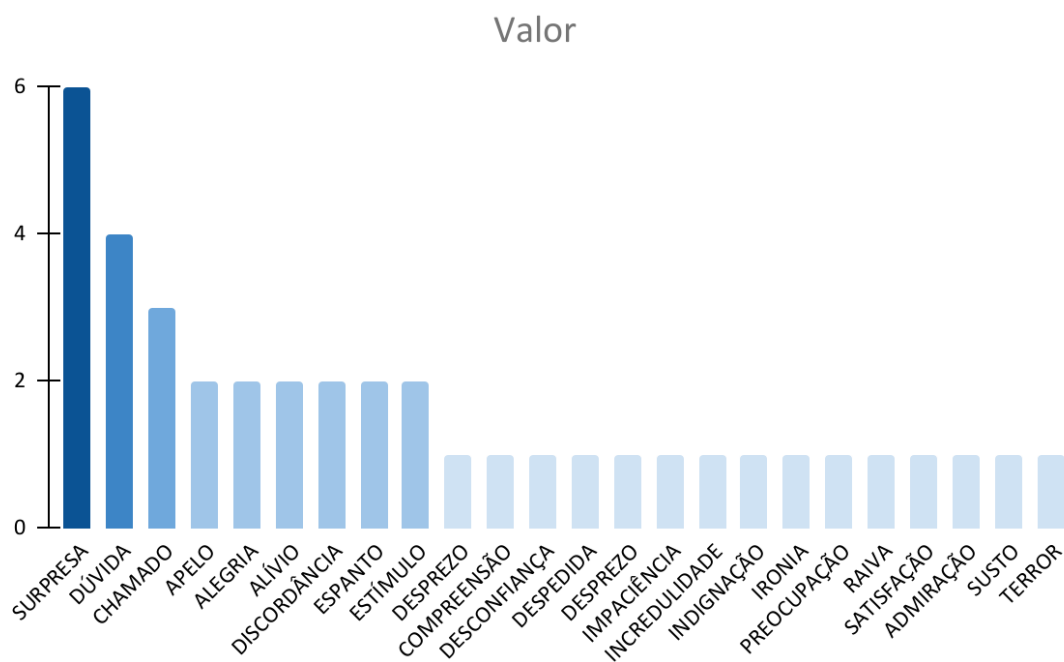
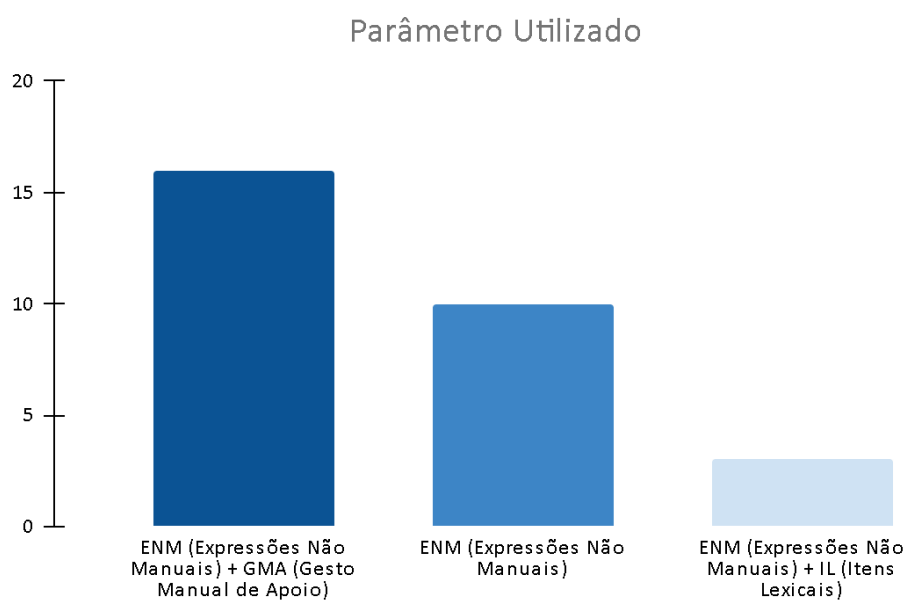


Gráfico 03 - Parâmetro Utilizado



Na próxima seção teceremos considerações sobre as interjeições do tipo saudações e despedidas que também fazem parte das línguas de sinais e da Libras.

3.1.5 Interjeições para saudações e despedidas

3.1.5.1 Saudando – “Oi!”, “Olá!” “Bom dia!”, “Boa tarde!”, “Boa noite!”

Em todas as sociedades, a saudação parece ser uma prática frequente. Pode ser expressa de diversas formas: por gestos, por olhares, por sinais/palavras, entre outros e podem ser usados em momentos formais e informais, tanto na oralidade como na escrita.

Saudação significa: ação ou efeito de saudar. Cumprimento demonstrado através de gesto(s) e/ou palavra(s). Manifestação de cortesia; demonstração de cuidado ou respeito; mostra de admiração. (AURÉLIO, 2010)

As habilidades no ato de saudar são apreendidas na comunidade linguística e, nesse caso, são transmitidas de geração em geração, assim como incorporaram diferentes maneiras em grupos etários.

Nas línguas de sinais, a comunidade de surdo usa a saudação de diferentes formas em situações diversas, ou seja, o ato de saudar está implícito em momentos de formalidade e informalidade e difere em grupos etários. Os jovens têm saudações diferentes do grupo de idosos, por exemplo. Existem várias maneiras de saudar como: “Boa dia!” “Boa tarde!” “Boa noite!” em contextos formais e “Oi!” “Olá!”, entre outros, em momentos informais. E essas saudações, também, são interjeições. Vejamos alguns exemplos nas imagens a seguir.

Na Libras encontramos diferentes tipos de interjeições para saudações no material analisado. No dicionário de Capovilla a representação é feita por meio de uma ilustração. A interjeição "**Olá!**" é representada por duas imagens iguais para que se possa compreender o movimento da mão para a direita e à esquerda, onde a indicação é feita por duas setas num movimento semicircular. Na imagem, a interjeição mostra antebraço dobrado, mão para cima no sentido vertical aberta, palma para frente, dedos separados e estendidos na altura do ombro direito. Porém sabemos que em Libras, podemos usar tanto a mão direita ou esquerda para execução do sinal, dependendo do sujeito ser destro ou canhoto. No exemplo abaixo, temos a imagem do dicionário e da menina Bel do programa infantil da TV INES, o Diário de Bel.

Figura 13: Olá!



Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 60: Olá!



Fonte: TV INES (2016)

No mesmo sentido, encontramos as interjeições para saudação no vídeo dos canais; “Libras BR”, no programa bate-papo em Libras, nos programas “De olho na ciência” e “Isflocos”. Os personagens utilizam a mesma interjeição que mostramos acima, mas dessa vez os sujeitos utilizam duas mãos, embora apresentem as mesmas características que descrevemos aqui. Mas, o que nos chama a atenção é quanto ao uso das expressões não manuais associadas ao sinal, aspecto que não fica evidente na figura 13 do dicionário, fazendo com que, por exemplo, um estudante de L2 não saiba em que contextos comunicativos a interjeição se aplica ou que se aplica em qualquer e/ou todo contexto.

Diferentemente, os personagens Bel e Gabriel (imagem 61) mostram sentimentos de empolgação, alegria e descontração na saudação. Em ambos, a ENM é semelhante, sobrancelhas arqueadas, olhos arregalados e boca aberta/ semi aberta, sorriso largo; traços típicos de jovens ao saudar amigos. O movimento das mãos é semicircular e a intensidade dada ao que o sujeito está sentindo, no caso deles, o movimento é bem rápido.

Imagem 61: Olá!



Fonte: TV INES (2016)



Fonte: Canal Youtube (2011)

As ENM utilizadas pelo apresentador Nelson Pimenta são mais comedidas, as sobrancelhas encontram-se levemente levantadas, olhos semifechados e a boca

apresenta-se fechada com um leve sorriso. Aqui o apresentador saúda o público na abertura do programa.

Imagem 62: Tchau!



Fonte: Canal Youtube (2022)


Em outra situação, encontramos a interjeição “Olá!” realizada de uma forma diferente das anteriores. Na imagem 63, em Libras o braço está alinhado ao ombro, antebraço semidobrado e mão encostada na lateral da cabeça (como no gesto continência dos soldados), dedo polegar aberto, indicador, anelar, médio e mínimo fechados, CM , sobrancelhas arqueadas, olhos arregalados e a boca em forma de “O”. O movimento do sinal acontece de forma rápida da cabeça, sentido diagonal para baixo.

Imagem 63: Olá!



Fonte: Rimar Regala (2022)

Imagem 64: *Hi!* (ASL)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

Imagem 65: *Salut!* (LSF)



A interjeição de “Olá!” para Libras é representada da mesma forma em ASL, e em LSF, o que nos faz concluir que o uso dessa interjeição pode ser algum tipo de estrangeirismo, já que nas demais situações de saudações não a encontramos com grande ocorrência na Libras.

Outro tipo de interjeição muito utilizada para saudação é “**Oi!**”, usada em contextos informais para chamar e para saudar ao início de uma interação

comunicativa. Para realização dessa interjeição, usa-se a soletração manual, também conhecida como datilologia, que consiste na soletração de letras e numerais com as mãos. Este recurso serve para fazer referência a nomes próprios, de pessoas ou lugares e a elementos que não possuem um sinal ainda.


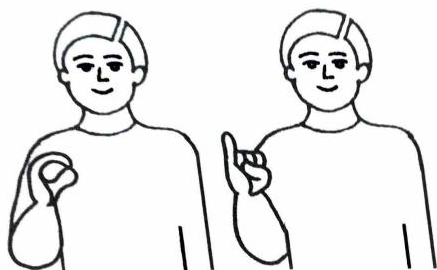
A interjeição é feita com as CMs  que representam também as letras do alfabeto “O” e “I”. O antebraço dobrado, mão na vertical, inicia-se com a mão configurada em “O”, movimento da esquerda para direita (ou vice versa se a mão utilizada for, por exemplo a esquerda) e configurando a mão em “I” que é feito com o dedo mínimo levantado, à frente do corpo. A expressão não manual é feita com um sorriso num ar de alegria.

Figura 14: Oi



Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 66: Oi



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

As interjeições descritas acima são mais usadas em contextos de informalidade para chamar e para saudar no início de uma interação ou usadas especialmente com amigos, ou entre jovens que acabaram de se conhecer, por exemplo. Porém, existem outros tipos de saudações, usadas em contextos formais para saudar pessoas com que não se tem muita aproximação ou em respeito a chefes, pessoas mais velhas ou em eventos públicos. Na Libras, as saudações “Bom Dia!”, “Boa tarde!” e “Boa noite!” são interjeições utilizadas pelos surdos no mesmo contexto. Alguns exemplos podemos observar nas imagens abaixo, usadas em contextos formais.

Imagem 67: Bom dia!



Imagem 68: Boa tarde!



Imagem 69: Boa noite!



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Assim, concluímos que as interjeições para saudações em contextos informais acontecem de forma espontânea e dependem do estado emocional do sinalizante e a quem a ação se dirige. Já as saudações formais seguem regras do grupo social de determinada comunidade e têm relação direta com a cultura e costumes dos sujeitos.

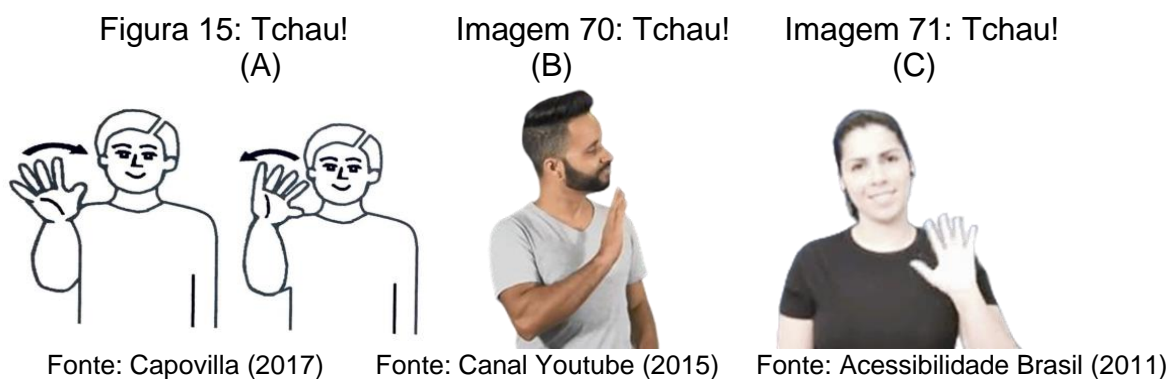
Na próxima parte, descreveremos como as interjeições são apresentadas em contextos de despedidas.

3.1.5.2 Despedida - Tchau! Adeus!

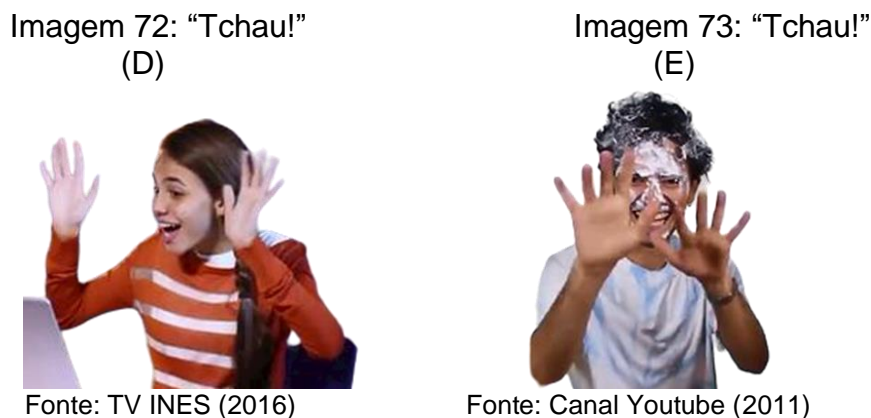
As interjeições para saudação também são utilizadas para despedidas, pois despedir-se é o ato de saudar no momento em que as pessoas se separam. Essa ação acontece em todas as línguas e nas línguas de sinais, como na Libras, está associada a um gesto universal arbitrário que utiliza tanto as ENM e as mãos configuradas, podendo ser realizado como uma ou duas mãos por meio de um aceno ao sujeito do qual se despede.

A interjeição “**Tchau!**” é configurada da mesma forma que “Olá!”, porém encontramos variação utilizando uma e duas mãos, movimento diferentes de dedos e expressões faciais.

Representando a interjeição "Tchau!", temos a mão vertical aberta, palma para frente, em frente ao ombro direito e balançar a mão pelo pulso para a esquerda e para direita, várias vezes. A expressão facial apresenta-se com um leve sorriso ou a depender da situação, como no caso de A e C, uma expressão mais intensa de contentamento, alegria e felicidade. Em B, a ENM tem um ar irônico, pois na história após sofrer *bullying* o sapinho surdo se despede em ar de ironia por ter conseguido vencer a corrida, coisa que os sapinhos ouvintes não conseguiram e ainda duvidaram dele.



Na imagem D, o movimento é feito com as duas mãos de forma bastante rápida e a expressão mostra empolgação da garota Bel para encontrar o personagem do Tio Tobias em outro momento. Já na imagem E, diferente da anterior, tem um movimento de dedos (exceto o polegar) contínuo e repetido com as duas mãos sem mover o punho para direita e esquerda. A expressão facial é mais aberta, sorriso largo e sentimento de alegria, graça e felicidade.



A imagem 72 assemelha-se ao "Bye Bye" da língua de sinais americana que é articulada com uma mão e na imagem 73, com as duas. Interessante observar as

expressões faciais dos personagens. Na situação brasileira trata-se de uma brincadeira entre amigos jovens, e a da ASL foi retirada de um dicionário. Então concluímos que as expressões estão diretamente ligadas aos aspectos culturais de cada povo na situação de interação comunicativa.

Imagem 74: Bye-Bye!



Fonte: Canal Youtube (2011)

Imagem 75: Bye-Bye! (ASL)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

As imagens de interjeições da Libras e da LSF apresentam-se com mão vertical aberta, palma para frente, em frente ao ombro direito. Balançar a mão lentamente pelo pulso para a esquerda e para direita e com expressão facial de tristeza.

Imagem 76: Adeus!




Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

Imagem 77: *Au revoir!* (LSF)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

Nas interjeições vistas em atos de saudar e de despedir, a CM  é utilizada tanto para fazer o sinal “Tchau”, quanto para “Adeus”. O sentido pode variar de acordo com o contexto da despedida. Para o final da conversa, ou seja, uma despedida (Tchau! e Adeus!), também é utilizada a mesma configuração. E o que muda é a expressão com aspecto de tristeza ou alegria, dependendo do contexto. Para o sinal de “Adeus”, o que intensifica é a expressão de tristeza para o final de uma conversa em que os sinalizantes irão se separar ou passar muito tempo sem se verem. Assim,

despedir-se pode ser uma ação agradável ou não, dependendo exclusivamente do contexto em que acontece.

A seguir, faremos uma breve discussão de como as interjeições são apresentadas nos dicionários de Libras de Capovilla (2017) e do Acessibilidade Brasil (2011).

3.1.6 As interjeições nos dicionários de Libras

Ao consultar gramáticas de língua portuguesa, no capítulo sobre interjeições, encontra-se uma lista delas acompanhadas de seus sentidos mais comuns, porém o quadro é relativo, pois a variedade de valores de cada interjeição é muito ampla.

Nos dicionários de línguas orais as palavras são organizadas em ordem alfabética. Possuem entrada lexical, ou seja, uma palavra simples ou uma palavra composta por hífen, uma locução, uma sigla, um símbolo ou uma abreviatura. Em alguns, as palavras são separadas por sílabas, apresentam a classe gramatical a que pertencem entre outros aspectos. Já os dicionários em língua de sinais e no nosso caso, o da Libras apresentam dois formatos: *on-line*, como o Dicionário de Língua Brasileira de Sinais (Acessibilidade Brasil) e impresso Dicionário de Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos de Capovilla (2017).

No dicionário *online* do Acessibilidade Brasil (2011), a organização está assim apresentada: assunto, palavra, configuração de mão, vídeo, acepção, exemplo em língua portuguesa, exemplo em libras, classe gramatical, origem e imagem. A imagem abaixo mostra um exemplo dessa organização.

Figura 16: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais

The screenshot shows the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011' interface. The search bar contains 'oba' and the search button is labeled 'Buscar'. The results are displayed in a grid format:

Assuntos	Palavras	Mão	Vídeo
NENHUM	ACROBATA2 AEROBARCO1 AEROBARCO2 BOBAGEM OBA1 OBA2		
Acepção	Exemplo	Exemplo Libras	Imagem
Expressão de alegria, entusiasmo, satisfação.	Oba! Hoje tem sorvete de chocolate.	HOJE TER SORVETE CHOCOLATE. O-B-A!	
	Classe Gramatical	Origem	
	INTERJ.	nacional	

At the bottom of the page, there is a footer with the logo for 'Acessibilidade Brasil' and the website address 'www.acessibilidadebrasil.org.br', along with links for 'créditos' and 'libras em cd'.

Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Na imagem, “Oba!” se apresenta apenas com a CM em letra “O”, mesmo o sinal sendo feito a partir da datilologia “O-B-A”. Nesse caso, oba é um verbete da língua portuguesa utilizado na Libras por empréstimo linguístico. Outros exemplos podem ser observados nas imagens que organizamos abaixo.

Imagem 78: Atenção!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

O verbete do sinal para atenção é característico de uma variação linguística. Na descrição no dicionário, encontramos: Característica de quem tem cuidado. Mão em , palma para frente, indicador tocando abaixo do olho. Mover a mão para frente, com expressão.

Imagem 79: Obrigado!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)


O sinal de obrigado tem como característica um gesto comum da comunicação em diferentes línguas humanas. Obrigado em Libras não marca o gênero, mas apresenta-se no masculino na descrição da palavra em português. A mão é configurada pela CM  - mão vertical aberta, palma para trás, pontas dos dedos tocando a testa. Mover a mão para frente, virando a palma para cima.

Imagem 80: Tomara!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)



Da mesma maneira “Tomara!” está associada a um gesto e configura-se como sendo uma expressão que denota desejo; “Queira Deus”; “Oxalá!” No sinal temos a CM  - mãos em R, acima dos ombros, com leve mordida no lábio inferior.

Imagem 81: Ufa!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

A interjeição “Ufa!” vem de uma expressão que denota alívio diante de determinadas situações. O sinal no dicionário está assim descrito: CM  - sensação

de bem-estar; diminuição de tensão ou esforço; relaxamento. Mão horizontal aberta palma para trás, passar a mão para baixo sobre o peito, soltando o ar pela boca com expressão de alívio e olhos fechados.

Imagem 82: Uau!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)



As palavras “Nossa!” “Puxa!” do português apresentam-se na Libras com CM  - Mãos horizontais abertas, dedos separados, palmas para trás, balançando com intensidade para cima e para baixo, sobrancelhas levantadas, boca abrindo e fechando levemente.

Imagem 83: Viva!



Fonte: Acessibilidade Brasil (2011)

A palavra “Viva!” é uma expressão de aplauso, saudação, cumprimento, comemoração, carregada de muita euforia. No dicionário a encontramos em CM  - braços estendidos na vertical, mãos abertas, palma a palma, a cada lado da cabeça, Girar as palmas para frente e para trás, várias vezes, com expressão facial de alegria.

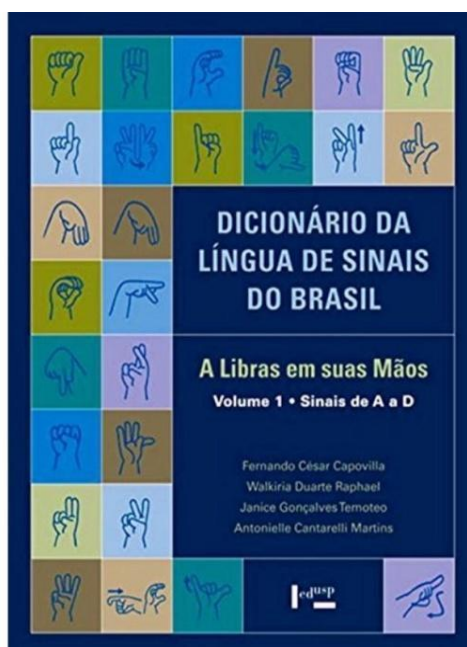
No dicionário de Capovilla (2017) a organização é por meio de ilustrações do sinal em Libras e de uma representação do sentido do verbete acompanhado de forma visual de outra ilustração que mostra o significado do sinal.

Por se tratar de um dicionário trilingue, os verbetes são organizados na seguinte ordem: figura em Libras do sinal, representação gráfica do sinal em escrita de sinais, ilustração que representa o sinal e descrição em língua portuguesa. O nome de cada sinal é representado pelas letras do alfabeto manual da Libras e entre parênteses se faz referência ao regionalismo do sinal, assim escrito: (sinal usado em PE). O dicionário especifica a classe de palavras e a categoria gramatical de cada

verbetes. Quando uma palavra é de origem estrangeira mostra-se de qual idioma se origina. Em todos os verbetes existe um exemplo do português por meio de uma frase. E finaliza-se com a descrição do sinal.

A seguir observam-se alguns exemplos que recortamos do dicionário para ilustrar e compreender como se apresentam os sinais na obra. Selecionamos sinais de interjeições e locuções interjetivas.

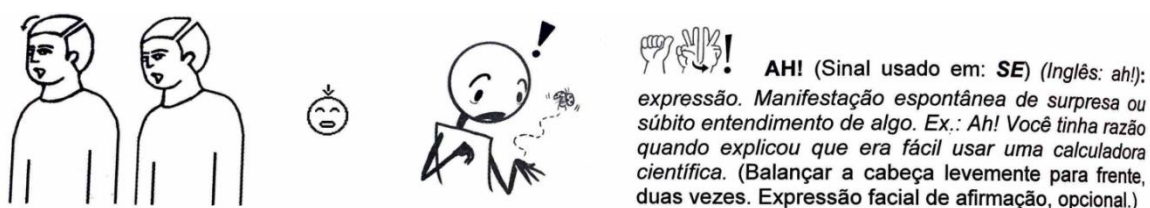
Figura 17: Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos.



Fonte: Capovilla (2017)

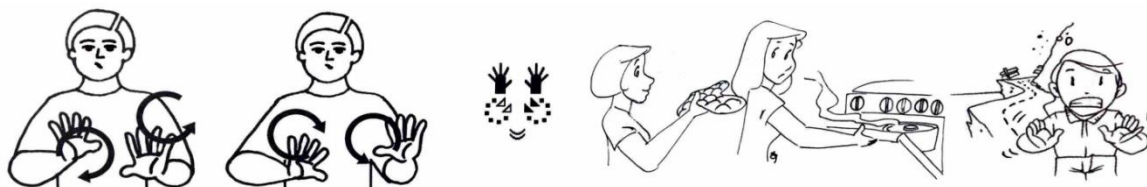
Como argumentamos anteriormente, nos verbetes do dicionário, os sinais para as interjeições e locuções interjetivas da Libras não fazem referência ao uso em situações comunicativas entre interlocutores. O fato mostra a importância de estudos aprofundados desse fenômeno linguísticos, em diferentes níveis, como o semântico e pragmático para tratar das interjeições e locuções nas manifestações reais de comunicação interativa da língua.

Figura 18: Ah!



Fonte: Capovilla (2017)

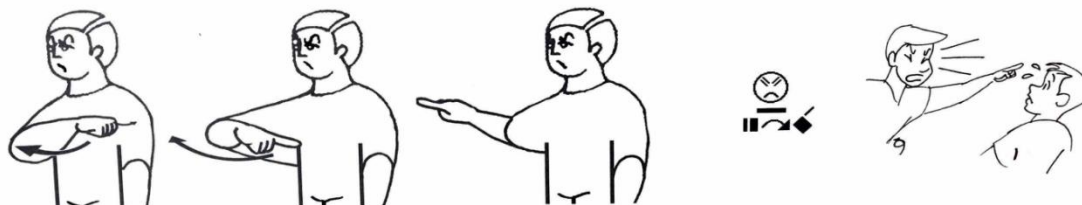
Figura 19: “Cuidado!”



CUIDADO! (sinal usado em: **SP, RJ, CE, RS**) (Inglês: *be careful!*): interjeição de advertência. Expressa advertência, geralmente dirigida a um interlocutor, para com o perigo, ameaças, dificuldades ou qualquer outro tipo de problema. Ex.: Cuidado para não se queimar! (Mãos verticais abertas, palmas para frente. Movê-las alternadamente em círculos verticais, aproximando-as. Opcionalmente, expressão facial negativa.)

Fonte: Capovilla (2017)

Figura 20: "Fora!"



FORA! (saia!) (sinal usado em: **SP, RS, SC**) (Inglês: *get out! away with you!*): interj. Interjeição de afastamento, ordem ou comando. Afastamento, repulsa ou desaprovação. *Vá embora! Arreda! Retire-se! Sai!* Ex.: *Você não é bem-vindo, fora daqui!* (Mão em **S**, palma para baixo, apontando para a esquerda. Mover a mão para frente e para a direita, distendendo o dedo indicador e apontando-o para a direita, com expressão facial tensa e negativa.)
Etimologia. Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema *Cólera* (*Raiva – Ódio – Rancor – Agressão*), codificado por expressão facial brava e agressiva com cenho cerrado, lábios contraídos frequentemente acompanhada de postura tensa e movimentos fortes orientadas para o alvo, envolvendo desafiar, confrontar, atacar, como nos sinais **SOCO** e **BOFETADA**.
Iconicidade: Trata-se de sinal típico da gestualidade universal, constituindo um emblema. Nele, o sinalizador estica o dedo indicador e move a mão como se estivesse expulsando alguém do local e apontando para a saída.

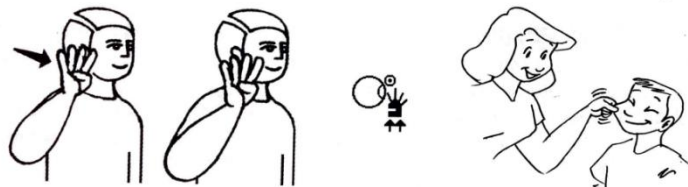
Fonte: Capovilla (2017)

Figura 21: "Legal!"



LEGAL! (1) (sinal usado em: **SP, CE, PB, PI, RS, SC**) (Inglês: *ok!, all right!, very well!, positive!, cool!, nice!*): adj. m. e f. interjeição de aprovação. *Ótimo, perfeito, bacana, excelente, legal, etc.* Ex.: *A nova professora de matemática é muito legal!* (Fazer este sinal **POSITIVO**: Mão horizontal fechada, palma para trás, polegar distendido na altura do ombro direito. Mover a mão, ligeiramente, mas com firmeza, para frente.)

para trás, polegar distendido na altura do ombro direito. Mover a mão, ligeiramente, mas com firmeza, para frente.)



LEGAL! (2) (sinal usado em: **SP, CE, PI, RS, SC**): *Idem LEGAL! (1)*. (Fazer este sinal **BONZINHO**: Mão em **4**, palma para frente. Passar a lateral do indicador para frente, sobre a bochecha, duas vezes.)

Fonte: Capovilla (2017)

Figura 22: “Oba!”



OBA! (sinal usado em: **SP, RS**) (Inglês: *wow! whoopee!*): interjeição de alegria, que exprime surpresa agradável e alegria. O mesmo que “opa!” e “upa!”
Ex.: Oba! Teremos pudim de

leite de sobremesa! Ex.: Oba! Papai vai nos dar aquele livro legal de presente no Dia das Crianças! (Mãos horizontais abertas, palma a palma tocando-se. Esfregar as palmas para frente e para trás, alternadamente, com expressão de alegria.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por: 1) um morfema metafórico molar semelhante à gestualidade brasileira, e 2) o morfema *Alegria* (*Energia – Vibração – Prazer – Expectativa*). O morfema metafórico molar está presente nos sinais TELEFONE e TCHAU!. O morfema *Alegria* é codificado por expressão facial alegre e entusiasmada, frequentemente acompanhada de postura corporal ereta, como nos sinais ALEGRIA, AMIGO, CELEBRAR e ACLAMAR. **Iconicidade:** Neste sinal as mãos se esfregam uma sobre a outra com expressão facial de alegre expectativa.

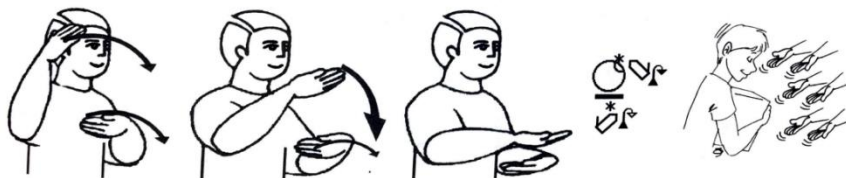
Fonte: Capovilla (2017)

Figura 23: “Obrigado!”



OBRIGADO! (1) (*agradecido*) (sinal usado em: **SP, RJ, DF, CE, MG, PR, RS**) (Inglês: *thank you! thanks! many thanks!*):

interjeição de agradecimento. *Agradecido! Grato! Receba minha gratidão!* Ex.: Por me emprestar os livros, obrigado! (Mão vertical aberta, palma para trás, pontas dos dedos tocando a testa. Mover a mão para frente, virando a palma para cima.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema molar semelhante à gestualidade brasileira, como nos sinais PEDIR TEMPO EM JOGOS, SOLDADO, TETO e ACABAR. **Iconicidade:** Neste sinal o sinalizador faz um gesto típico de agradecimento em público.

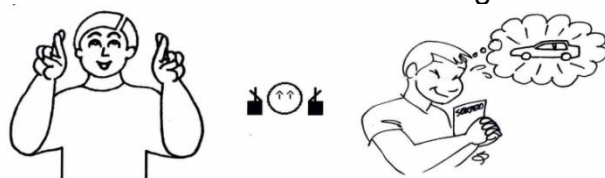


OBRIGADO! (2) (*agradecido*) (sinal usado em: **SP, DF, MG, PR, SC, RS**): *Idem OBRIGADO (1)*. (Mão esquerda horizontal

aberta, palma para trás, diante do peito; mão direita vertical aberta, palma para a esquerda, pontas dos dedos tocando o

Fonte: Capovilla (2017)

Figura 24: “Tomara!”



TOMARA! (sinal usado em: **SP, SC, RJ, CE, RS, PR, DF**) (Inglês: *I hope so! God grant! May God wish so! Let us hope for the best!*): interjeição de desejo ou intenção. *Oxalá! Deus o queira! Deus permita! Se Deus quiser! Se Deus o permitir!* Ex.: Tomara que eu consiga esse emprego! (Mãos em **R**, acima dos ombros, com expressão facial

de desejo.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema molar semelhante à gestualidade brasileira, como nos sinais PEDIR TEMPO EM JOGOS, TELEFONE, TCHAU! e ACABAR. **Iconicidade:** Trata-se de sinal típico da gestualidade universal, frequentemente associada à expressão “cruze os dedos!” ou “estou com os dedos cruzados!”.

Fonte: Capovilla (2017)

Muitas dessas interjeições observadas acima estão atreladas ao componente gestual presente em todas as línguas humanas, mas em especial, por causa da modalidade visual/gestual nas línguas de sinais. Os gestos espontâneos fazem parte

da comunicação humana e têm importante função, seja o de dar ênfase, entonação ou mesmo mostrar, no caso das interjeições, o estado emotivo do interlocutor.

Nesta parte trazemos alguns exemplos de Locução Interjetiva nas imagens abaixo. Nelas podemos perceber que os gestos como os gestos são representados nas imagens se assemelhando a alguns sinais de interjeição da Libras.

Figura 25: “Bem-feito!”



Figura 26: “É mole!”

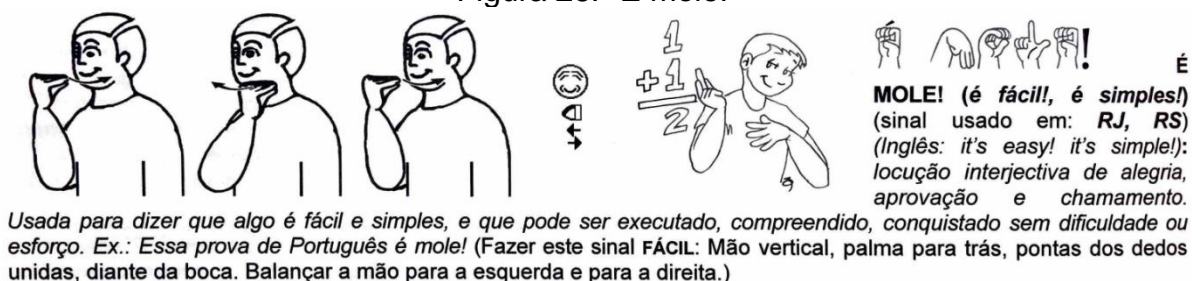
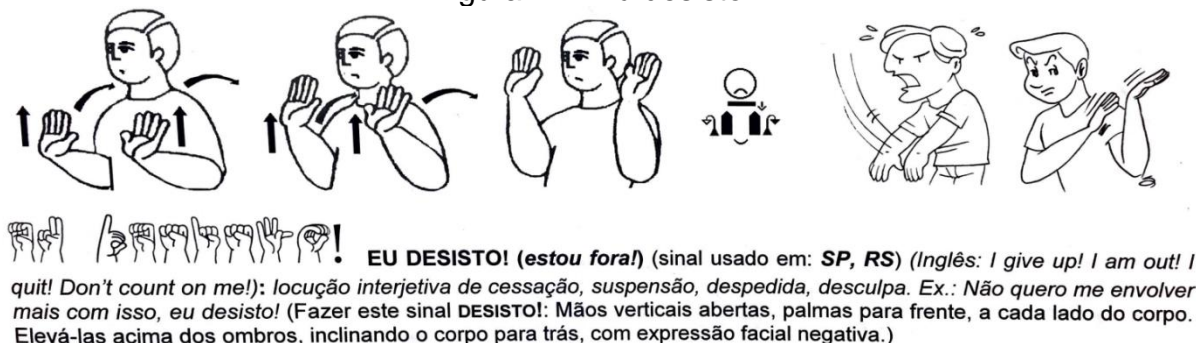


Figura 27: “Eu desisto!”



Como nas línguas de sinais, o processo de formação dos sinais é basicamente o mesmo no nível fonológico por meio dos parâmetros, os sinais de diferentes países se assemelham. É o caso das interjeições de alívio na Libras, LSF e ASL. As mãos encontram-se configuradas, a ENM e o soltar do ar pela boca remetem a essa sensação. Nos dicionários de língua de sinais francesa e na americana a referência

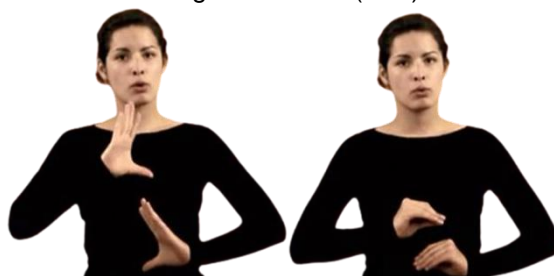
de alívio é relativo ao som emitido de suas línguas orais, ou seja, “Ouf!” e “Phew!” respectivamente.

Figura 28: “”



Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 84: Ouf! (LSF)



Fonte: SpreadTheSign (2015)



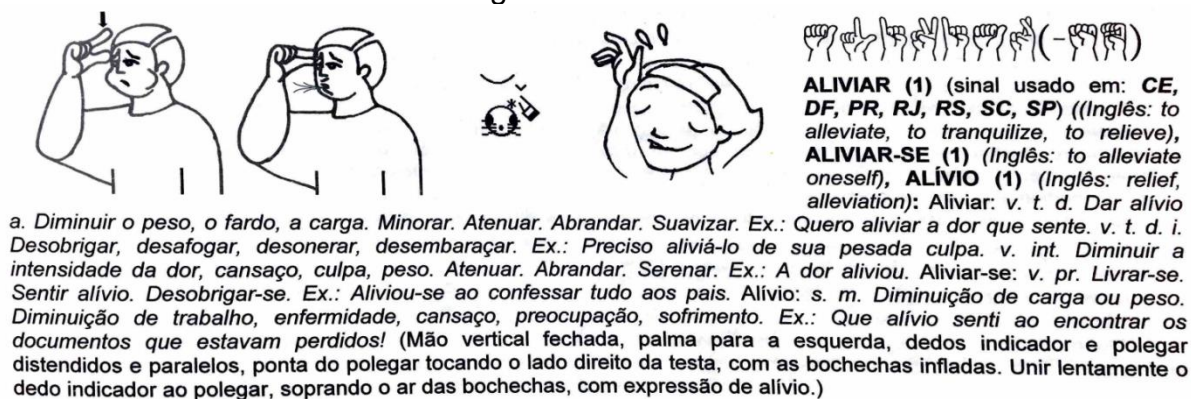
“Ouf!” (LSF) **CMs**   - braços dobrados, uma das mãos à frente do peito, outra a abaixo, espalmadas, dedos juntos, palmas para o lado, dedo polegar esticado, ambas se fecham simultaneamente descendo até a altura da cintura.

Figura 29: “Alívio!”



Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 85: “Phew!” (ASL)

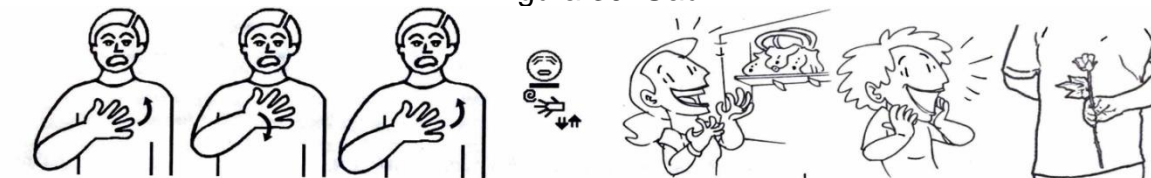


Fonte: SpreadTheSign (2015)

CMs 🖐️🖐️ - cabeça levemente inclinada para o lado, dorso de uma das mãos desliza sobre a testa, expressão cansada, com movimento de giro, finalizando com a palma da mão virada para trás à frente do tórax, bochechas infladas, expressão de alívio.

A interjeição que representa “Uau!” da Libras é a mesma utilizada na da LSF (imagem 86) e na ASL (imagem 87), o que se assemelha a algum tipo, ou de estrangeirismo ou empréstimo linguístico dessas línguas.

Figura 30: Uau!



UAU! (sinal usado em: *RJ, RS, PI*) (Inglês: *wow!*): interjeição de admiração. Expressa satisfação, aplauso ou surpresa. Ex.: *Uau! Que carro lindo!* (Mão horizontal aberta, dedos separados, palma para trás. Balança-la para cima e para baixo com expressão de interjeição.)

Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 86: “Ouah!” (LSF)




Fonte: SpreadTheSign (2015)

CM 🖐️ - braço levantado na vertical, mão espalmada, dedo separado, palmas para trás, balançando com intensidade para cima e para baixo, sobrancelhas levantadas, boca abrindo e fechando levemente.

Imagem 87: “Wow!” (ASL)



Fonte: Canal Youtube (2015)


CM  - braço levantado na vertical, mão espalmada, dedo separado, palmas para trás, balançando com intensidade para cima e para baixo, sobrancelhas levantadas, lábios estendidos para frente e a cabeça levemente inclinada para trás.

Na imagem abaixo a diferença é mínima, pois a mão passa na frente da boca.

Imagem 88: “Wow!” (ASL)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

CM  - uma das mãos espalmada, dedos separados levemente flexionados em formato de garra, palma da mão para trás, movimento único da esquerda para direita e direita para esquerda.

Na imagem 89, o sinal dessa interjeição foi observado no vídeo “Minhas pernas quase fugiram” e é muito utilizada entre grupos de jovens surdos.

Imagem 89: “Argh!” (ASL)



Fonte: Canal Youtube (2017)

CM 🖐️ - testa franzida, olhos espremidos, dentes à mostra, cabeça levemente inclinada para baixo, uma das mãos (esquerda ou direita) espalmada, com dedos separados, tocando a palma na testa, expressão irritada.

Aqui temos um caso típico de estrangeirismo. “Ok!” é uma palavra da língua inglesa e tanto na Libras, como em ASL e LSF o sinal é feito por meio da soletração manual do alfabeto de suas respectivas línguas de sinais.

Figura 31: “OK!”



OK! (okay! tudo bem! tudo certo!) (sinal usado em: **SP, RJ, CE, RS**) (Inglês: *ok! all right! all correct! okay!*): Palavra da língua inglesa. interjeição derivada do Inglês usada para indicar aprovação ou concordância. Tudo certo, satisfatório. Sentir-se bem. Estar ou ser adequado. Ex.: Ok! Vou fazer o que você me pediu. (Soletrar **O, K.**)

certo, satisfatório. Sentir-se bem. Estar ou ser adequado. Ex.: Ok! Vou fazer o que você me pediu. (Soletrar **O, K.**)

Fonte: Capovilla (2017)

Imagem 90: “OK!” (ASL)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

CMs 🖐️ 🖐️ - braço estendido à frente do corpo com a mão na altura do rosto, soletração das letras “O” e “K”

Imagem 91: “OK!” (LSF)



Fonte: SpreadTheSign (2015)

CMs 🖐️ 🖐️ - braço estendido à frente do corpo com a mão na altura do peito, soletração das letras “O” e “K”.

Finalizando esta etapa, na seção seguinte traremos nossas considerações sobre as interjeições em Libras.

3.1.7 Considerações sobre a descrição das interjeições em Libras

Nos estudos das interjeições percebe-se que vários autores possuem pontos de vista distintos com relação aos conceitos, associando-as às emoções e aos sentimentos. Alguns deles acreditam que as interjeições estão dentro de uma categoria, para outros depende da situação ou estão associadas apenas à fonologia, semântica, pragmática e prosódia, ou seja, não há um consenso quanto ao pertencimento das interjeições.

Esse fato nos fez perceber a relevância de investigar uma temática tão importante, o que nos instigou a saber de que formas esse fenômeno acontece na Libras e sua utilização na comunicação entre os sinalizantes. Dessa forma, através de um recorte que constitui nosso *corpus* foi possível aprofundar os estudos das interjeições na Língua Brasileira de Sinais.

A partir de uma investigação dos estudos das interjeições nas línguas de sinais, percebemos a escassez de uma literatura específica que aprofunda esse conteúdo. Investigando outras línguas de sinais e suas possíveis interjeições, encontramos, no entanto, de forma sintética. Digamos, superficial.

Por muitas vezes identificamos algumas adaptações das interjeições na língua portuguesa, no entanto, a Libras é uma modalidade diferente de língua, ou seja, visual espacial e se configura por meio das expressões que fazem parte do nível fonológico. Dessa forma, as interjeições nas línguas de sinais, estão desassociadas do som, algo que sempre se relaciona com a língua portuguesa e costumamos utilizar na Libras.

Ao descrevermos as interjeições a partir dos vídeos e como elas se apresentam nos dicionários oficiais no Brasil, teceremos considerações de como elas se apresentam quanto ao valor, tipo e parâmetro utilizado em sua constituição. Sendo assim, as interjeições em Libras apresentam-se como sendo:

Interjeições emotivas que denotam valores como: espanto, surpresa, terror, alegria, indignação, raiva, impaciência, alívio, susto entre outros, foram encontradas nos quatro vídeos descritos. São interjeições que manifestam emoções por meio de um valor discursivo, a depender de julgamentos complexos. Esses fatos foram observados na sequência de cenas dos vídeos.

É importante salientar que em todos os vídeos analisados identificamos a presença de todas as interjeições de valor emotivo. Em “O soldado surdo”, a interação entre o comandante e os soldados deixou clara a manifestação de sentimentos como admiração, dúvida e espanto, fato que comprova compreensão do diálogo entre os interlocutores, sem necessariamente emitirem um discurso prolongado. Ou seja, apenas através de partículas, as interjeições, foi possível manter contato, mediante interação entre os militares.

São consideradas enquanto interjeições em Libras, pois além de serem expressivas, pelo fato de representar o estado mental do sujeito, do mesmo modo, possuem características como: uso das expressões, entonação prosódica (expressões não manuais) e, por vezes, para essa mesma expressão são atribuídos valores semânticos independentes. Melhor dizendo, foi observado em algumas ocasiões que uma interjeição se manifesta de outra maneira a depender do contexto.

Interjeições cognitivas, que apresentam valores como incredulidade, discordância, ironia, etc, têm como base o estado mental do sujeito que expressa o que pensa ou sabe sobre determinado fato do qual discorda, aprova, não acredita, descobre, acredita, aplaude ou ironiza (Wierzbicka, 1991). Observamos que nos vídeos esse tipo de interjeição aparece com menos frequência.

No vídeo “O soldado surdo”, em um dado momento, o comandante exprime a interjeição “Hã!” “Hum!” ou “Hem!?” demonstrando dúvida da capacidade do soldado surdo ao manusear a granada. Em “A competição dos sapos”, o tom irônico denota incredulidade no sapo surdo. Houve aí um esforço cognitivo dos sapos ouvintes, ao refletirem sobre a situação de o sapo surdo tentar subir, e não acreditarem que ele concluiria a prova. Outro momento em que há esforço cognitivo está na ação do sapo ouvinte informar que tentaria subir na árvore. Em “Minhas pernas fugiram”, ao olhar para o celular, o personagem, visivelmente não concorda com o que vê isso indica que houve um esforço mental sobre a ação e por não concordar emite a interjeição de discordância. No vídeo “Quem tomou meu café”, é possível perceber um esforço mental nas cenas em que o personagem percebe a fatura; lembra que não efetuou o pagamento e no final quando ele não consegue compreender o porquê de o café sumiu de dentro da xícara. Isso configura, portanto, uma interjeição expressiva cognitiva.

Interjeições persuasivas quando se leva em consideração o valor específico de cada elemento interjetivo, tendo como componente básico o querer ou não querer

fazer algo. Elas possuem valores de chamado, apelo, entre outros. É importante ressaltar que os elementos constitutivos desse tipo de interjeição levam em consideração aspectos da cultura subjetiva, no nosso caso, a brasileira (Rebello, 2016) citando Bennett (1998) e o conceito de julgamento complexo de Harre (1998).

A ocorrência de interjeições persuasivas aparece em três vídeos: No vídeo, “O soldado surdo”, ela é vista por meio do chamado do comandante, ou seja, por não acreditar na capacidade do soldado surdo, ele ordena que soldado execute a tarefa de desarmar e atirar uma granada para fim de comprovação. No vídeo “A corrida dos sapos”, o tom do chamado tem enfoque competitivo. Os sapos ouvintes incitam o sapo surdo para ele subir na árvore, embora não acreditem que ele consiga atingir o topo por ser surdo. No terceiro vídeo, “Minhas pernas quase fugiram”, o chamado do personagem para as pernas voltarem ao corpo é apelativo, depois que ele pede que elas esperem e por obter resposta negativa, ele apela.

A função apelativa está relacionada no diálogo discursivo ou nas ações das pessoas. Todas essas questões corroboram que a interjeição se refere às expressões com significados relacionados ao contexto.

Dois conceitos que merecem destaque e possuem distinções são as *interjeições* e *locuções interjetivas*. As locuções necessitam de duas ou mais palavras para construção do sentido e, portanto, compreender o contexto. Nestas frases encontramos a questão da intensidade da palavra, conforme os exemplos a seguir:

Em “Minhas pernas quase fugiram”, encontramos duas referências à locução interjetiva. A primeira na imagem (52) que se assemelha a “Ora, bolas!” e na imagem (53) que entendemos também como “Venha cá!”. Interessante ressaltar que, diferente das línguas orais, as locuções em Libras não apresentam necessariamente dois ou mais sinais. Nos exemplos citados, o que a torna locuções interjetivas é a duplicação do sinal. Melhor esclarecendo, ao usar o sinal de vir duas vezes ou mais, chamando na direção de quem sinaliza. Subentende-se pelo contexto, como “venha cá!” Em “ora, bolas!”, o entendimento vem pelo movimento do braço em punho fechado e a entonação da ENM do personagem.

No dicionário de Libras (Capovilla, 2017) temos vários exemplos, escolhemos dois: “Bem-feito!”, apresenta expressão não manual de regozijo e o movimento da mão dominante é forte e repetido. Na locução, “Eu desisto! ou Estou fora!”, a interjeição vem de um gesto universal onde as mãos espalmadas para cima, braços

dobrados com um movimento de jogar um ou as duas mãos para frente/baixo com eNM negativa de não gostar do acontecido. É importante compreendermos essas locuções no contexto em que são usadas, visto a variedade de valores que apresentam.

Outras funções que as interjeições assumem e que se apresentam nos vídeos analisados como: fática que mantém contato comunicativo entre os interlocutores; conativa, cujo objetivo é chamar a atenção de um dos sinalizantes; as primárias são pequenas palavras (sinais simples) com teor independente que por si só atribui significado além de poder ser substituída; e a secundárias, que também são independentes, além de serem itens de outras classes de palavras que se comportam como uma interjeição. Nesse contexto, sintetizamos a seguir as referidas interjeições descritas em alguns vídeos analisados.

Em “Minhas pernas quase fugiram” o verbo vir, espere/pare mantém a função fática entre o personagem e suas pernas que “quase fugiram”. Desse modo consideramos também enquanto dá ideia de tempo. Interjeição secundária por admitir outras classes, como a dos verbos, mas que no vídeo, incorporam a interjeição emitida pelo personagem. O mesmo fato ocorre em “A competição dos sapos” a partir da utilização dos termos “vamos!” (verbo vir) e “avante!”, “força!”, que são substantivos, mas que assumiram a função de interjeição por terem sido emitidas pelo público quando os sapos ouvintes tentavam atingir o topo da árvore. Enquanto função secundária, uma delas foi identificada no vídeo “Quem tomou meu café” a partir da emissão da interjeição “Puxa”! que tem valor semântico independente, pois foi usada pelo personagem para demonstrar o estado mental do sujeito no momento em que, possivelmente, percebe o valor a pagar da fatura.

Consideramos as interjeições descritas neste estudo como pertencentes ao nível fonológico e lexical. Fonologicamente estão diretamente ligadas às expressões não manuais, quando se manifestam de forma sintomática, ou seja, quando o sujeito expressa as suas emoções. Além disso, ao emitir uma interjeição, o sujeito se utiliza de gestos universais, considerados com componentes das línguas de sinais e que, de certa maneira, fazem parte das interjeições por estarem interligadas às expressões não manuais. Dito de outra forma, os gestos são utilizados como complemento na comunicação humana, mesmo sem necessariamente comporem um sinal (nas línguas de sinais). Sempre aparecem por meio das configurações de mãos, seja por

meio de um vocativo, o ato de chamar alguém ou por meio do imperativo, imposição de uma ordem entre os interlocutores.

Percebe-se também que, quando as interjeições são emitidas por meio de uma palavra ou sinal, de uma classe gramatical como substantivo, verbo adjetivo, elas incorporam um item lexical, como por exemplo: “Vamos!”, que é um verbo e se transforma em interjeição quando é utilizado isoladamente. Diferentemente de “Fica!” “Pare!” “Olhe!”

Nesse sentido, pertencentes ao léxico da língua, encontram-se registradas em dicionários de Libras como um verbete, uma unidade do léxico. São descritas quanto aos parâmetros de formação dos sinais, tratadas como categoria gramatical ou classe de palavras (dependendo da escolha do lexicólogo), mas não são compreendidas pelos interessados no aprendizado da língua em seus contextos de usos, fazendo com que o aprendiz entenda que as interjeições sejam utilizadas da mesma maneira em todos os contextos comunicativos.

As interjeições em Libras, por serem expressivas, apresentam-se de duas formas: (a) sintomáticas - quando o sujeito expressa as suas emoções/sentimentos de forma individual sem a presença de um interlocutor, como por exemplo, numa situação individual de susto, medo, pavor etc. (b) interativas - quando acontecem em diferentes situações comunicativas e exigem a presença de um interlocutor, seja pessoa, animal ou objeto. Além disso, executam seu papel de maneira satisfatória uma vez que são expressões espontâneas e acontecem de acordo com o estado mental do sujeito. Mesmo numa situação de interação comunicativa elas não se apresentam da mesma forma, fato que foi observado nos vídeos descritos nesta tese.

Conforme descrição, análise, discussão e considerações sobre as interjeições em Libras encontradas nos vídeos que compõem o *corpus* desta tese, embora não tenhamos identificado a que classe as interjeições pertencem, conforme literatura analisada, é notório que as expressões não manuais têm grande influência nas manifestações interativas entre os sinalizantes.

Nessa perspectiva, não pretendemos encerrar as possibilidades de novas análises serem feitas, pois por ser uma língua viva e dinâmica e está em constante movimento. E à medida que surgem novos sinais, outras interjeições podem surgir mediante o movimento cultural que perpassa as gerações e que, possivelmente, haverá novos registros e novas análises que poderão contribuir para que essa tese

ganhe espaço no âmbito acadêmico e, conseqüentemente contribua para o campo da linguística.

No capítulo a seguir teceremos as conclusões de nosso estudo.



Considerações Finais: Ufa!

De acordo com os objetivos desta tese em descrever as interjeições enquanto fenômeno linguístico que acontece na interação discursiva de usuários surdos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais, foi possível *analisar como as interjeições se manifestam na Libras*, sua frequência de uso, bem como identificar como elas se apresentam na interação comunicativa através de alguns gêneros discursivos.

A partir da análise dos vídeos, criteriosamente selecionados, foi possível reafirmar que os usuários surdos da língua mantêm contato comunicativo através dos parâmetros da Libras, especificamente através das expressões faciais que podem, inclusive, assumir a função de interjeição, face ao contexto em que estiver inserida. Desse modo, foi possível ampliar os estudos linguísticos da Libras que, de acordo com Brito (2010), possui toda complexidade semelhante a qualquer sistema linguístico, assim como os “universais linguísticos” como as interjeições, por exemplo. Embora sejam manifestados por outra modalidade (visual-espacial), as expressões faciais e uso de gestos e algumas configurações de mãos servem como apoio à emissão das interjeições.

Deixamos como subsídio, para aprofundamento teórico-metodológico, continuidade de estudos ou até mesmo auxiliar para outras pesquisas que se debrucem neste campo do conhecimento, a identificação do uso de algumas interjeições em diferentes aspectos linguísticos e gramaticais. Ou seja, conforme analisado nos vídeos, foi possível perceber que uma mesma interjeição pode ser expressa de diversas maneiras a depender do modo como o sinalizante a representa. Dito de outra maneira, a interjeição “Oh!”, por exemplo, pode ser expressa apenas com as expressões não manuais, com ou sem apoio das mãos, ou através do uso de gestos espontâneos sinalizados no espaço neutro à frente do corpo ou mesmo tocando alguma parte do corpo.

Face ao resultado encontrado, constatamos que as interjeições são consideradas como fenômeno interjetivo, por sua natureza espontânea, emotiva e discursiva. Por vezes nos leva a entender que se trata de um recurso comunicativo simples seja do ponto de vista, da forma, seja de seu aspecto funcional/discursivo. Tal fenômeno poderia fazer parte tanto do campo da semântica, quanto da pragmática, pois a compreensão de uma interjeição depende da análise do contexto em que ela aparece.

As interjeições e locuções são altamente dependentes do contexto e, muitas vezes, se apresentam isentas do significado lexical, mas expressam valores semântico-argumentativos discursivos e pragmáticos que são largamente empregados na comunicação.

Em virtude de toda narrativa construída ao longo desta tese, não poderíamos deixar de mensurar os desafios encontrados desde a discussão sobre a temática (que teria outro teor), até a escolha do *corpus* para análise e produção de novos conhecimentos em torno das interjeições em Libras.

O primeiro desafio refere-se ao fato de estudarmos as interjeições uma vez que ainda não há consenso sobre o seu pertencimento, tanto nas línguas orais, quanto nas línguas de sinais, especificamente a Libras. Por isso, as interjeições em Libras carecem de novos estudos por estarem atreladas às expressões não manuais e que inclusive adotam outras funções nas línguas de sinais, como entonação (prosódia), marcadores, dentre outros.

Outro ponto desafiador diz respeito à escassez de literatura na área das línguas de sinais que definam e classifiquem as interjeições. Embora tenhamos analisado três obras, referenciadas ao longo da pesquisa, consideramos insuficiente para a magnitude do que objetivamos no sentido de descrever as interjeições a partir da ação comunicativa dos sinalizantes.

O terceiro desafio refere-se à escolha do *corpus* da pesquisa. Inicialmente optamos por um vídeo institucional. Não contemplando os critérios de escolha, nos direcionamos então para o gênero humor (piadas).

Um dado desafiador e que merece destaque é sobre o processo de construção desta tese. Enquanto pesquisador surdo, tenho a Libras como minha primeira língua, e a língua portuguesa, por segunda. Sendo assim, para a composição textual desta pesquisa, foi necessária a colaboração de Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais/Português. O processo decorreu de maneira dialógica, à medida que tinha

acesso aos textos. Os argumentos teórico-metodológicos eram sinalizados e posteriormente traduzidos pela equipe me deu suporte em todas as etapas.

É pertinente destacar a relevância desta pesquisa em duas grandes esferas: o âmbito social e o das ciências humanas. Na esfera social, contribuirá para a quebra de alguns mitos a respeito da Libras, como: ser universal; uma versão sinalizada da língua oral ou até mesmo considerada apenas gestos ou mímicas e não uma língua. Por outro lado, reforça seu *status* linguístico através de novos registros, de modo que seus elementos constituintes promovam novas pesquisas acadêmicas, fato que faz jus a sua relevância científica, pois por ser uma língua recente, permanece ativa e requer, cada vez mais, compor os estudos na área.

No âmbito educacional, esta tese favorecerá a área da linguística aplicada sobre ensino da língua, desde a educação infantil ao ensino superior, levando em consideração o papel da interação comunicativa e os aspectos culturais inerentes à língua, promovendo pesquisas que explorem outros aspectos nas diferentes áreas do conhecimento. Mais especificamente, contribuirá para educação bilíngue de surdos a partir da produção de materiais didáticos que levem em consideração as interjeições, principalmente no uso de contação de histórias e até no ensino de língua portuguesa para surdos como segunda língua.

Ter concluído esta tese é como viver um misto de sentimentos, envolvendo muitas emoções. E o desejo de encontrar, criar interjeições que possam expressar a sensação de dever cumprido. Ao alcançar o objetivo a que me propus, reafirmo meu compromisso de cidadão militante, professor e pesquisador das línguas de sinais, na certeza de que deixo uma grande contribuição para as comunidades surdas.

Referências

- ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB):** um estudo de caso longitudinal. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- AMARAL, M. A.; A. COUTINHO; M. R. D. MARTINS. **Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- AMEKA, F. **Interjections:** The universal yet neglected part of speech. *Journal of Pragmatics* 18, 1992.p. 101-118,1992. Disponível em: https://pure.mpg.de/rest/items/item_855720_1/component/file_855719/content
Acesso em: 10/10/2022
- AURÉLIO, B.H. F. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Editora Positivo, 2010.
- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- AZEREDO, J. C. de **Gramática Houaiss da língua portuguesa.** 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- ASLU. **American Sign Language University.** Página de web. Disponível em: <https://www.lifeprint.com/asl101/pages-signs/g/good-heavens.htm> e acesso em: 30 de outubro de 2022.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo, Parábola Editorial, 2012.
- BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009.
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language.** Silver Spring MD: Linstok, 1978.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Ed. 37. ver., ampl e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.
- BECHARA, E. **Gramática Fácil da Língua Portuguesa.** 1ª ed. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014
- BEHARES, L. E. **Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança surda.** In: M. C. MOURA; A. C. B. LODI & M. C. da C. PEREIRA. Orgs.. *Língua de Sinais e Educação do Surdo.* Série de Neuropsicologia, vol. 3. São Paulo: Tec Art, 41-55,1993.
- BENDAYAN M.; MORGENSTERN A. **L'acquisition de l'exclamation en langue des signes française :** quelques intuitions.... In: *Faits de langues*, n°6, Septembre 1995. L'exclamation. pp. 57-62.
- BIDERMAN, M. T. C. **A face quantitativa de linguagem:** um dicionário de frequências do Português. *Alfa (UNESP)*, v. 42, p. 161-181,1998.

- BRASIL, **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf> . Acesso em: 06/10/ 2022.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. (Série Atualidades Pedagógicas, n.4). BRITO, L.F. (Org.). V.3. Brasília: SEESP, 1998. 127p.
- BRENTARI, D., PADDEN, C. A. **Native and Foreign Vocabulary in Sign Language: a Lexicon with Multiple Origins**. In: BRENTARI, D. (Ed.), Foreign vocabulary in sign languages: a cross-linguistic investigation of word formation. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates. 2001
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- BRITO, L. F. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, 1990.
- BUTCHER, C. e GOLDIN-MEADOW, S. **Gesture And The Transition From One-ToTwo-Word-Speech: When Hand And Mouth Come Together**, In MacNeill, D. org. Language and Gesture, Cambridge University Press, Cambridge, 1992.
- CÂMARA JR., J. M. **Princípios de linguística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1977.
- CAMPOS, M. I. B. e ASSUMPÇÃO, N. **Tantas linguagens**: língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso: Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2007.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D.; TEMOTEO, J.G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: A Libras em Suas Mãos. 1. ed. São Paulo, SP: Edusp, 2017.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 2 ed. São Paulo, Edusp. 2001.
- CASTRO JÚNIOR, G. **Projeto VARLIBRAS**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2014.
- CAIXETA, G. F.. **Que bom, que bom, ai, que bom!**. Da existência da relação retórica de interjeição. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CHEN, Y. GOTTESMAN, R. F e KRAUSS, R. **Lexical Gesture and Lexical Access: A Process Model**, In MacNeill, D. org. Language and Gesture, Cambridge University Press, Cambridge, 1992.
- CHOMSKY, Noam. **Sintact Structures**. The Hague: Mouton, 1975.
- CHOMSKY, Noam; **Knowledge of language. It's nature, origin and use**. New York: PRAEGER, 1986.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CIENKI, A. (2017). **Analysing metaphor in gesture: a set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G)**. In: SEMINO, E.; DEMJÉN, Z. (Eds.), *The Routledge handbook of metaphor and language* (pp. 131-147). London: Routledge.

COLE, M. **Cultural psychology: A once and future discipline** Cambridge. Harvard University Press, 1998.

CUNHA, C. **Gramática de base**. 4. Ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CUNHA, C.; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELFENBEIN, H. A. **Nonverbal dialects and accents in facial expressions of emotion**. [Manuscrito]. *Emotion Review*. 2013.

EMMOREY, K.; U. BELLUGI & E. KLIMA .1993. **Organização neural da língua de sinais**. In: M. C. Moura; A. C. B. Lodi & M. C. da C. Pereira. Orgs. *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série de Neuropsicologia, vol. 3. São Paulo: Tec Art, 19-40.

EHLICH, Konrad. 1986. **Interjektiones**. Tübingen, Max Niemeyer.

EKMAN, P., Friesen, WV, & Ellsworth, P. **Quais são as contribuições relativas do comportamento facial e da informação contextual para o julgamento da emoção?** Em P. Ekman (Ed.), *Emotion in the human face* (pp. 111-127). Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FARIAS KLIMSA, S.B de. **Proposta de dicionário infantil bilíngue libras/português**. Tese de doutorado. João Pessoa; UFPB - Universidade Federal de Paraíba. Departamento de Linguística e Ensino, 2016.

FARIAS KLIMSA, S.B de; KLIMSA, B. L.T. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Recife: Unidade Acadêmica de Educação à Distância e Tecnologia, 2010. 3ª edição.

FELIPE, T. A. **O processo de formação de palavra na Libras**. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803> Acesso em: 30/10/2022

FELIPE, T. A. **Libras em contexto: Curso básico**. Manual do professor/instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

FELIPE, T. A; FERREIRA BRITO, L. Fascículo 7: **A Língua Brasileira de Sinais**. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. *Educação Especial: Deficiência Auditiva*. Org. RINALDI, G et al. Brasília: 1997.

FELIPE, T. A. **A estrutura frasal na LSCB**. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989.

FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. **LIBRAS em Contexto – Curso Básico – Livro do Professor**, 2ª Edição, Brasília: MEC/SEESP/FNDE, 2008.

FELIPE, T. A. **O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras**. *Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso*, 8(2), Port. 67–89 / Eng. 65, 2013.

FERNANDES, S. **Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** Curitiba, Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, 1998.

- GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos;1)
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009
- GONÇALVES, Miguel. **A interjeição em português:** contributo para uma abordagem em semântica discursiva. Coimbra: FCG/FCT, 2002.
- HALL, S. TRAIN-GONE-SORRY: **The etiquette of social conversations in American Sign Language**. Sign Language Studies, n. 41. p. 291-309, 1983. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ291707> Acesso em: 05/10/2022
- HARRE, Rom. **Emotions, across cultures. Innovation:** The European Journ of Social Sciences, Londres, v.11, n.1, mar. 1998. Disponível em: <<http://www.tandf.co.uk/journals/default.html>> Acesso em: 02/10/2022
- HENDRIKS, H. B. (2008). **Jordanian sign language** : aspects of grammar from a cross-linguistic perspective. LOT. 193 Disponível em: https://www.lotpublications.nl/Documents/193_fulltext.pdf e Acesso em: 15/10/2022.
- HOUAISS, A. e Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 2850, 2001.
- ISFLOCOS, Gabriel Isaac. **Desafios de cinco segundos**. Canal Youtube, 12/06/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJyvUfAyhSI&t=955s> e acesso em: 30/10/2022
- JAKOBSON, Roman, 1960. **Linguistics and poetics**. In: Thomas Sebeok, ed., Style in language, 35& 377. Cambridge, MA: MIT Press.
- JANSON, Tore. **A história das línguas;** tradução Marcos Bagno. – 1. Ed. – São Paulo: parábola Editora, 2015
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **On defining lexeme in a signed language**. Sign Language and Linguistics, 2(2), 115-185. 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233603493_On_Defining_Lexeme_in_a_Signed_Language Acesso em: 12/10/2022
- KITA, S. 2009. **Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review**. Language and Cognitive Processes 24(2). 145–167. Disponível em: http://wrap.warwick.ac.uk/66214/2/WRAP_Kita_culture_and_gestue_LCP_v13-distr%20%281%29.pdf Acesso em: 24/10/2022
- KLIMA, E. S. & U. BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Harward University Press, 1979.
- KRIEGER, M. da G.. **Políticas públicas e dicionários para escola:** o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. Cadernos de Tradução, v.2, n.18, p.235-252, 2006.
- LACERDA, C.; SANTOS, L.; MARTINS, V. (org) **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- LAPIAK, J. **Introducing interjections in Sign Language**. Página de web. Handspeak® trademarked. (1995-2022). Disponível: <https://www.handspeak.com/learn/index.php?id=36> Acesso em 30/10/2022

LEE, A. P. **Ideophones, Interjections, and Sound Symbolism in Seediq**. *Oceanic Linguistics*, 56(1), 181–209, 2017. <http://www.jstor.org/stable/26408528> Acesso em: 28/10/2022

LETRAS/LIBRAS, UFRJ. **A competição dos sapos**. Canal Youtube, 30 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GdI0uP7z-H0&t=81s> e Acesso em: 30/10/2022.

LETRAS/LIBRAS, UFRJ. **O soldado surdo**. Canal Youtube, 11 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4G7C3HfXli4&t=48s> e Acesso em: 30/10/2022.

LIBRAS BR, **Bate-papo em Libras**. Canal Youtube, 19 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CdOUVt-HWFO&t=2s> e Acesso em: 30/10/2022.

LIBRAS: **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011**. Rio de Janeiro: Acessibilidade Brasil, 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 01/10/2022

MANRIQUE, E. **"Other-initiated Repair in Argentine Sign Language"** *Open Linguistics*, vol. 2, no. 1, 2016. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2016-0001/html> Acesso em: 28/10/2022

MARCUSHI, L. A. **Oralidade e Letramento**. In: *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATTOSO CAMARA JR. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004; p.11.

McNEILL, D. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago: TheUniversity of Chicago Press, 1992. 416p.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2007

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1966.

OLIVEIRA, G. M. **Política Linguística na e para além da Educação Formal**. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 87-94, 2005, p.87-94.

PADDEN, C. A. **Early bilingual lives of deaf children. Cultural and language diversity and the deaf experience**, Parasnis, Nova York: Cambridge University Press, p. 99-116. 1998. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cultural-and-language-diversity-and-the-deaf-experience/early-bilingual-lives-of-deaf-children/2A96543F783D59A56795F3773B171610> Acesso em: 25/10/2022

PADLEY, G. A. **Grammatical theory in Western Europe 1500-1700**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PASSOS, R. **Parâmetros físicos do movimento em Libras [manuscrito] : um estudo sobre intensificadores**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 242 f., enc. : il., graf. 2014.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, M.A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. Parábola: São Paulo, 2007.

PETITTO, L. A. **On the equipotentiality of signed and spoken language in early language ontogeny**. In: SNIDER, B. (Ed.), *Post-Milan ASL and English literacy. Issues, trends, and research*. Washington, D. C.: Gallaudet University Press, 1994. p. 195-223.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de LIBRAS 1 – Iniciante**. 3 ed. rev. E atualizada. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

POIZNER, H.; E. S. KLIMA & U. BELLUGI. **What the Hands Reveal about the Brain**. Cambridge, MA: MIT Press, 1987.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Libras**; editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

_____; PIZZIO, A. REZENDE, P. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis, UFSC, 2009. Disponível em:

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf Acesso em: 26/10/2022

_____; SILVA, J. B.; ROYER, M. **Gramática de Libras: questões metodológicas**. Fórum Linguístico, v. 17, n. 4, p. 5526-5542, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77418> Acesso em: 28/10/2022

QUIRK, R., Greenbaum, S., Leech, G., & Svartvik, J.. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London: Longman Group Limited, 1985.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 28. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

REBELLO, Adriana. **Interjeição – Um fator de identidade cultural do Brasileiro**. Jundiá, Paco Editorial: 2016.

RÉE, J.. **I See a Voice: Deafness, language and the senses – a philosophical history**. New York: Metropolitan Books, 1999.

REILLY, J. **How faces come to serve grammar: the development of non-manual morphology in ASL**. In B. Schick, M Marschark, and P Spencer (Eds.) *Advances in the Development of Sign Language by Deaf Children*, Oxford University Press. pp.262-290, 2006. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/283695985_How_Faces_Come_to_Serve_Grammar_The_Development_of_Nonmanual_Morphology_in_American_Sign_Language Acesso em: 26/10/2022

- _____; MCINTIRE, M. L.; SEAGO, H. **Affective prosody in American SignLanguage**. In: Sign Language Studies, p. 113-228, 1992.
- ROBINS, R. H **A short history of linguistics**. London: Longman, 1979.
- ROBINS, R. H. **Linguística geral**. 2. ed. Porto Alegre: 1981
- SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta: Companhia das Letras, São Paulo, 2010.
- SANDLER, W., & LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge University Press, 2006.
- SANTAROSA, Lucila Maria. **Telemática y la inclusion virtual y social de personas con necesidades especiales: un espacio posible en la Internet**. in: V Congresso Ibero-americano de Informática na Educação-RIBIE: Vinã Del Mar, 2000.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970; 1975; 1995.
- SEARLE, John. **Ehat is a speech act?** Em: Martinich, A. (Org), The Philosophy of Language. (Originalmente publicado em 1965). Oxford; Oxford University Press, 1996.
- SEGALA, R. (2022) **O pensamento do sucesso**. Instagram: @rimarsegala. Disponível em: <https://www.instagram.com/rimarsegala/> e Acesso em: 25/10/2022
- SIGNGRAM BLUEPRINT. 2020. Disponível em: <http://signgram.eu> Acesso em: 12/10/2022.
- SIGN-HUB. 2020. Disponível em: <https://www.sign-hub.eu> Acesso em: 12/10/2022
- SILVA, R. CUSTÓDIO. **Minhas pernas quase fugiram**. Canal Youtube, 3 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWsc8JNLN1A&t=16s> e Acesso em: 30/10/2022.
- SILVA, R. CUSTÓDIO. **Quem tomou meu café?**. Canal Youtube, 20 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8eNvLkPHL4k&t=61s> e Acesso em: 30/10/2022.
- SOFIATO C. **Do desenho à litografia: A origem da Língua Brasileira de Sinais**. Tese de doutorado. UNICAMP, CAMPINAS/SP, 2011.
- SOUZA, R. M. de. 1998. **Que Palavra que Te Falta?** São Paulo: Martins Fontes.
- SPREAD THE SIGN. **Örebro: European Sign Language Centre**, 2015. Disponível em <<https://www.spreadthesign.com/br/>>. Acesso em: 20/10/2022
- STOKOE, W.. **Sign language structure**. An outline of the visual communication systems of the american deaf. Studies in Linguistics. nº8. University of Buffal: 1960.
- STOKOE, W.. **Sign language structure**. (Edição revisada.) Silver Spring: Listok Press, 1978.
- STROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
- TEIXEIRA, A. **As interjeições do português brasileiro e seus aspectos indexicais**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

- TRABANT, J. **Gehören die Interjektionen zur Sprache?** In: H. WEYDT (Hg). Partikeln und Interaktion. Tübingen, Max Niemeyer, 1983, pp.69-81
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**; ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2004.
- TV INES. Os vídeos publicados: “**Diário de Bel**” e “**De olho na Ciência**”. Produção Roquette Pinto Comunicação Educativa, 2006.
- URBANO, H. **Cortesia na literatura: manifestações na interação com o leitor**. In: PRETI, D. (org.). Cortesia Verbal. São Paulo: Humanitas. Projetos Paralelos, NURC/SP, v. 9. 2008.
- VILARINHO, M. M. de O. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- WOODWARD, J. **Modern Standard Thai Sign Language: Influence from American Sign Language and its relationship to original Thai Sign Language varieties**. Sign Language Studies, v. 92, 1996. p. 227-252.
- WIERZBICKA, A. **Cross-cultural pragmatics – the semantics of human interaction**. Second edition. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, (1991;2003)
- WIERZBICKA, A. 1992. **The semantics of interjection**. Journal of Pragmatics 18: 159-192 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248004638_The_semantics_of_interjection Acesso em: 28/10/2022
- WILBUR, R.; PETITTO, L. A. **Discourse structure in American Sign Language conversations**. Discourse Processes, v. 6, p. 225-241, 1983. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01638538309544565>> Acesso em 06/10/2022.
- _____; MALAIA, E; E SHAY, R. A. **Degree modification and intensification in American sign language adjectives**, Springer Berlin Heidelberg, 92-101, 2012.
- WOODWARD, J.C. Jr. (1996). **Signs of change: historical variation in american sign of deafness**. Washington: Gallaudet University Press.
- XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais. 2014. Tese Doutorado em Linguística. Instituto de E. da Linguagem, Universidade E. de Campinas, Campinas, 2014.
- XAVIER, A. N. **Doubling of the number of hands as a r. for the expression of meaning intensification in Brazilian Sign Language**. Journal of Speech Sciences, v.1,169,181,2013.